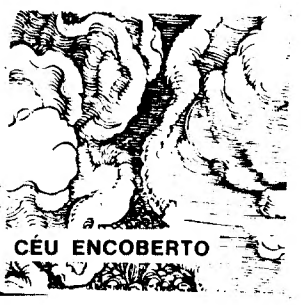
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

SÁBADO, 25 DE MARÇO DE 1972-N.º 17692-ANO 51.º-PREÇO 1$50



O BARREIRO CONTRA A POLUIÇÃO

Barreiro, um céu negro e baixo, mistura pesada de gases de humidade, terra de raro Sol, intoxicada entre nuvens negras e um rio envenenado onde o peixe morreu. Entretanto, a CUF anuncia dispositivos técnicos para combater a poluição. Que pensa disto o povo que lá vive? (Páginas centrais).

"Overcraft" substitui o cacilheiro

Vão fundir-se as empresas de transportes fluviais no Tejo. O cacilheiro cederá a vez ao «overcraft», de que ontem se fez uma primeira viagem experimental. (Págs. int.).

HOJE 48 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

Um português ri em Edimburgo

Dezoito nações disputam hoje em Edimburgo o torneio musical mais publicitado do ano — o concurso de canções da Eurovisão. Calcula-se que uns 400 milhões de pessoas, em mais de 20 países, assistirão ao espectáculo, que o júri, «sequestrado» num castelo da Escócia, também acompanhará pela TV. A canção favorita é «Dado, Roubado ou Emprestado», com os «New Seekers», em representação da Inglaterra e que já vendeu um milhão de discos. Ontem, em Edimburgo, Carlos Mendes posava sorridente para os fotógrafos, como se vê na telefoto UPI/Telimprensa/«DL», mas mostrava-se algo desanimado com a orquestra. Completa matéria sobre o certame está no suplemento «DL/Show, que sai hoje com 16 páginas, para corresponder cada vez mais ao acolhimento entusiástico que mereceu dos leitores em todo o País.

Sra. Binh chega a Paris

À sua chegada a Paris, a sr.ª Thi Binh, ministro dos Negócios Estrangeiros e chefe da delegação do GRP do Vietname do Sul às conversações de paz em Paris, foi saudada pelo embaixador de Pequim naquela cidade. A sr.ª Binh esteve seis meses afastada das conversações, mas constava que voltaria com novas propostas. Por isso os observadores ficaram muito surpreendidos com a interrupção das reuniões por parte da delegação norte-americana, poucos dias antes da sua chegada. (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»).

TRÉGUA DIVIDE O IRA

Bernadette Devlin assistindo nos Comuns ao histórico anúncio de Heath. (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

LONDRES, 25 (F.P.) — Os responsáveis da ala «provisória» do IRA teriam a intenção de proclamar uma trégua de três ou quatro semanas após as iniciativas políticas tomadas ontem pelo Governo britânico, revelou o correspondente do «Guardian» em Belfast.

Winchester, que normalmente se encontra bem informado indicou que os oficiais do comando do IRA achavam indispensável a suspensão das suas actividades militares devido as inevitáveis alterações de atitude na população católica provocadas pelas iniciativas britânicas.

Se estas informações forem confirmadas tudo leva a crer que existem sérias divergências entre os chefes do IRA. Ontem em Dublin, o chefe do IRA «provisório» Sean Macstofain declarou que prosseguirá as operações militares enquanto não fossem satisfeitas as exigências daquela organização clandestina: amnistia para os internados fim do Stormont (parlamento da Irlan-

Continua na pág. 18

Peritos financeiros vêm propor "Grupo dos Vinte"

NAS PAGS. INTERIORES

João Pereira da Rosa

Completam-se hoje dez anos sobre a data em que faleceu João Pereira da Rosa, saudoso director do nosso prezado colega «O Século».

Evocando nesta data a sua memória, recordamos a figura e a obra de quem tanto prestigiou a Imprensa portuguesa.

Agricultores suecos em Portugal

Um grupo de 37 agricultores suecos esteve na Estação Agronómica Nacional, em Oeiras, assim iniciando uma série de visitas a organismos oficiais, explorações agrícolas, adegas cooperativas, etc., durante as duas semanas que permanecerão no nosso País. Chefiado pelo sr. Lindstrom, director do jornal «Land», da Associação dos Agricultores Suecos, o grupo de visitantes está a procurar inteirar-se dos métodos usados na agricultura portuguesa (além de aproveitar para fazer turismo) e alguns pensariam mesmo na possibilidade de virem a estabelecer-se em Portugal. Nos próximos dias, visitarão as herdades de Rio Frio e da Barroca, a Adega Cooperativa de Lagoa, a Estação Agrária de Tavira, a Estação Experimental de Fonte Boa e a fábrica de conservas de tomate de Caia, entre outros empreendimentos.

CONDECORAÇÃO

O ministro da Defesa e do Exército impôs ao brigadeiro Lopes dos Santos, governador de Cabo Verde, a medalha de ouro de serviços distintos com palma, que foi concedida pela sua acção quando exerceu na Guiné, funções de comando. À cerimónia, que decorreu no Forte de S. Julião da Barra, estiveram presentes o ministro do Ultramar, o secretário de Estado de Exército, os subsecretários do Estado da Administração e do Fomento Ultramarino e outras individualidades.

ORDEM

Presidida pelo bastinário, dr. Almeida Ribeiro, reuniu-se a assembleia geral da Ordem dos Advogados, que aprovou as contas do conselho geral do ano passado, bem como uma proposta para aumento das quotas mensais, que passaram a ser de cem escudos.

RECURSOS

No Supremo Tribunal Militar, e em audiência presidida pelo general Costa Macedo, foram julgados os recursos interpostos nos processos dos réus soldados Francisco Oliveira Teixeira Neves de Custódias, Matosinhos (deserção e extravio de artigos militares); António Jerónimo Henriques, de Lourinhã (mesmos delitos) e Ildeberto Raposo de Medeiros, de Ribeira Seca, S. Miguel (autoria de atropelamento mortal). Verificaram-se alterações em todas as penas inicialmente impostas.

DESESPERO

Maria Teresa Ferreira de Jesus, de 19 anos, solteira, vivia maritalmente, em Repolão (Oliveira de Bairro), com Alberto Ferreira Pinheiro, de 17. Cansada dos maus tratos inflingidos por este, pegou de uma pistola e matou-se. Antes do seu acto de desespero, escreveu uma carta em que afirmava não estar disposta a trabalhar para sustentá-lo. O Alberto deixara, efectivamente, de trabalhar.

"Amélia de Mello" vendido à Grécia

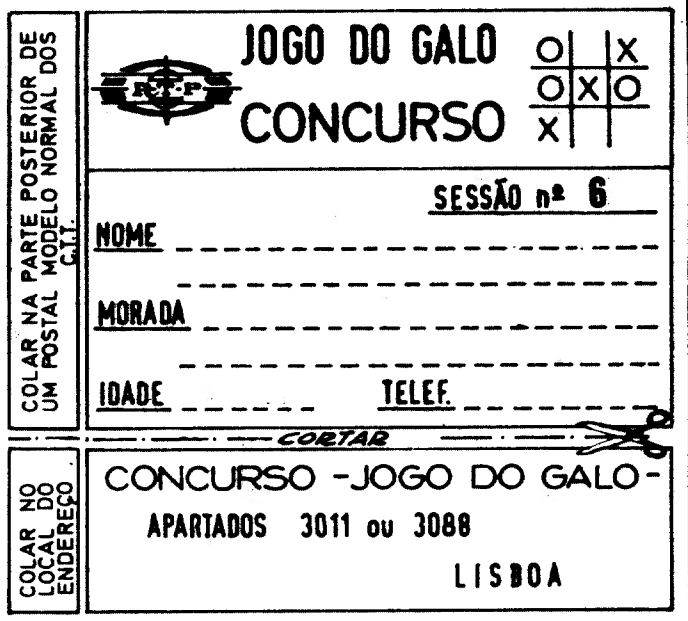
O paquete «Amélia de Mello», há anos adquirido a Israel pela Sociedade Geral do Comércio, Indústria e Transportes, para viagens com passageiros e carga para portos do Ultramar, nomeadamente Cabo Verde, acaba de ser vendido a uma empresa armadora da Grécia.

O navio vai ser utilizado em cruzeiros pela nova empresa armadora, que para isso pretende transformá-lo devidamente. Neste sentido, procurou que a transformação fosse feita nos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, cuja empresa não pode proceder ali a tais reparações, devido à falta de profundidade e a outras deficiências portuárias, que impedem os trabalhos, dado ao calado do navio.

Como a empresa armadora fez consultas ao nível internacional para a transformação do «Amélia de Mello», é muito provável que a adjudicação seja atribuída àquela empresa construtora do norte do País, embora os trabalhos venham a efectuar-se, se tal fôr possível, em colaboração com estaleiros de Lisboa. O navio «Amélia de Mello» está fundeado no Tejo.

IRONSIDE EM LISBOA

Ao princípio da tarde de ontem, Perry Mason — Ironside, vestido com o seu próprio fato, ou seja, como Raymond Burr, chegou a Lisboa. Motivo: negócios, e não só de televisão e cinema. Ràpidamente seguiu do aeroporto para o Hotel Ritz, onde às 15 horas, concederia uma conferência de Imprensa. Falou, então, dos seus negócios nos Açores, da sua empresa produtora de filmes, a «Howard Productions», e do projecto de três grandes películas históricas a realizar na Europa, sobre o Infante D. Henrique, o papa João XXIII, e o rei Christian IV da Dinamarca. Disse, ainda, que pensa recomeçar em breve a série Ironside. Parece que a Portugal não se vem apenas para ver o Sol...



MÓVEIS-BAÍA

oferece-lhe EXCEPCIONALMENTE durante esta CAMPANHA DA PÁSCOA

DESCONTOS ESPECIAIS
Em toda a sua variada gama de MÓVEIS-CAMA e seus acopulamentos

Um dos vários modelos de Móveis em exposição

VISITE-NOS!

AO SEU DISPOR TÉCNICOS ESPECIALIZADOS QUE O AJUDARÃO NA SUA DECISÃO

10 MODELOS DIFERENTES DE MÓVEIS-CAMA E SEUS ACOPULAMENTOS

MÓVEIS-BAÍA

Estrada de Benfica, 464-D — Telef. 707599
Rua Santana à Lapa, 114-A — Telefs. 676772 - 677402
Rua D. Manuel I, 76 — BARREIRO
FÁBRICA: Rua 6 de Janeiro, 63 — LAVRADIO - BARREIRO

A DETESTÁVEL INSTITUIÇÃO

Para que serve a Imprensa? Para fornecer notícias, para exprimir opiniões, para estabelecer com os factos e com o público um diálogo permanente que em cada dia conclui e responde e nesse mesmo dia interroga e recomeça. A Imprensa, no entendimento de muita gente, é incomodidade só suportável por que pode prestar alguns serviços...

Entre estes serviços, estão actualmente muito em voga as conferências de imprensa, o que, de algum modo, representa o reconhecimento, mesmo que interessado, de uma necessidade de comunicação e de informação. Entidades e organismos oficiais recorrem natural e lógicamente, a este meio para tornarem públicas de forma mais viva e directa, declarações supostamente de interesse geral. Nada há a objectar contra este facto.

Objectar-se-ia, sim, quando entidades particulares, valorizando-se unilateralmente, acreditam, às vezes com certa ingenuidade, serem os seus interesses tão importantes que justificam a conferência consagradora... Mesmo assim, a Imprensa não recusa a sua presença e a sua voz. Sem esperar que lho agradeçam.

Mas a Imprensa, repetimos, é também uma incomodidade, de tal maneira que, por vezes, não há qualquer relutância em afastá-la, apesar dos serviços anteriormente prestados ou de outros eventualmente a prestar. Aconteceu agora isto mesmo na frustrada assembleia geral extraordinária do Grémio dos Exportadores do Vinho do Porto, que não se efectuou por falta de «quorum». Foi o caso que, momentos de se abrir a sessão, o presidente da mesa perguntou aos jornalistas se não levavam a mal o não assistirem aos trabalhos. A pergunta teve a resposta que era de esperar: que sim, que levavam a mal, uma vez que nunca tal acontecera desde a fundação do Grémio; que sempre a Imprensa estivera presente nas assembleias gerais e através dela decisões e opiniões haviam chegado ao público. Estar presente era uma tradição que o tempo consagrara.

O presidente da assembleia geral pediu aos jornalistas que aguardassem e saiu a consultar o presidente da direcção do Grémio, que mandou responder: «Perante os estatutos, não queria que a Imprensa assistisse a esta assembleia, bem como a qualquer outra, de futuro.» Depois de terem protestado junto do delegado do Governo, os jornalistas saíram da sala. Não tinham o direito de ali estarem - e a sua presença era certamente incómoda... Veio a saber-se que a falta de «quorum» se deveu apenas a não terem respondido á chamada alguns exportadores, entre os quais o próprio presidente da direcção e restantes membros dela.

Estes aspectos últimos têm que ver com a vida interna do Grémio, que o próprio Grémio decidirá, ao abrigo do que determinem e permitam os seus estatutos. A nós, pelo menos neste momento, interessa-nos sobretudo focar uma atitude discriminatória que expulsou, sob cobertura regulamentar, os representantes da Imprensa. Da mesma Imprensa que um destes dias será chamada a uma conferência com o fim de louvar e servir os interesses de quem produz e exporta o vinho do Porto....

E vós tágides minhas...

Não tarda que o Tejo seja um rio morto. Largas toalhas de nafta alastram sobre as pobres águas do rio, já envenenadas pelos detritos lançados por mais um milhão de pessoas. Comandantes de barcos (nacionais, estrangeiros?) dão criminosas ordens de lançamento de dezenas ou centenas de quilos de resíduos oleosos, indigeriveis pelos sistemas auto-protectores dos cursos de água. Não há flora nem fauna que resistam a tal assalto. E, pelos vistos, nem os exemplos estrangeiros nos aproveitam: rios definitivamente mortos riscam já de negro o mapa hidrológico da Europa, enquanto nós assistimos, calmamente, à rápida degradação do maior rio do País.

A legislação sobre a protecção dos cursos de água, das costas e dos portos parece não ser bastante severa para obrigar a reflectir os causadores voluntários ou inconscientes das diversas poluições possíveis. Não será tempo de revê-la e de ajustá-la às novas exigências?

O mundo de Suzie Wong

Aqui há alguns anos, toda a gente simpatizou muito com uma exótica figura chamada Suzie Wong que então aparecera nos écrans do cinema, vivendo aventuras sentimentais e outras, num estilo tal que fez suspirar inúmeros corações masculinos dispostos a reabilitar raparigas transviadas, e enternecer outros corações femininos inclinados a perdoar comportamentos deslealmente concorrenciais...

Suzie Wong existe na vida real e (se o telegrama não engana) ganhou uma fortuna de alguns milhões de dólares, graças ao filme e ao romance donde aquele fora extraído, escrito por Richard Mason. Apesar disso, não mudou de vida, o que revela notável coerência e, sobretudo, um desprezo profundo pelo sistema que a enriquecera.

Agora, Suzie Wong foi presa e condenada a alguns meses de prisão. Drogava-se, crime que mesmo em Hong-Kong é passível de castigo... Longe dos bares que frequentava, Suzie Wong vai poder reflectir sobre as belezas de um mundo que lhe deu a fortuna por umas certas razões e que, pràticamente pelas mesmas razões, a mete na cadeia...

As aplicações do petróleo

Os nomes não interessam: estão nos registos hospitalares e passam de boca em boca na localidade onde o caso se deu. Aqui regista-se sòmente o facto, igual a tantos outros que por esse País fora são sinal de ignorância e privação.

Duas crianças foram internadas com queimaduras graves no peito por terem sido friccionadas com petróleo. Estavam constipadas, e a mãe pensou que poderia curá-las com tão extravagante «medicamento»... É de presumir que a vida destas crianças não esteja em perigo. Acabarão por curar-se, e do acidente apenas ficarão as cicatrizes e a recordação, cada vez menos viva, das dores sofridas. Tudo esquecerá, por fim.

Duradoura, só a ignorância, que é também uma espécie de queimadura

PERSPECTIVAS

A ESTRATÉGIA DE NIXON

Artigo de MARTIN SCHRAM para o «DL»

Nixon, o homem que faz campanha. Nixon, o Presidente. Nixon, o homem de Estado das cimeiras. Os democratas terão de fazer face a tudo isso em 1972, tentando bater este veterano da política presidencial. Este ano assinalará o começo do terceiro decénio em que Nixon participa na campanha para a presidência. Todavia, como o faz agora na sua qualidade de Presidente, tratar-se-á para ele de uma corrida diferente.

Em primeiro lugar, existe uma diferença de estilo. Este facto é evidente no próprio quartel-general a partir do qual a sua campanha é organizada. Em 1968, o quartel-general de Nixon encontrava-se num imóvel próximo da Casa Branca, em cujas paredes exteriores se podia ler em imensos caracteres brancos e azuis: «Nixon».

Desta vez, o quartel-general situa-se num imóvel de aspecto muito digno. No vestíbulo, uma fonte, enquanto que o único indício para o visitante de que é aqui que se fazem os presidentes consiste numa pequena placa: **Comissão para a reeleição do Presidente»**. A mesma frase aparece discretamente nas belas portas de madeira dos escritórios.

Vem em seguida a diferença de estratégia. O Presidente Nixon declarou que não haveria **«campanha partidária»** antes da convenção nacional republicana.

Nixon será candidato no menor número possível de eleições primárias. Além do New Hampshire e da Florida, estará presente em cinco primárias onde é forçado a comparecer para não correr o risco de perder os votos dos delegados destes Estados Wisconsin, Oregon, Nebraska, Tennessee e Maryland.

Os colaboradores do Presidente revelaram que esta campanha não deverá ser tão dispendiosa como a de 1968 que, segundo eles, teria custado 34 milhões de dólares. A explicação reside no facto de Nixon não ter de se bater por cada vitória nas primárias. **«Não deverá custar mais de 25 milhões de dólares, no máximo»**, calcula um dos responsáveis pela organização da campanha presidencial.

Na realidade, esta campanha teve início no princípio do ano passado com a criação de **uma «comissão de cidadãos para a reeleição do Presidente»** dirigida pelo jornalista Francis Dale. A referida comissão estava encarregada de reunir fundos destinados à campanha e os pedidos feitos por carta a **«republicanos notórios»** deram bom resultado.

A palavra **«cidadão»** foi abandonada no Outono de 1971, tendo-se simultâneamente dado início à organização actual. John Mitchell abandonou o posto de «Attorney General» a fim de assumir a direcção oficial da campanha de Nixon. Até à chegada de Mitchell, o principal organizador era um jovem discípulo da Casa Branca, Jeb Magruder.

Maurice Stans, antigo Secretário do Comércio, deixou igualmente o governo para dirigir as operações de colecta de fundos. Embora Mitchell seja o número um da campanha, existe um outro homem cuja influência é considerável apesar de o seu nome não figurar na lista dos colaboradores oficiais. Trata-se de H.R. Haldeman, que é o chefe de Estado-maior de Nixon tudo aquilo que chega ao Presidente, objectos ou pessoas, passa por Haldeman.

Mitchell e Haldeman são da mesma têmpera. Firmes, ferozmente leais, preocupam-se infatigàvelmente em proteger as actividades do Presidente dos olhares demasiadamente inquiridores do público.

Quanto a Robert Marik, organiza um sistema de computadores que deve automatizar a política como nunca o fora anteriormente. As operações telefónicas e postais passarão por um computador de modo que se poderá saber exactamente qual o assunto que interessa a determinado indivíduo. Em primeiro lugar, um inquiridor averiguará, de porta em porta, qual o género de problema que interessa a determinada pessoa. O computador encarregar-se-á de fazer chegar à pessoa em questão uma chamada telefónica ou uma carta, ou ambas, assegurando-lhe que Nixon se esforça justamente por resolver esse problema. Os colaboradores de Nixon chamam a isto «segmentação».

Presidente Nixon

Esta campanha será cuidadosamente controlada, recorrendo-se a uma judiciosa utilização de todos os meios de informação, incluindo a televisão.

Todavia, este novo **planning** e esta nova estratégia deixam uam constante que permanece desde 1968: a posição de Nixon em relação ao povo americano. Nixon foi eleito com 43 por cento dos votos populares num combate que o opôs a dois outros adversários. As sondagens Gallup revelam que, numa corrida com três candidatos, Nixon obteria 44 por cento, Muskie 41 por cento e George Wallace 10 por cento.

A Campanha de 1972 deverá, portanto, procurar aumentar uma margem estreita que não se modificou verdadeiramente em três anos de presidência de Nixon.

A VIDA DA CIDADE

O DIFÍCIL DESPERTAR

Crónica de TORQUATO DA LUZ para o «DL»

Não sei se aos leitores (presumo que sim) acontece o mesmo: nos últimos tempos tenho andado a ver qual o «récord» de tempo que atingirei para conseguir o inacessível 13. que é um número (de azar dizem) bastante curioso: serve para a gente reclamar contra avarias ou para pedir que nos acordem.

Uma pessoa chega a casa, cansada de um dia de trabalho, cheia de sono e com esta preocupação: amanhã, não vou conseguir acordar com o despertador. Pega, então, do telefone e disca o 13. Depois, espera. Espera longamente, muito longamente...e corre o risco de se deixar dormir de telefone na mão, até que a «simpática» voz feminina diga: «Avarias».

O tempo de espera varia, é claro: já tenho sido atendido imediatamente (questão de segundos), já tenho esperado cinco, dez minutos, um quarto de hora. Mas, ontem à noite, bati todos os «récords»: estive de auscultador no ouvido durante 35 minutos. É obra!

Poderia a companhia dos telefones informar-me para que número devo ligar quando o 13 não atende? É que eu sou um assinante, pago pontualmente a conta, tenho direitos. A companhia é que não tem, isso não, o direito de me roubar 35 minutos de sono.

Temos um estilo
de trabalhar os temas,
de criar imagens
gráficas e escritas.
Ao serviço do futuro
do vosso futuro.
AGÊNCIA DE REALIZAÇÕES PUBLICITÁRIAS
Rua D. Pedro V 60 1º D. Telef. 33354 326573
LISBOA

E tudo o vento levou

Ele (o que empurra o carro) é actor de teatro e foi contratado para protagonizar a nova adaptação da peça «E tudo o vento levou». Ela, com os cabelos soltos ao vento e com um grande sorriso-de-ficar-no-retrato é June Ritchie e desempenha na mesma peça o papel de Scarlet O'Hara, contracenando, portanto, com Harve. Para se habituarem a convívio no palco os dois actores decidiram ir passear para a zona de Convent Garden e de caminho aproveitaram para visitar um mercado no local. Foi então que Harve pegou num carro de carga e colocou June no lugar geralmente ocupado pelos cabazes de fruta e pelos molhos de legumes. O resultado está à vista: o fotógrafo estava lá — não foi por acaso certamente — e conseguiu um instantâneo da «viagem».

POR DEVER CONJUGAL? BRR!

Não conheço nada tão horroroso como o «dever conjugal». O conjugalismo por dever, hem? O amor pela burocracia, com horas certas de entradas e saídas, e se calhar com relógio de ponto! Ainda não consultei os alfarrábios antigos — mas quase jurava que a expressão é da responsabilidade da burguesia, no seu período ascendente. Se não é, merecia-o. Estávamos na época dos grandes Deveres (e Haveres): instalado no poder do mundo, a burguesia decreta o Dever de pagar, o Dever de respeitar, o Dever de trabalhar, perdão, de trabalhar, o Dever de Servir — e já agora por que não, o Dever de a mulher se deixar amar quando e sempre que fosse das apetências do cônjuge.

Isto igualzinho de horroroso: ter de fazer a crítica por fazer. Porque é preciso que. Por Dever teleconjugal. Pôr as mãos na cara, rezar a todos os santos, ou cerrar os dentes, fechar a alma, pôr luto no corpo todo, despedir-me de mim próprio — e agarrar na caneta, esborrachá-la contra o papel... Ah, mulheres, mulheres, quanto eu vos compreendo!

Por isso, hoje não. Hoje não faço crítica. Hoje furto-me ao «dever conjugal». Escrever por escrever? Tenho vergonha disso.

É mais que vergonha. É também um sentimento de piedade. Que podia eu dizer daquele programa de fados, o programa mais candeeiro que já vi. Onde, no entanto, o realizador Correia Alves procurava resolver alguns problemas que o fado põe à televisão: ao utilizar três acompanhadores — em vez de quatro — ao colocar o fadista em posição que lhe permita um enquadramento total com o mínimo de mútuos obstáculos e uma passagem natural para o grande plano, Correia Alves veio dar uma solução, a solução que a câmara frontal não conseguiu.

Além disso, o candeeiro. O candeeiro a sugerir a desactualização, a velhice, o fora de moda daquela fadistice. Estèticamente significativo e funcional: quando o candeeiro se apagou, apagou-se a sessão.

Aí é que esteve o mal. O grande erro da sessão. O candeeiro devia apagar-se, de acordo, mas no princípio. E de duas, uma: ou a sessão acabava logo ao princípio (o que era o ideal) ou tudo ouviríamos e nada veríamos. Do mal o menos.

Mas ouvimos. E vimos. Por isso, não haverá crítica. Porque, a haver, teria de haver crueldade. E crueldade — abomino-a. Crueldade, isto é: o extremo rigor inútil — e consentido.

Por exemplo. E não havia nada que mais me agradasse do que falar daqueles «Cinquenta anos de História», agarrar-me àquele texto e ficarmos para aqui a fazer um estudo de semântica comparada. Uma experiência apaixonante. Simplesmente...

Simplesmente, está dito: não farei crítica, hoje. Todos os escritores têm as suas gavetas; os críticos também as têm. Cá por mim, tenho uma destas cacholas, perdão!, tenho uma destas gavetas...

Claro que também gostaria — e quanto, e quanto! — de falar sobre a «pop music», responder direitinho a Carlos Cruz, apresentador dos «New Seekers». Há um batelão de coisas por dizer, mas ficará para outra altura.

Porque quanto à sessão de ontem, o conjunto inglês veio nìtidamente em viagem de promoção. Uns sabidões, estes ingleses! Mas não há dúvida que os «New Seekers» estavam de todo em todo talhados para representar o Reino Unido na Eurovisão. Conjunto sossegado, bem visto, com atestados de bom comportamento como seja ter-se exibido diante da Rainha de Inglaterra, convidados do **«Talk of the Town»** (oh lá lá!), a sua «qualidade» é notória. A sua «igualdade», isto é: a sua gramática, a sua aplicação musical. A «pop music» destes **Seekers** é dulcificante, emoliente, poliomielizadora, servida por elementos que andam naquilo há uma data de tempo. A Lyn Paul já tocava e bailava aos três anos; aos 12 iniciava-se na TV; aos 17, já entrava num conjunto, o mesmo de Eve, sua companheira de agora; o Peter Doyle, era criança e já bailava e cantava na televisão australiana; aos 14 anos já trabalhava em conjuntos. O Marty também já adquiriu experiência de cantorias na TV australiana e mandou a profissão de arquitecto às urtigas. Quanto a Layton, esse estreou-se na televisão aos 13 anos, estudou teatro, dança e música. Enfim: Os **«New Seekers** têm a escola toda, sabem conjugar bem os verbos musicais ligeiros e estão aptos a bem defender tudo o que lhes metam nas mãos. Por isso a televisão inglesa confia neles para esta noite.

A sua presença, ontem, foi um aperitivo. Mas não curo aqui de aperitivos. Como o outro que diz: não é o meu género. Por isso não faço crítica. Dever conjugal? Brrr!

P.S. Alguém me sabe dizer o que foi aquilo no final do **Lancer?** Aquela baralhada? Àquelas cenas estranhas ao serviço da secretaria? Não é que eu esteja muito interessado na resposta, mas já agora, com mil vaqueiros do Oeste!, não estou nada interessado em passar por louco diante de mim mesmo. — M.C.

HABILITAÇÃO

Certifico que, por escritura de 4 do corrente, exarada de fl. 72 a fl. 74 do livro de notas para escrituras diversas n.º a — 411, do Cartório Notarial de Peniche, a cargo da notária licenciada Maria da Conceição Malheiro Vilar, foi feita a habilitação por óbito de Adelaide Antunes Moreira, natural de Lisboa, onde residia habitualmente na Rua das Parreiras, n.º 40, falecida no dia 20 de Dezembro de 1971, na freguesia de Campo Grande do concelho de Lisboa, no estado de viúva de José Moreira.

Não deixou testamento ou qualquer disposição de última vontade, não tinha descendentes, nem ascendentes vivos, deixando porém como seus únicos herdeiros seus primos: — Maria Olímpia da Silva, natural da freguesia de Amoreira do concelho de Óbidos e residente habitualmente no lugar e freguesia de Olho Marinho do dito concelho de Óbidos, casada sob o regime de comunhão geral de bens com Frutuoso dos Santos; — Henriqueta Olímpia Carvalho, natural da referida freguesia de Amoreira e residente habitualmente em Lisboa, à Rua Dr. Álvaro de Castro, n.º 48, 3.º andar, esquerdo, casada sob o regime de comunhão geral de bens com Joaquim Correia Carvalho; e Rodrigo Florêncio da Silva, natural da mesma frequesia de Amoreira e residente habitualmente no aludido lugar de Olho Marinho, casado sob o regime de comunhão geral de bens com Luísa Maria Leitão.

Cartório Notarial de Peniche, 17 de Março de 1972.

O ajudante, (a) Manuel de Jesus Bastos.

SEGURA BROTHERS
ORIGINAIS ANTIPODISTAS
VITÓRIA MARIA
COM RAUL SILVA NOBRE COSTA

"NUEVOS AMIGOS" "OS MOZAMBEAT'S"
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA
PATT SO NO WONDER BAR
NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de lisboa
3.º MÊS
HOJE, 2 SESSÕES
às 21 horas
e às 23 horas
DOMINGO
às 16 e às 21.45 h.
O Tartufo
RAUL SOLNADO
e a sua Companhia com
FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDA MONTEMOR
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM
HENRIQUE VIANA
NORBERTO DE SOUSA
BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA
e MARIA DO CÉU GUERRA
no papel de "Dorina"
DIVERTIDÍSSIMO !!!
M/18 anos

TEATRO • tel 326037
VARIEDADES
VASCO MORGADO
APRESENTA
DE RAY COONEY
E JOHN CHAPMAN
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
7.º MÊS
Empresta-me o Teu Apartamento
Com HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, MARIA HELENA MATOS, CARLOS JOSÉ TEIXEIRA, HENRIQUE SANTOS, ALINA VAZ, MARIA LAURENT, HELENA ISABEL e a colaboração especial de PAULO RENATO
Encenação de VARELA SILVA
2.as, 4.as e 5.as Feiras, 21.45 h.; 6.as e sábados, 2 sessões: 20.45 e 23 h.
DOMINGO: à tarde, às 16 h.
4.as Feiras descanso da companhia

TEATRO
LAURA ALVES
TEL 864756
VASCO MORGADO
APRESENTA
à noite, 21.45 h.
Domingos à tarde, 16 h.
UMA EXTRAORDINÁRIA PEÇA
DE EDWARD ALBEE
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
4.º MÊS
Quem tem medo de Virginia Woolf?
Com JACINTO RAMOS, GLÓRIA DE MATOS, ELISA LISBOA e LUÍS MATA
Encenação de JOÃO VIEIRA
Cenário de PAULO GUILHERME
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro
2.as Feiras descanso da companhia
50 % de desconto aos estudantes benefício da Fundação Gulbenkian

TEATRO
CAPITÓLIO
TEL 327493
GIUSEPPE BASTOS
e VASCO MORGADO
apresentam
em 2 sessões, às 20.45 e 23 h.
A ORIGINALÍSSIMA REVISTA POPULAR
ORA BOLAS P'RO' PAGODE!
com
JOSÉ VIANA — LÍGIA TELES
BARROSO LOPES — DORA LEAL
A atracção nacional
CIDÁLIA MOREIRA
CARLOS MIGUEL — MARIANO FRANCO — DINA MARIA — EDUARDO VILAVERDE
e pela primeira vez no «compère»
CARLOS GONÇALVES
GRUPO D — M/ 18 ANOS
AOS DOMINGOS À TARDE
Às 16 HORAS
3.as Feiras, descanso da companhia

Uma gaivota empalhada

«A GAIVOTA», de Anton Tchekhov. Tradução de Natércia Freire. Encenação de Pedro Lemos. Cenário e figurinos de Lucien Donnat. Sonoplastia de Leonel da Silva. Intérpretes: Cristina Cassola, Rui Pedro, Pedro Lemos, Eduardo Jacques, Manuel Cavaco, Henriqueta Maya, Cecília Guimarães, Luis Filipe Tomás de Macedo, Madalena Sotto e Varela Silva. Empresa Rey Colaço-Robres Monteiro. Teatro da Trindade. 22-3-72.

Que eu saiba nenhum autor soube traduzir, como Anton Tchekohv, a sensação que Fernando Pessoa exprimiu num dos seus poemas menores: **«O que me dói / Não é o que há no coração / Mas essas coisas lindas / Que nunca existirão.»** Em Anton Tchekhov as coisas que existem (feitas e desagradáveis) cruzam-se com as coisas (belas e amáveis) que apenas se sonham ou que existirão (talvez) num futuro longínquo.

Esse cruzar de linhas objectivas (a realidade presente) e subjectivas (a realidade sonhada ou pressentida) constitui o nódulo central do seu teatro. Há, pois, na obra de Tchekhov dois tempos: um tempo histórico e um tempo psicológico. Em «A Gaivota» o primeiro tempo aparece-nos muito mais diluído do que nas suas peças posteriores, embora também esta participe do mesmo universo povoado de seres que se debatem na solidão e no desamor, vivendo sonhos frustrados ou insuficientemente realizados.

Não se pode dizer, aliás, que sejam muito ricos os registos dramáticos do teatro de Tchekhov. Dir-se-ia que as mesmas personagens, os mesmos conflitos, as mesmas situações e as mesmas obsessões passam de peça para peça. E, no entanto, não experimentamos nunca a sensação do repetido. Bastauma ligeiríssima deslocação, um quase nada de corrente de ar para tornar diferente o que poderia parecer idêntico. Assim, a monotonia que parece desprender-se deste fresco de esperanças desesperadas, de desistências, de mansa melancolia, de gritos silenciados — é a monotonia da própria vida vivida por personagens de uma classe social que Tchekhov retratou paradoxalmente com ternura e sem piedade.

Veja-se a simplicidade do esquema de «A Gaivota». Uma jovem provinciana sonha em ser actriz. Conhece um escritor que muito admira e por quem se apaixona. Falha na sua vida amorosa e na sua vida artística. O jovem que a ama, escritor principalmente, sente-se igualmente frustrado na sua carreira de escritor e porque não consegue o amor da mulher amada. Por isso, suicida-se. As outras duas personagens principais: o escritor realizado e célebre; e a mãe do jovem, actriz igualmente conhecida que vive com aquele — prolongam noutras direcções essas personagens e os dramas que vivem. Veja-se, ainda, como a morte do jovem é preparada através da morte da gaivota.

Nestes prolongamentos e nestes desencontros se exprime a tragédia tchekhoviana. Creio, todavia, que a sua genialidade reside algures: consiste na forma como o dramaturgo traduziu os sentimentos que animam e definem as suas personagens sem ultrapassar nunca a fronteira do sentimental para o sentimentalismo da vida, para o fado. A emoção que as peças de Tchekhov nos transmitem é intrínseca à sua própria condição dramática, é a sua própria razão de ser.

Na cena final do espectáculo do Nacional, e quebrando a rigorosa coerência naturalista da encenação (se esquecermos que Henriqueta Maya aparece sequíssima, no final, embora chova a potes), a cena obscurece e um projector foca uma gaivota empalhada que uma personagem segura (parece estar no mercado à espera de freguês). Quis o encenador simbolizar nesta gaivota o destino do jovem escritor que acaba de se dar um tiro e anos antes matara estùpidamente a ave. Este elemento é, sobretudo, um símbolo do próprio espectáculo em que o texto de Tchekhov nos surge como um cadáver empalhado numa encenação que se limita a ser a reprodução arqueológica (ou mecânica) desse texto. Azar do Nacional e azar dos seus espectadores: tenta com «Calígula) a recriação — e foi o desastre que se sabe; **Humilha-se** perante «A Gaivota» — e é o desastre que se vai saber (quem estiver disposto a perder tempo).

Fazer Tchekhov sem entender ou, pelo menos, sem expressar o seu subtexto; fazer Tchekhov sem ter em conta o tempo psicológico que define as suas personagens; fazer Tchekhov sem fazer ouvir a música do seu (terrível) silêncio — não é fazer Tchekhov.

Esta peça parece enquadrada num caixilho dourado — e está lá tudo. Desde o barrete do cozinheiro às folhas das árvores; da parede que abana quando alguém se lhe encosta ao bule colocado em cima do samovar (a fazer muito russo). Está lá tudo — só falta a vida / o teatro que Tchekhov é. Ainda por cima com uma tradução lamentável.

Pôr actores a representar Tchekhov como representariam Joaquim Paço d'Arcos é destruir qualquer hipótese de levantamento das suas personagens. Não culpo ninguém: apenas entendo que nem Pedro Lemos nem estes actores do Nacional estão à altura de Tchekhov e que por isso prestaram um novo serviço a um dramaturgo admirável mas difícil, muito difícil. Nenhum dos intérpretes conseguiu fazer Tcheklov, mas mesmo assim há certas nuances na interpretação. Pode dizer-se que Henriqueta Maya é mais convincente do que Luis Filipe, Tomás de Macedo ou Cristina Cassola, (mas é preciso cuidado com a voz, atenção ao terminar das frases). Pode dizer-se que Madalena Sotto interpreta apenas uma das facetas da sua personagem: a do cabotinismo. Pode dizer-se que é excessivamente marcada a composição física de Varela Silva (afinal a sua personagem não é tão autobiográfica como isso) que se limita a debitar o seu texto com a habitual ausência de significação. Pode dizer-se que Eduardo Jacques fez um esforço louvável pois teve menos de 15 dias para substituir João Perry num dos principais papéis da peça e nem por isso vai pior do que os menos maus. Pode dizer-se, muito principalmente, que esta interpretação é, no seu conjunto, o contrário do que Tchekhov pede: é toda exterior quando é interioridade que estas personagens exigem. Estas personagens exigem. (1) Estas personagens que se situam na fronteira inefável que vai da lágrima ao sorriso e por isso nos parecem tão próximas.

No final, o público dividiu-se entre os que contestavam e os que aplaudiam. Creio que os aplausos eram mais contra os protestos do que a favor do espectáculo.

(1) «O essencial, meus amigos, é evitar o teatro... É necessário que tudo pareça simples... Inteiramente simples... Trata-se de pessoas simples, vulgares...» — palavras de Tchekhov dirigidas aos intérpretes da sua peça.

TELEVISÃO

"Os Churchills" nova série para as quartas-feiras

Ao princípio a série era «A Família Forsyte». Depois a série fez-se, sucessivamente, «As Oito Mulheres de Henrique VIII», «Isabel de Inglaterra» e agora «Os Churchills». Todas inglesas e produzidas pela BBC-TV. A qualidade das séries antecedentes faz-nos abrir bem os olhos para os vídeos do I Programa da Rádio Televisão Portuguesa às quartas-feiras, a partir das 22 horas. «Os Churchills» surgem, nesse horário e semanalmente, pela primeira vez no dia 5 de Abril próximo.

De doze episódios constará esta série, porventura a mais espectacular de todas até hoje apresentadas. Mas quem são «Os Churchills»? Nada mais nada menos que os antepassados do famoso ministro inglês, um dos campeões do mundo aliado durante a segunda Guerra Mundial, o «leão da velha Albion» que negou aos alemães a ocupação do seu país; **sir** Winston Churchill.

Mas não é sobre a personalidade do grande estadista que qualquer dos episódios se debruça, e sim sobre a sua família, sempre influente no decurso da história política do seu povo.

Do primeiro ao último episódio do folhetim, medeia um século de História, se tanto: De John Churchill, da côrte de Carlos II, a Henriette Churchill do reinado de Luis XIV. Os conflitos estabelecem-se, tradicionalmente, entre a Inglaterra e a França, com a Espanha e a Holanda, de permeio, à compita. É um período intenso da História europeia, em que o clã Churchill intervém decisivamente nos destinos políticos do tempo. Linhagem de cortesão por excelência, o seu papel é ora de intriguistas, ora de mediadores, consoante os interesses e as flutuações ideológicas em causa. Do mesmo modo foi moldado o carácter do homem que segurou a Europa nos anos quarenta do nosso século...

Esta fase da árvore genealógica dum dos maiores chefes de Estado que a civilização contemporânea conheceu (e há bem pouco desaparecido do número dos vivos) serve para divulgar a fábrica «consanguínea» que o concebeu, como uma espécie de homenagem reconhecida (mas lúcida) por banda daqueles que se honram por o terem tido como compatriota.

Este folhetim, que dentro de dias passaremos a ter nos pequenos écrans portugueses, foi escrito e produzido por Donald Wilson, realizado por David Giles e protagonizado por John Neville, Susan Hampshire (a «Fleur» dos Forsyte), James Villiers, Margaret Tyzack, John Standing, Sheila Gish e um inúmero «cast» de actores popularíssimos do teatro e da TV britânica.

Os doze episódios que constituem o todo do folhetim «Os Churchills» têm os seguintes títulos: **«A Ninfa Pura», «Bodas», «Conspiração Contra-conspiração», «O Leão e o Unicórnio», «Rebelião», «O Vento Protestante», «Teste de Força», «A rainha Manda», «Reconciliação», «Uma Vitória Famosa», «Quebrando o Círculo» e «Não sem Respeito».**

O primeiro episódio de «Os Churchills» irá para o ar na 4.ª feira, dia 5 de Abril, pelas 22 horas, no 1.º canal. É de não perder, porque a quarta-feira tem sido um dia de sorte para a Televisão. Continuará a sê-lo? Tudo leva a crer que sim.

Televisão no quarto com filmes de estreia

Os clientes de cinco grandes cadeias de hoteis, espalhados por 25 cidades americanas, poderão em breve ver filmes de estreia nos televisores dos seus quartos. A «Columbia» anunciou ter chegado a acordo para a instalação de circuitos fechados de televisão em 160 mil quartos de hotel até Dezembro de 1973. Os clientes podem escolher entre um catálogo de filmes das maiores produtoras. O preço é de três dólares (85 escudos) por filme.

UM DOS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS
OSCAR DA ACADEMIA AMERICANA ★ GLOBO DE OIRO DE HOLLYWOOD
DE INGMAR BERGMAN
a fonte da virgem
«JUNGFRUKALLAN»
DISTRIBUIÇAO FILMITALUS
Grupo C: 14 anos
3ª SEMANA
estúdio
COM
MAX VON SYDOW ★ BIRGITTA VALBERG ★ GUNNEL LINDBLOM ★ BIRGITTA PETERSSON ★ AXEL DUBERG ★ TOR ISEDAL

Presença portuguesa no Festival de Royan

O Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, dirigido por Jorge Peixinho, participará no 9.º Festival Internacional de Arte contemporânea de Royanum dos mais importantes no género, realizados na Europa. O grupo apresentará obras de Filipe Pires, Jorge Peixinho, Tomás Marco (espanhol) e dum compositor romeno, esta em primeira audição absoluta e a convite de direcção do Festival O programa foi organizado de acordo com o tema que preside ao Festival deste ano: a nova geração.

Além de um Concurso Internacional de Flauta, em que o júri é presidido pelo célebre Severino Gazzelloni, o 9.º Festival de Royan compreende numerosas manifestações no domínio da música, das artes plásticas, da fotografia, do teatro, da dança e do cinema.

Assim, no dia 25 do corrente (hoje), data de inauguração do Festival, consta do programa um panorama da nova música electro-acústica e um concerto sinfónico, ambos inteiramente preenchidos com primeiras audições mundiais, além da abertura de várias exposições.

Nos dias seguintes haverá, sucessivamente, preenchendo um horário exigente que vai das 10 h e 30 m da manhã às 2 h da madrugada, várias sessões de teatro e de cinema, de iniciação musical, concertos etc. Colaboram, entre outros, Maurice le Roux e a Orquestra do Conservatório, o Conjunto de Música Viva de Jean-Pierre Drouet e Carlos Alsina, o Teatro do Silência, com o concurso de Sylvio Gualda e dirigido por Jacques Garnier, o Conjunto da Televisão Iraniana, o Grupo de Colónia, dirigido por Maurício Kìgel, a Sociedade de Música Contemporânea do Quebec, o grupo «Come to the edge», com Stomu Yamash'ta (improvisação livre), um Grupo de Tunísia, e a Orquestra Filarmónica da O.R.T.F. Há ainda uma sessão cujo conteúdo não foi divulgado programada por Paul Méfano «em função das suas preocupações e dos seus desígnios musicais e extra-musicais».

O Festival encerra-se no dia 31 de Março com um concerto sinfónico, dirigido pelos maestros Gilbert Amy e Michel Tabachnik, e em que colaboram como solistas Guy Deplus, Vinko Globokar e Jean-Claude Malgoire. Preenchem o programa três primeiras audições respectivamente de Gérard Grisey, Michel Tabachnik e Toru Takemitsu.

Bette Davis filma com Sordi

Bette Davis, a veterana actriz norte americana, que vemos na foto acompanhada por Alberto Sordi, encontra-se em Roma para filmar, sob a direcção de Luigi Comencini, uma comédia que se intitula «Lo Scopone Scientifico». A actriz, que tem desempenhado inúmeros papéis dramáticos na sua longa carreira, contracenará com Alberto Sordi que, por sua vez, está mais que habituado a este género de fitas. Resta-nos esperar pelos resultados desta inesperada combinação.

A música e os direitos da mulher

Pode ler-se num anúncio da Orquestra Filarmónica de Berlim: **Todos os homens que se julgarem em condições de corresponder às exigências excepcionais da nossa orquestra, queiram remeter-nos os seus requerimentos com a devida documentação.** As mulheres, por mais qualificadas que sejam, não são sequer convidadas, pois «seguindo uma antiga tradição» a Filarmónica de Berlim nas as aceita nos seus quadros. E esta não é a única orquestra alemã que «por

questões de princípio» recusa componentes do sexo feminino.

Apesar disso, as artistas conseguiram, parcialmente, conquistar esse fechado reduto — sem, contudo, chegarem aos postos mais elevados. Em 1945, no fim da guerra, com excepção da harpa, era pràticamente nula a participação feminina em orquestras alemãs. Vinte anos depois ela já ascendia a cerca de 5 por cento. Porém o número de raparigas nas escolas superiores de música é bem mais elevado. As orquestras de escolas secundárias e superiores já contam com uma participação feminina de 50 por cento ou mais. Muito em breve, as grandes orquestras serão obrigadas a mudar de atitude e isso, não só devido ao grande surto de artistas femininos excepcionais, como também à carência geral de novos valores, tradicionalmente masculinos.

«Na verdade a escassez de músicos-homens será a nossa salvação», desabafa Neni Zoerb, primeiro violino da famosa Orquestra da Ópera e do Museu de Francforte e uma das seis mulheres entre os cem elementos masculinos que a compõem. Ela fora anteriormente substituta de primeiro violino em Lubeck, Ludwigshafen e Hagen, constituindo decerto uma excepção entre as artistas femininas e sendo umas das poucas que conseguiu atingir o mais alto posto numa orquestra. Mas com isso, demonstrou que, apesar de todos os obstáculos, as mulheres não estão dispostas a ficarem-se pela categoria de segundo violino. Mas não menos certo é que ela também, apesar das suas extraordinárias credenciais e dos seus intensivos esforços — **«eu tenho o recorde de horas de ensaio...»** — não almejou colocação numa das orquestras liderantes do país. No entanto, dois importantes agrupamentos regionais ofereceu-lhe primeiras posições. A sr.ª Zoerb decidiu-se pela orquestra de categoria mais modesta, a de Francforte, entre outras, porque a metrópole do Meno é tida como apologista da participação feminina.

Neni Zoerb está convicta de que dentro de poucos anos as orquestras da República Federal da Alemanha, terão, forçosamente, de desistir de boicotar as mulheres. Eis a sua receita: **«É preciso saber esperar, sem forçar muito, mas procurar ser sempre um pouco melhor que os colegas masculinos e começar, com redobrado ânimo, de novo».** Hermann Voss, dirigente do maior sindicato alemão de músicos, afirma: **«Hoje já é proibitivo falar-se de uma descriminação profissional das mulheres nas orquestras».** E acrescenta com a máxima convicção: **«A ocupação de mulheres nos lugares cimeiros das orquestras não apresenta problema algum».**

Quem estiver implicada, que se conforme. O mais tardar no ano 2000 o «sexo fraco» poderá fazer valer os seus direitos, na música.

AVISO

AVISA-SE O RESPEITÁVEL PÚBLICO DE QUE:

Agora estamos também na

Estação de Serviço Tamariz

(Mobil) no **ESTORIL** Tel. 26 32 00

AVIS

RENT A CAR

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 12-C TEL.561177 LISBOA

OFERTA JOVICA

UM EXCEPCIONAL LIVRO COM RECEITAS DE COZINHA, A TODOS OS NOSSOS CLIENTES

SENSACIONAL

TELEVISORES (com os 2 programas) OFERTA DA ANTENA	desde	2.990$00
MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA	»	4.750$00
MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA	»	5.500$00
FOGÕES C/ FORNO	»	990$00
ESQUENTADORES	»	1.350$00

Aquecimento eléctrico e a gás, frigoríficos, aspiradores e todos os aparelhos electrodomésticos DESDE 100$00 MENSAIS

SEM | ENTRADA FIADOR

E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS

JOVICA

LISBOA: Largo de D. Estefânia, 12-D — Telefone 4 88 56
Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telefone 5 29 70
Avenida Duque de Ávila, 58 — Telefone 5 48 92

VENDA NOVA — Rua Elias Garcia, 13-A — Telefone 97 57 90

CASCAIS — Rua Padre Moisés da Silva, 1-C — Telef. 28 13 95

Rua Alves Redol

Uma carta ao presidente do Município

A Sociedade Filarmónica Alpiarcense «1.º de Dezembro» enviou-nos cópia da carta que dirigiu ao presidente do município de Vila Franca, exprimindo o seu desagrado pelo facto de haver sido escolhida para perpetuar a memória do grande escritor neo-realista naquela vila uma rua arrabaldeira, erma de prédios e longe da vida do burgo. Eis o texto do documento em questão:

«A Comissão Cultural da Sociedade Filarmónica Alpiarcence 1.º de Dezembro, apoiando a iniciativa do Centro Cultural Alves Redol, vem por este meio junto de V. Ex.ª solicitar que seja dado o nome do escritor Alves Redol, a uma das ruas centrais de Vila Franca de Xira.

Segundo informações de um documento daquele Centro, essa rua devia ser uma das seguintes: BÉLGICA, ALEGRETE ou PEDRO VICTOR.

Além do tudo, somos ribatejanos, e sentimos que um escritor que interpreta a vida do povo ribatejano com todo o amor e carinho, tanto nas alegrias como nos sofrimentos, deve ter o seu nome numa rua movimentada, para que tão alto valor da nossa literatura nunca seja esquecido.

Se existem tantas ruas em vilas e cidades, como o descreveu o «Diário de Lisboa» na sua reportagem, de 23 de Janeiro, com o nome de pessoas que nada legaram ao seu semelhante, o que impedirá que o nome do nosso grande Escritor Ribatejano, não esteja afixado numa das ruas centrais da sua terra natal, que ele tanto amou?

Apelamos para as entidades competentes para que seja dada satisfação às aspirações do povo ribatejano de que todos fazemos parte.

Em prol da cultura
A Comissão Cultural

LIVRARIA «OPINIÃO»

Efectuou-se a assembleia geral ordinária da Livaria «Opinião», que entre nós tem desenvolvido nos últimos meses intensa actividade cultural, fomentando novos e por vezes originais métodos de comunicação com o público.

Após a chamada dos sócios, e havendo a maioria necessária, procedeu-se à discussão e finalmente à aprovação do relatório e contas do exercício findo.

Contos da solidão

Estes «Contos da Solidão», de Urbano Tavares Rodrigues, que ora saem em 2.ª edição revista, foram escritos, como diz Lygia Fagundes Telles no estudo que escreveu especialmente para o efeito, «com a força e o impulso de quem não atende a uma simples solicitação mas a uma ordem». São, penso, das mais belas páginas que alguma vez escreveu o autor de «Os Insubmissos».

Dos mais publicados entre nós, Urbano Tavares Rodrigues é também dos autores cujas obras se esgotam com maior rapidez, o que, naturalmente, obriga a sucessivas reedições, como ainda não há muito tempo tive ocasião de assinalar aqui.

O tema do amor (dominante em toda a obra de U.T.R.) está particularmente presente nestes contos. É, como diz Lygia Fagundes Telles, um «amor sem esperança, com um toque às vezes de ironia, até de sarcasmo, embora!, mas sempre o amor de mistura com a incompreensão, com o tédio, com o ódio, com o medo - soma inquietante que se traduz numa única palavra: solidão.»

Escritos num período particularmente difícil da vida de Urbano Tavares Rodrigues, os «Contos da Solidão» caracterizam-se (como aliás toda a obra do autor) por uma linguagem poderosamente rica, fluente, impregnada de um admirável sopro lírico - um lirismo dramático, mas gritante de vida.

Capa de Henrique Ruivo

TEMAS CLÁSSICOS

«Temas Clássicos na Poesia Portuguesa» é um livro de Maria Helena da Rocha Pereira, agora lançado pela Editorial Verbo. Abrangendo cinco séculos da lírica portuguesa, os estudos que compõem o volume rastreiam, particularmente, a presença de modelos latinos em autores nossos - António Ferreira, Correia Garção, Bocage, Elpino Duriense, Fernando Pessoa.

Pelo trabalho de Maria Helena da Rocha Pereira chega-se à conclusão de que, nos escritores citados, os exemplos de Horácio são os mais numerosos, mas os de Vírgilo seguem-no de perto. O que não singifica desconhecimentos de muitos outros autores (nomeadamente Ovídio e Séneca) e até - facto que em grande parte parece constituir novidade - de poetas gregos.

Livro que não deixa de ser de grande utilidade para os estudiosos, «Temas Clássicos na Poesia Portuguesa» parece-nos ter obedecido a uma grande preocupação de rigor por parte da sua autora.

AINDA A CHINA

A China continua na ordem do dia, tendo passado, incontestàvelmente a tema do ano, após a visita de Nixon ao país de Mao. Não admira, pois, que correspondendo a uma inegável curiosidade pública, as nossas editoras estejam a publicar sucessivos volumes sobre a vida (nos seus mais diversos sectores) naquelas longínquas (e misteriosas) paragens.

Publicações Dom Quixote lançou «A Economia da China», de Jan Deleyne, em que se reune abundante diversificado material, o qual é sujeito a consciencioso trabalho prospectivo.

GRÉCIA

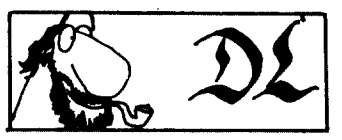
A mesma editora lançou, nos seus «Cadernos Dom Quixote», o volume «Grécia, ano quinto», que inclui estudos de Amália Fleming, Yorgos Mangakis e R. Someritis, entre outros.

AGÊNCIA DE PUBLICIDADE

PARA ALARGAMENTO DOS SEUS QUADROS ADMITE:

ACCOUNT SUPERVISOR

RESPOSTAS AO APARTADO 1355, INDICANDO ORDENADO E «CURRICULUM»



O apoio é importante

O pequeno espigão de ferro, no rebordo do barco,
chama-se tolete.
A sua função é servir de apoio ao remo,
de modo a permitir a navegação.
Sem esta peça essencial o remo de nada valeria,
o barco não navegava.
O apoio é importante. Indispensável. Decisivo.
Como numa empresa, grande ou pequena.
Qualquer que seja a sua dimensão,
a falta de apoio pode significar
uma oportunidade perdida.
Nos momentos decisivos pode contar connosco.
Financiamos para fomentar a indústria nacional
A medio ou longo prazo.
É uma das nossas razões de ser.
Quer se trate de credito para investimento,
crédito à produção
e venda a prazo de bens de equipamento ou à exportação,
o nosso apoio é efectivo. Seguro.
Interessa-nos a expansão da sua empresa.
Consulte-nos.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

LISBOA (SEDE) AVEIRO · BRAGA · BRAGANÇA · COIMBRA · ÉVORA · PORTO · SANTARÉM · SETÚBAL · VILA REAL · VISEU

B.F. 2-72

QUASE 300 QUILOS DE CARNE REGEITADOS POR IMPRÓPRIOS DURANTE O MÊS DE JANEIRO

A actividade dos Serviços Médico-Veterinários da Direcção dos Serviços de Abastecimento da Câmara Municipal de Lisboa, exercida durante o mês de Janeiro, teve o seguinte movimento:

Mercados, feiras e fiscalização sanitária - produtos inspeccionados e aprovados para consumo: carnes e produtos derivados, 1.852.862,5 quilos; peixe e marisco, 3 921 692; ovos, 341 730; lacticínios, 117 104 e criação e caça, 208 608 peças.

Rejeitados como impróprios para consumo: carnes e produtos derivados, 295 quilos; peixe e marisco, 213 836; ovos, 2 264, e criação e caça, 963 peças.

Fizeram-se 11 vistorias a estabelecimentos e outros locais de venda, preparação, fabrico e depósito de produtos alimentares, para efeito de abertura, licenciamento e execução de obras; 3056 a mercados e outros estabelecimentos, para fiscalização e inspecção sanitária de produtos alimentares; 16 a estabelecimentos pela fiscalização móvel, com apreensão de produtos.

No Matadouro Municipal de Aves foram inspeccionados e aprovados para consumo 182 983 frangos, galinhas, patos, perus e coelhos e rejeitados 5 759.

No Centro Municipal de Inspecção e Classificação de Ovos procedeu-se, com aprovação, ao exame, para consumo público, em fresco, de 5 518 857 unidades, e para a indústria de 656 196, sendo rejeitados 45 272 ovos.

No Matadouro-Frigorífico, procedeu-se ao abate, com aprovação para consumo, de 1351 bovinos adultos com 349 186 quilos; bovinos adolescentes, 178, com 16 407 quilos; suinos, 21, com 1 573 quilos; ovinos, 1 679, com 19 503,5 quilos; caprinos, 1, com 41,5 quilos, e equídeos, 445, com 76 785 quilos.

Foram rejeitados totalmente: bovinos adultos, 5, com 1 233 quilos; ovinos, 11, com 113,5 quilos e equídeos 6, com 1514 quilos.

O movimento na Central Pasteurizadora de Leite - traduziu-se por: leite pasteurizado - consumo público em garrafas de litro, 1 545 791; em garrafas de meio litro, 1 059 722,5; em garrafas de um quarto de litro, 151 692,25, e em bilhas, 531 845.

Fizeram-se 392 visitas pela fiscalização sanitária a estabelecimentos de revenda, venda e consumo.

MAIS
TRIUNFOS
DOS
NOVOS óleos SACOR
AGORA NA
XXIII VOLTA A PORTUGAL EM AUTOMÓVEL

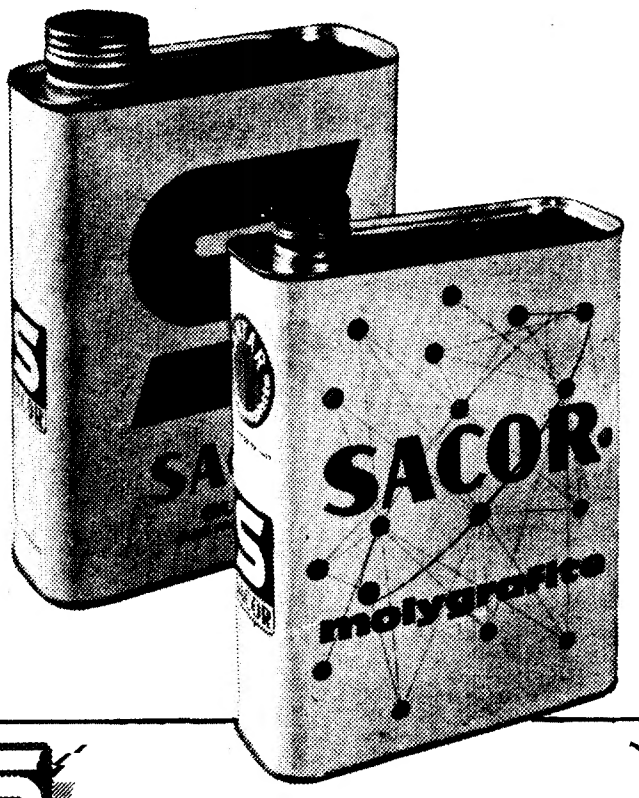
FRANCISCO ROMÃOZINHO
VENCEDOR ABSOLUTO

OUTRAS CLASSIFICAÇÕES COM
óleos SACOR

GRUPO 1
1.° Francisco Romãozinho Citroën
2.° Mário Figueiredo Fiat
3.° Luís Netto Fiat
4.° Conde Botelho Citroën
5.° José Carpinteiro Albino Fiat
6.° Rogério Beatriz Vauxhall

GRUPO 2
1.° César Torres Austin

GRUPOS 3, 4 e 5
3.° Américo Nunes Porsche



COMBUSTÍVEIS

LUBRIFICANTES

PORTUGUÊS EXPULSO DO BRASIL

BRASÍLIA, 25 (FP)

O português António Torquato Lopes da Silva e Werner Schwarz, alemão, foram expulsos do Brasil por actividades subversivas, anunciaram oficialmente, ontem, nesta cidade.

O decreto presidencial ordenando a expulsão dos dois estrangeiros foi publicado em Brasília.

O nevoeiro

O AEROPORTO ABRIU AO MEIO-DIA

O denso nevoeiro que esta madrugada caiu sobre Lisboa, causou o cancelamento de várias aterragens e provocou atrasos em quase todas as partidas de aviões que fazem escala no aeroporto da Portela.

A última aterragem verificada deu-se às 3 e 45 da manhã, por um avião da Alitalia, vindo de Roma, que também efectuou a última saída, às 4 e 47, para Nova Iorque.

Além do cancelamento do vôo TAP, para o Porto, há a registar os seguintes vôos que divergiram as suas rotas para outras pistas: Vôo TAP 047, de Londres, divergiu para o Porto; as carreiras TWA 6908, de Nova Iorque, TAP 247, de Luanda, PAN AM 154, também de Nova Iorque e TAP 347, do Rio de Janeiro, utilizaram o aeroporto de Faro; o vôo 222 da Canadian Pacific, proveniente de Montreal, desceu em Barcelona; ainda em Faro, tiveram de aterrar o TWA 900 e o TAP 311; também um vôo da South Africa Airways, o 286, vindo de Joannesburgo, se viu obrigado a desviar a sua rota para o Porto.

Ao fim da manhã, com neblina menos intensa o tráfego aéreo começou a regularizar-se.

Computador dessegregacionista

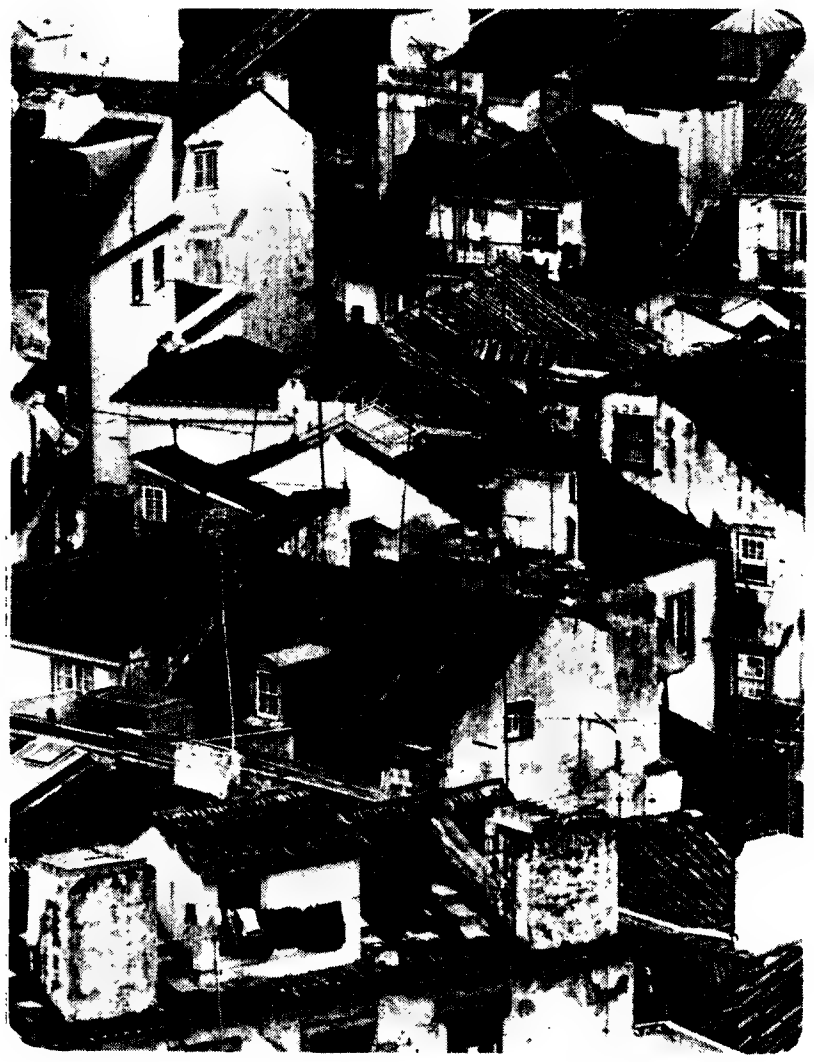
Um computador está a travar em Joanesburgo um combate solitário e obstinado contra o «apartheid».

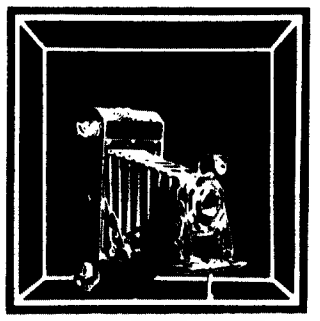
A máquina, utilizada por uma agência de bilhetes, entregou um bilhete de «não-branco» para o Torenio Mundial de Ténis, a uma senhora loira e visívelmente «branca».

A senhora, não querendo embaraçar um africano que estava atrás dela na bicha, murmurou: «Há qualquer coisa de errado...»

O empregado empalideceu, desculpou-se profusamente, afirmando que tal nunca acontecera, carregou frenéticamente nos botões e obteve finalmente um bilhete para «branco».

Mas o computador acabou por ganhar. O bilhete «não-branco» teria dado à senhora um lugar na bancada. O outro pelo mesmo preço, correspondeu a um lugar em pé e ao sol.





a melhor fotografia turística da semana

1º PREMIO
REINALDO VIEGAS
Av. Miguel Bombarda, 143 - 3.º Dto LISBOA

1

2

MENÇÕES HONROSAS

1-CARLOS A.P. NASCIMENTO
Rua da Alegria, 19 - S/L LISBOA

2-MANUEL E.A. SOUSA
Praça do Conde de S. Bento S.to TIRSO

REGULAMENTO

As fotografias a preto e branco no formato 18×24, reproduções brilhantes, têm de ter por tema motivos turísticos, em toda a extensão do tema e independentemente das estações do ano

As fotografias serão identificadas no verso por titulo (facultativo), nome e morada do autor (obrigatórios)

As fotografias serão enviadas até ao ultimo dia de cada mês, ficando classificadas por semanas, para Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, LISBOA, não se devolvendo reproduções

As fotografias ficarão propriedade da Torralta que se lhes quiser dar utilização em anúncios de publicidade so o fara mediante acordo particular com o autor

O júri, constituido por membros da Sociedade Nacional de Belas Artes, atribuirá quatro ou cinco prémios e oito ou dez menções honrosas, conforme o mês tenha quatro ou cinco semanas

O júri, terá que obrigatòriamente conceder em cada mês dois premios e quatro menções honrosas

As decisões do júri são inapeláveis

O primeiro prémio é constituido por uma estadia completa de 3 dias para 2 pessoas nas instalações da Torralta e as menções honrosas por um dia em Troia — viagem de «hovercraft» almoço no restaurante Troiamar ou Bico das Lulas

O mesmo concorrente pode ganhar vários e sucessivos premios

Os prémios têm que ser efectivados em qualquer mês até três meses depois da sua atribuição

Um concorrente que ganhe vários e sucessivos prémios não os poderá gozar cumulativamente

A Torralta promoverá, em Janeiro, uma exposição de todas as fotografias a que foram atribuidos os primeiros premios e de número limitado de menções honrosas escolhidas pelo juri

O GRANDE PRÉMIO TORRALTA DE FOTOGRAFIA TURÍSTICA, constituido por 1 quilograma de ouro, será atribuido ao concorrente mais premiado ao longo do ano ou, em caso de igualdade de circunstâncias, a melhor fotografia escolhida pelo juri

O PRÉMIO TORRALTA, constituido por viagem aérea e estadia de dez dias para duas pessoas, em Londres, Paris ou Roma, à escolha do premiado, será atribuida por aquele juri, à melhor fotografia relacionada com os empreendimentos da Torralta, no Algarve ou em Troia

Todos os Sábados, o «Diário de Lisboa», publicara as fotografias premiadas na semana anterior

TORRALTA

EM 1971 A CIDLA PAGOU 156 MIL CONTOS AO SEU QUADRO DE PESSOAL, CONTRA 142 MIL DISPENDIDOS EM 1970

— lê-se no relatório anual da empresa

Foi distribuído o relatório da Cidla respeitante ao exercício de 1971, subscrito pelos administradores srs. eng.º Duarte do Amaral, em representação da Sacor (presidente), dr. Henrique Martins de Carvalho (vice-presidente), tenente-coronel Álvaro Salvação Barrete, Francisco do Cazal-Ribeiro(administrador-director geral), prof. doutor Armando Gonçalves Pereira e drs. António Martim de Mello (marquês de Ficalho) e Ricardo Espirito Santo Salgado.

O relatório começa por uma análise da conjuntura petrolífera mundial nas suas relações com o mercado português de gases de petróleo liquefeitos e diz:

«No relatório de 1970, salientou-se quanto esta época é instável e preocupada para a política geral do mercado petrolífero. E, apesar de uma acentuada acalmia inicial, o ano findo — infelizmente — deu motivos sobejos para se acentuarem os aspectos negativos conjunturais.

«Em Fevereiro de 1971 foi assinado o acordo de Teerão com os países produtores da região do Golfo Pérsico e coincidiu com o princípio do segundo trimestre o acordo de Tripoli, com os grandes exportadores da área mediterrânica. Um e outro foram porém consequência de uma espécie de «sindicalismo» entre países sem peso político relevante até ao momento em que no seguimento das decisões tomadas em Caracas em Dezembro de 1969, os estados membros da OPEP se uniram nas reivindicações em conjunto e pareceram dispostos a apoiarem-se mùtuamente na realização dos seus objectivos».

E o mesmo relatório prossegue: «As empresas petrolíferas mundiais tomaram durante o ano várias precauções importantes, em parte facilitadas pela quebra do ritmo da economia ocidental e pelo correlativo enfraquecimento da procura. Assim foram constituídos stocks avultados; acresceram verticalmente os programas de construção de petroleiros mamutes (cuja entrega pelos estaleiros vai agora começar); e a acção das empresas passou a centrar-se muito mais no Golfo Pérsico ou em outras regiões do que no Mar Mediterrâneo. (Aliás, é no Golfo que estão instaladas há mais tempo e onde as reservas são maiores e mais baixos os custos de exploração). O modo como o presidente Kadhafi tem orientado a Líbia nas negociações petrolíferas e seguido, ao mesmo tempo, uma política de nacionalizações, não é encorajante para as companhias; tal como não é, a este aspecto a orientação do governo de Argel e são inquietantes, para a segurança dos oleodutos, as frequentes perturbações registadas na Jordânia e Síria. Deste modo, as organizações internacionais passaram a olhar o Governo iraniano como substituto ideal da Grã-Bretanha, quando esta se retirou do Golfo Pérsico.

«Reunidos em Abu-Dhabi em Dezembro último, os países da OPEP ameaçaram as companhias com um embargo geral na área se não aumentassem em 7 por cento ou 8 por cento o preço de referência do petróleo bruto e, além disso lhes não concedessem 20 por cento do capital das afiliadas locais. Daí o encontro de Genebra, no qual as cinco maiores empresas, três delas norte-americanas, tiveram a clara chefia da Standard Oil. E estas fundaram a sua argumentação em dois planos: no preço a pagar pelos 20 por cento; e no modo de efectuar a comercialização dessa percentagem da extracção a realizar, pois os países produtores não têm estruturas económicas ou comerciais para escoar um volume aproximado de 200 milhões de toneladas de petróleo, já em 1972.

«Na magnitude destes problemas, mesmo os maiores países e as maiores empresas pouco podem fazer. Ganha por isso relevo particular a sugestão feita pelo ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol, Sr. Lopez Bravo, ao falar à Câmara de Comércio Hispano-Norte-Americana em Março de 1971: os países europeus consumidores e o Japão têm que «estudar conjuntamente a atitude e a política a seguir no que respeita ao abastecimento dos produtos de petróleo» porque, na verdade, têm estado perigosamente ausentes das negociações entre a OPEP e as grandes companhias.»

O CONSUMO DE GAZES LIQUEFEITOS EM PORTUGAL ULTRAPASSOU 300 000 TONELADAS EM 1971

Referindo-se a este aspecto, escreve-se no relatório: «Na verdade, «no processo de promoção de um país, a mudança do tipo de energia é um teste de desenvolvimento», conforme se escreveu no relatório de 1970. E, mais do que isso, é um aspecto significativo da melhoria social das comunidades. Frente às soluções rudimentares da lenha, do carvão e até do petróleo vulgar, comercializáveis em economia de subsistência ou de mercado primário, o uso dos gazes liquefeitos de petróleo significa uma forma diferente e mais progressiva de encarar a satisfação das necessidades económicas fundamentais: envolve a utilização de meios técnicos mais evoluídos e o contacto com estruturas comerciais avançadas. Por isso, a Cidla se orgulha de haver prestado, graças à expansão e democratização do uso doméstico do gás, um serviço de algum significado no progresso social do país, a uma óptica de conjunto: o consumo dos gazes liquefeitos, em Portugal, ultrapassou pela primeira vez 300.000 toneladas, em 1971. E isso satisfaz-nos, já que — como se escreveu em relatório anterior — «a produção da riqueza não constitui um fim em si, e só encontra justificação quando dinamiza e melhora o nível de vida das populações.»

EM 1971 A CIDLA ULTIMOU OS PRIMEIROS CONTRATOS DE PRESTAÇÃO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA.

No que respeita à situação actual da empresa, o relatório começa por se referir à acentuada alteração de percentagem de gás nacional vendido em relação ao gás importado e diz: «Teve particular significado a circunstância de haverem sido ultimados, durante o ano, quatro importantes acordos de assistência técnica entre a Cidla, de um lado, e duas empresas de Moçambique — a Moçacor e a Gás-Âncora — uma empresa açoriana — a Saaga — e uma de Angola — a Angol. Foram esses acordos assinados em 18 de Novembro de 1971, nos primeiros casos; em 21 de Janeiro de 1972, no segundo; e já em Fevereiro, no último. E o facto significa que o desenvolvimento da Cidla deixou de se processar apenas no plano horizontal da expansão e passou a situar-se também a nível de organização e dos serviços. Quer dizer atingiu-se o sector terciário do desenvolvimento e não apenas é agradável de registar como tem até expressão no âmbito nacional.

«Deste modo, a Cidla deu colaboração e orientação técnica, durante o ano, aos trabalhos de conclusão da estação da Nordela, em Ponta Delgada; estudou a reorganização das instalações do Lobito (já em construção) e os anteprojectos das instalações de Nova Lisboa e Sá da Bandeira; orientou o aumento das unidades de armazenagem na Matola (nos arredores de Lourenço Marques) e, em Moçambique, elaborou os projectos das instalações de Nacala e de Quelimane. Em compropriedade com os seus representantes locais concluíu as instalações industriais da ilha de S. Tomé, o projecto para Bandim (Guiné) e um anteprojecto para Cabo Verde (S. Vicente), ao qual outro se irá seguir para a cidade da Praia.

«Se se tiver em conta que, simultâneamente, se estudou a construção da estação de enchimento do Cabo do Mundo, (perto da refinaria da Sacor e do seu terminal de Leixões), em associação com três grandes empresas congéneres, ter-se-á dado uma indicação bastante clara do que foi a actividade da Cidla em 1971 e do modo como esta se procurou integrar nos planos de desenvolvimento económico e social do País. E isto para fazer referência, apenas, às iniciativas em território português, pois outros estudos temos em curso quanto a mercados estrangeiros.

Referindo-se depois à presença da Cidla em empresas nacionais, o relatório apresenta sucintamente os resultados obtidos com a Siol-Sociedade Importadora de Óleos, a Petróleo Mecânica Alfa, a Cinevoz Mc. Cann-Erickson — Publicidade e Estudos de Mercado, a Moçacor — Distribuidora de Combustíveis, a Angol-Sociedade Portuguesa de Exploração de Petróleos, a Eival-Sociedade de Empreendimentos, Investimentos e Armazenagem de Gases, a Saaga-Sociedade Açoreana de Armazenagem de Gases, a Companhia de Seguros União, a Sacor Marítima, a Geogás-Sociedade Portuguesa de Estudo e Aproveitamento de Hidrocarbonetos Gasosos e a Construtora Moderna.

Aludindo depois às vendas de gás durante o ano, afirma-se: «As vendas de gazcidla, incluindo 3566 toneladas da Eival, atingiram 108.268 toneladas, tendo o número de clientes subido para 908.265; e de propacidla venderam-se 52.956 toneladas a 23.825 clientes, 386 dos quais o utilizam a granel. Quer isto dizer que, em 1971, a Cidla continuou a vender mais butano do que todas as outras companhias, em conjunto. E que, em propano, detém perto de 63 por cento do mercado total.»

E mais adiante: «As condições do mercado nacional são cada vez mais acentuadamente concorrenciais e nele nos encontramos em frente de grandes empresas genéricas trabalhando à escala internacional. Teimosamente nos mantemos firmes em não reduzir seja o que for nas garantias de segurança; mas disso, se resulta um índice baixíssimo de acidentes, resultam também encargos, directos ou indirectos, superiores a 1$00 por quilo, no gás para uso doméstico. Para mais, fornecemos este em condições de preço e comodidade muito favoráveis em relação aos padrões europeus: por nossa conta exclusiva, realizamos a entrega e o recebimento domiciliário das garrafas — conforme salientámos no relatório anterior — enquanto, no estrangeiro, a regra é fazer-se a troca no estabelecimento dos depositários. Pela natureza do negócio, temos que transportar 39 a 40 quilos de peso para entregas domiciliárias directas ou indirectas, de 13 quilos de butano. E praticamos tabelas acentuadamente degressivas nos fornecimentos de gás para fins industriais.»

Quanto aos investimentos, escreve-se no relatório da Cidla: «Além do apoio indispensável ao progresso das empresas a que nos encontramos ligados, carecemos de ocorrer a trabalhos de actualização das unidades industriais (Rosairinho, Olivais, Contumil), concluir ou realizar as instalações de enchimento previstas para as províncias ultramarinas onde trabalhamos directamente e manter a nossa quota-parte na futura e grande instalação do Cabo do Mundo, destinada a abastecer todo o norte do País. Todavia, o mais volumoso investimento é — como sempre — no parque de material de distribuição.

«Os investimentos realizados durante 1971 em material de distribuição, incluindo cisternas, foram de cerca de 56 719 contos, e de 4217 contos em obras diversas nas instalações industriais. Quanto ao material, comprámos mais 213 346 garrafas, o que eleva o total delas a mais de três milhões e cem mil unidades.

«A política financeira da Cidla é pois dominada por estes aspectos da sua gestão social: trata-se, como já tem sido dito, de uma sociedade com um activo imobilizado de grande empresa, um capital de empresa média e uma actividade comercial predominantemente retalhista. Isto nos obriga, por exemplo, a um quadro de pessoal mais numeroso do que à primeira vista poderia parecer necessário e a determinados investimentos de publicidade. Todavia, tanto um como os outros se mantêm dentro de limites técnicamente razoáveis, mesmo ao padrão nacional: na publicidade, por exemplo investimos proporcionalmente menos do que outras actividades de natureza similar. Contudo, durante 1971 ambas as rubricas registaram diminuições, sendo de admitir que maior recurso a programas integrados de acção e a métodos de produção racionalizada acentuem ainda esta tendência, em futuros exercícios. Para isso a Cidla não se tem furtado a fomentar a preparação técnica, a actualização e a reciclagem do seu pessoal. E nesse sentido está disposta a prosseguir, com intensidade maior.

«Em 1971, o capital social — 250 000 contos — ainda continuou sem alteração. Mas os factos expostos aconselham a que se proceda ao estudo do problema. Aliás, com flutuações meramente conjunturais as acções da Cidla conservaram sempre um nível elevado de cotação, mesmo durante as flexões depressivas gerais ou de sector.»

Mais adiante, lê-se: «O balanço e a conta de resultados do último exercício não registam alterações substanciais. Anotar-se-á todavia que o activo imobilizado — calculado pelos preços de primeiro estabelecimento — subiu para 1 234 187 contos; que o realizável era em 31 de Dezembro último, de 403.576 contos (contra 400.824 um ano antes); e que o volume geral das amortizações, no mesmo período, se elevou de 573.522 para 639.933 contos. Também a participação de capital em outras sociedades subiu de 53.990 para 62.473 contos, em consequência de havermos acompanhado alguns aumentos de capital.

«Na situação líquida activa, recordar-se-á apenas que as reservas passaram para 301.530 contos, quando eram de 291.004 contos no fim do exercício anterior.»

O parecer do conselho fiscal é subscrito pelos srs. prof. doutor Moisés Amzalak, eng.º D. José de Mello e Castro (conde das Galveias), Frederico Abranches e dr. Henrique de Verda y Burnay.

Depois de se referir com apreço aos resultados obtidos durante 1971, propõe a aprovação do relatório com um voto de louvor ao conselho de administração e a todo o pessoal da empresa.

Pessoal DAS CASAS CONTRERAS

O Grupo Desportivo do Pessoal das Casas Contreras promove, amanhã, ás 13 horas, num restaurante de São João do Estoril, o seu habitual almoço anual de confraternização.

CÂMARA DE COMÉRCIO LUSO-AMERICANA

A Câmara de Comércio Luso-Americana, em assembleia geral realizada na sua sede, elegeu os corpos gerentes para o triénio de 1972-74, que ficaram com a seguinte constituição:

Assembleia geral: presidente, Tomás Pinto Basto; vice-presidentes, José de Abreu Theriaga, Manuel da Silva Ramos e dr. Carlos Ruiz.

Direcção: presidente, Robert E. Laforce; vice-presidente, Franklim Rogers Mason; secretário, António Santos Mendonça; tesoureiros, Rui de Almeida e V. Pimentel; drs. Manuel Cardoso e B.M. de Almeida; eng. Nuno Bustorff Silva e José Vístulo de Abreu e Porfírio Moreira.

Comissão de arbitragem: Telmo Moura Felgueiras, Alberto Vasco Abecassis, Gregor R. Howey e D. Pedro de Lencastre. Comissão revisora de contas: Felix Harry, drs. Palla e Carmo e Eurico Colares Vieira.

INTRODUÇÃO ÀS TÉCNICAS DE GESTÃO

Com a duração de 150 horas, decorre de 4 de Abril a 31 de Julho, no Instituto Superior Técnico, um curso de extensão universitária, sobre «Introdução às técnicas de gestão», destinado a licenciados em engenharia.

As inscrições, limitadas a um máximo de 30 participantes, estão abertas até ao dia 31, na secretaria daquele estabelecimento de ensino.

FILOSOFIA DA CIÊNCIA DO DIREITO

Com início no dia 11 de abril, às 21 e 30, a Universidade Católica Portuguesa promove, em forma de seminário, um curso de extensão universitária, sobre «Filosofia da Ciência do Direito», dirigido pelo dr. José de Sousa e Brito.

O curso, com uma sessão quinzenal, prolongar-se-á até Junho, podendo inscrever-se licenciados e estudantes com um mínimo de dois anos de frequência de Direito.

INTERNOS DA MATERNIDADE

No anfiteatro da Maternidade de Dr. Alfredo da Costa prossegue na quarta-feira, ás 10 e 45, o II Curso de Formação de Internos. Será desenvolvido o tema «A evolução psicomotora do permaturo, suas implicações na adaptação escolar. Sondagem sobre cem casos», pelos drs. D. Margarida Mendo Cabral de Sá e D. Dora Staak Bethencourt.

REQUISIÇÃO INDIVIDUAL VEM SUBSTITUIR O LIVRO DE REGISTOS

No prosseguimento do rumo traçado para uma maior eficiência dos serviços, que se reflicta também em benefícios para os utentes, seguindo o exemplo de inúmeras administrações postais estrangeiras, e para uniformização com os serviços postais do Ultramar, a empresa pública «Correios e Telecomunicações de Portugal» inicia, no próximo dia 1 de Abril, nova fórmula de aceitação de objectos registados aos balcões das suas estações.

Para essa modificação, que vai alterar o sistema tradicional usado, se chama a especial atenção do público e se pede a sua colaboração, atentando na simplicidade do expediente que a partir daquela data lhe será solicitado, quando pretenda **registar** correspondências.

Esse expediente reduzirá os tempos de espera, hoje correntes, em frente dos «postigos de aceitação de registos» das estações dos C.T.T. e dará ao expedidor uma maior confiança na transcrição (feita por si) dos elementos do registo para os documentos de arquivo, seus e dos CTT, anulando os enganos sempre possíveis. O novo processo consistirá no preenchimento de uma ficha - «requisição de registo» - parte pelos CTT, parte pelo público, cuja colaboração se torna extraordinàriamente simples, pois se limita à inscrição dos nomes e endereços do destinatário e do remetente do objecto que se pretende registar.

O sistema, que já vem sendo utilizado desde 1950 pelos expedidores de mais de cinco registos, estende-se agora, mais aperfeiçoado e dada a experiência adquirida, ao registo individual, eliminando os inconvenientes acima apontados.

Para os grandes usuários, remetentes na generalidade, de mais de 50 registos, a empresa conserva, a título facultativo, a modalidade da «Guia de depósito de registo colectivo».

A nova ficha - «requisição» estará à disposição do público em todas as nossas estações, da mesma forma que as requisições de vales, telegramas, etc.

Dizem os leitores

NÃO SERVEM OS HORÁRIOS DA LINHA DE VILA FRANCA

Com o pedido de publicação, enviou-nos o nosso leitor sr. Júlio de Castro, de Moscavide, a seguinte carta dirigida ao presidente do conselho de administração da C.P. em 27 de Fevereiro último e que até á data não obteve qualquer resposta:

«Era minha intenção dirigir-me á Imprensa, referindo-me aos anacrónicos horários, veementemente condenados, da linha de Vila Franca, entrados em vigor nesta data.

Fazendo um exame de consciência, entendi que os altos dotes de V. Ex.ª não mereciam ser comprometidos públicamente, pela medíocridade ou incompetência do encarregado de organizar horários e no qual V. Ex.ª deposita confiança porquanto um administrador de uma importante empresa, como é a C.P., não pode minuciosamente examinar a gama de cartazes que se afixam em toda a rede.

Publicada que foi, há poucas semanas, num jornal da tarde, uma comunicação de um engenheiro da C.P., relativa aos futuros horários da linha de Sintra e Vila Franca, ficaram os passageiros desta última linha entusiasmados, porque algo de importante se iria passar, no que diz respeito a melhores horários.

Afixados recentemente os ambicionados horários prometidos, foi de bradar aos céus a suprema desilusão, tanto mais comparando-os com os da linha de Sintra.

Enquanto todas as empresas rodoviárias se esforçam por apresentar cada vez melhores horários, a C.P., por intermédio de alguns maus colaboradores que V.Ex.ª tem,apresenta para a linha de Vila Franca horários que só desprestigiam a empresa e os muitos colaboradores que a ela ainda se dedicam com amor.

Não pretendo enumerar o movimento nas diversas estações, que segundo dizem também está mal, limitar-me-ei á zona onde habito: no sentido ascendente até Moscavide, ainda há o recurso aos eficientes transportes colectivos. A partir deste aglomerado populacional, a situação é caótica. Comboios há que não param em Moscavide, os que em Moscavide param já não passam de Sacavém, pois como se sabe o grosso da indústria é a partir de Sacavém para Norte, não contando com o populoso Bairro Salazar, na Bobadela, etc, pelo que foram os passageiros condenados, brutalmente, a esperar na velha e desconfortável estação de Sacavém uma imensidade de tempo por outros comboios que os levarão aos seus destinos, com as respectivas perdas de tempo nas horas de trabalho. Contrariamente aos desejos de V. Ex.ª a C.P. caminha no inverso do progresso»

Por outro lado, aquele nosso leitor esclarece-nos que **«anacronismo é de tal grandeza que os pobres passageiros que saem do Rossio com destino à Bobadela ou Santa Iria, ou vice-versa, têm que apanhar 3 comboios, que por vezes vê atrasados, e ficam encurralados, como lanígeros, na acanhada estação de Sacavém.»**

ANATOMISTAS DE 30 PAÍSES VÃO REUNIR-SE EM LISBOA

Iniciam-se amanhã, e prolongam-se até ao dia 30, o 57.º Congresso da Associação dos Anatomistas e a 22.ª reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa, que funcionarão simultâneamente, com a participação de 600 congressistas de 30 países.

À sessão inaugural, que se realiza na segunda-feira, às 9 e 30, na aula Magna da reitoria da Universidade de Lisboa, preside o Chefe do Estado. As sessões de trabalho, que se prolongam até 29, decorrerão em seis salas da Faculdade de Medicina.

Entretanto, amanhã, às 20 e 30, o secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista, oferece-no Palácio Foz uma recepção aos congressistas.

Do programa do congresso constam, no dia 27, duas sessões para apresentação dos relatórios científicos, sobre «As grandes vias linfáticas abdomino-toraco-cervicais», pelo prof. Armando Ferreira e «Aspectos morfo-funcionais da célula de Müller», da autoria dos profs. A. Coimbra, M. Silva e dr. M. M. Magalhães.

Haverá ainda duas conferências plenárias, a primeira na terça-feira, às 11 horas, pelo prof. Cid dos Santos, sobre «A anatomia do sistema venoso do membro inferior à luz da flebografia», e a outra no dia 29, às 10 horas, sobre o isolamento e as propriedades moleculares dos respectivos sinápticos.

À comissão organizadora deste congresso preside o prof. Xavier Morato, sendo constituída pelos profs. Tavares de Sousa (Coimbra) e Abel Tavares (Porto), vice-presidentes; prof. Caria Mendes (Lisboa), secretário-geral; prof. Lopes do Rosário e drs. Quintino Rogado, Mário Moura e Teixeira Pinto (Lisboa), secretários-adjuntos; e dra. Maria José Correia Mendes (Lisboa), tesoureira.

uma boa desculpa não indemniza prejuízos

UM SEGURO NOVO!...

seguro de responsabilidade civil familiar Império

*RC FAMILIAR IMPÉRIO

o seguro que paga por si... ...indemnizações!

O chefe de família é responsável: por si e pelos seus.
Quer dizer: O Joãozinho partiu o pára-brisas do carro do Sr. Mendes? **Você paga.**
O cão dos miúdos partiu um serviço de cristal da loja do lado? **Você paga.**
A Maria deitou pela janela fora um cinzeiro pesado que estava escondido nas dobras da toalha? **Você paga.**
De repente, pode ter diante de si a indemnização para pagar. Muito grande. Cem contos, duzentos contos, talvez mais.
Por danos materiais ou corporais (que são sempre os mais graves). Que fazer?
A Império oferece-lhe um novíssimo seguro que **paga por si** os prejuízos causados. Por si ou por qualquer dos seus familiares, empregados domésticos, animais.
100$00 POR ANO — repare bem, **POR ANO** — já chegam para adquirir esta garantia.
E para pagar as indemnizações cobertas pelo RC, a esse custo anual — repare bem, **anual** — seriam precisos muito mais de 2700 anos.
Mas a Império faz mais.
Oferece-lhe uma edição especial (tiragem limitada), inteiramente grátis e sem compromisso, permitindo-lhe assim estudar e decidir sobre este seguro, em sua casa.

Envie hoje mesmo o cupão (para não se esquecer).

AO SEU SERVIÇO
IMPÉRIO
a sua seguradora

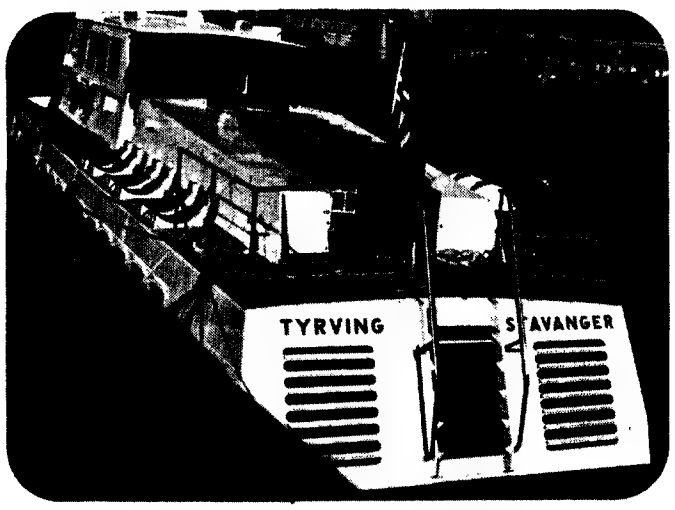
CUPÃO: Uma boa desculpa não indemniza prejuízos
Recorte, cole num postal e envie à Império
Apartado 106 — Lx. 2
Nome
Morada
Profissão

* RC quer apenas dizer Responsabilidade Civil. Juristas de todo o mundo medem a maturidade social através do conceito de Responsabilidade Civil. Uma sociedade em desenvolvimento é aquela em que os conceitos de RC atingem nível cada vez mais elevado

Penta

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30) e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras (a partir das 20 horas).



"Overcraft" no Tejo

Revolução nos transportes fluviais

Transportes no Tejo de «overcraft», esquecendo os velhos cacilheiros é para mais de cem mil pessoas uma promessa inesperada, e para nós foi ontem uma estreia de surpresa.

Logo de manhã largou do cais de Alcântara para uma viagem até Paço de Arcos, o «overcraft» Tyrving, que de passagem pela nossa capital, foi experimentado por representantes da Administração do Porto de Lisboa, com vista à radical modificação do actual esquema de transportes fluviais da cidade com a Outra Banda.

Peretencente a uma companhia norueguesa que o vai utilizar nas carreiras fluviais da cidade de Stavangen, o barco atinge a velocidade de 65 quilómetros e pode percorrer a distância do Terreiro do Paço ao Montijo em cerca de dez minutos transportando 116 passageiros. Gasta 500 litros de combustível por hora e custa cerca de 30 mil contos.

Acompanhamos nesta viagem experimental os srs. eng.º Pedro Nunes, presidente do conselho de Administração do Porto de Lisboa e os administradores-delegados eng.º Martins Lobo e Daries Louro.

Acerca das transformações que se estão a preparar com o objectivo de uma acentuada melhoria dos referidos transportes, disse-nos o eng. Pedro Nunes:

EMPRESA ÚNICA

— A administração do porto de Lisboa está a trabalhar na constituição de uma empresa única que ficará inteiramente responsável no respeitante aos transportes fluviais da cidade. Para isso temos feito diligências com entidades particulares, portuguesas e estrangeiras, a fim de ràpidamente se avançar na solução de um problema realmente urgente. Começamos por convidar as actuais empresas exploradoras das diversas carreiras, a promoverem (como núcleo-base) a criação da nova sociedade. Todavia reconheceram-se na generalidade incapazes, técnica e financeiramente, de o fazer. O projecto tem na realidade uma grande amplitude e irá, estou certo revolucionar o estado anacrónico actual dos nossos transportes fluviais. Para já posso apenas adiantar que os barcos serão inteiramente substituídos, e (claro está) por outros mais eficientes e cómodos. A única empresa que não será abrangida, é a do Barreiro, da qual é concessionária a C. P.

— E o «overcraft» agora experimentado virá a ser utilizado?

— O barco tem realmente óptimas condições — disse-nos o eng.º Pedro Nunes — **Todavia não me parece possível ou rentável a sua utilização, na ligação Lisboa-Cacilhas. O número de passageiros é bastante limitado e a sua velocidade seria mais aproveitável em viagens mais longas, como por exemplo, a ligação para o Montijo. Mas mesmo aqui os problemas são grandes devido ao menor número de pessoas que circulam nesse sentido, e à ausência de linhas de navegação suficientemente rápidas que permitam uma perfeita utilização das características do barco. Tudo isso, porém, são questões que a futura empresa irá certamente solucionar.**

EMPRESAS ACTUAIS PRONUNCIAM-SE

De regresso a Lisboa, contactámos com os representantes das várias empresas que até agora têm mantido as carreiras de barcos entre as duas margens do Tejo, nas zonas Lisboa-Cacilhas e Lisboa-Trafaria. São elas a «Empresa de Transportes Tejo», «Durão e Herdeiros», «Parceria dos Vapores Lisbonenses» e «Sociedade Nacional de Motonaves». E confirmamos a ideia de que elas estão dispostas a ceder os seus direitos de explo-

Continua na página seguinte

O eng. Pedro Nunes, presidente do Conselho de Administração do Porto de Lisboa, fala ao «DL»

BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS

S.A.R.L.

CAPITAL 370.000.000$00

O Conselho de Administração anuncia que por portaria do Ministério das Finanças de 7 de Março de 1972, publicada no Diário do Governo, IIIª Série, nº 62 de 14 do mesmo mês, foi este Banco autorizado a emitir 80 mil acções para serem oferecidas a subscrição pública, com preferência para os depositantes das Instituições de crédito fusionadas por escritura de 14 de Março de 1972, nas notas do 12º Cartório Notarial de Lisboa e que são Augustine, Reis & Cia. e Souza, Cruz & Cia. Lda, e nas condições seguintes :

1 - As acções são do valor nominal de 1.000$00 e o preço de emissão de 3.000$00 cada uma, a liberar integralmente, em numerário, no acto da subscrição ;

2 - As acções destinadas aos depositantes das Instituições de crédito fusionadas referem-se a contas que tenham sido abertas até 31 de Dezembro de 1971;

3 - A todas as acções subscritas será atribuído o dividendo relativo ao exercício de 1972 ;

4 - A subscrição será aberta nos balcões sitos nos seguintes locais:

LISBOA - Rua da Conceição, nºs 108 a 110
PORTO - Praça da Liberdade, nºs 15 a 16
MATOSINHOS - Rua Brito Capelo, nºs 184 a 186

5 - O prazo de subscrição é de 17 a 29 de Março de 1972.

6 - Havendo lugar a rateio as importâncias eventualmente em excesso serão devolvidas até ao dia 14 de Abril próximo.

Lisboa, 14 de Março de 1972

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Em crise a actividade da extracção de carvão

Números agora divulgados vêm confirmar a crise que a indústria de extracção de carvão atravessa. Efectivamente, em 1969, encerraram as minas existentes no distrito de Santarém, como de resto já tinha aontecido, no mesmo ano, com as da região de Coimbra, sendo, no entanto, umas e outras de baixa produção. A quebra de extracção verificada de 1969 para 1970 não é devida, portanto, a esse encerramento, já que a produção, no distrito de Santarém, foi de 1888 toneladas em 1969, enquanto em Aveiro se extraíam 333 073 toneladas no valor global de 71 282 contos, com um preço médio por tonelada, de 214$00. No distrito do Porto, e ainda nesse mesmo ano, a produção atingia 83 464 toneladas, no valor global de 13 332 contos, e com o preço por tonelada de 159$70.

Das seis minas em funcionamento em 1970, com uma produção total de 270 890 toneladas evalor de 57 462 contos, quatro situavam-se no distrito de Aveiro produzindo 243 462 toneladas, o que representava 89,8 por cento do total desse ano e 91,7 por cento do valor do carvão extraído no Continente. O valor médio, neste grupo de minas, cifrava-se em 216$30.

Quanto às outras duas, que se situavam no distrito do Porto, apuravam-se 27 428 toneladas, 4 789 contos e 174$60 no preço por tonelada. Esta produção representava 11,2 por cento do carvão estraído em 1970, e 8,3 por cento do valor, havendo pois, uma nítida desvalorização do produto.

Em 1969, segundo se afirma no último número do boletim da A. C.L., tinha havido uma produção que somava 424 425 toneladas, sendo no ano seguinte 270 890, o que representa uma contracção de 153,535 toneladas. Por distritos, a contracção foi para Aveiro de 89 611, ou seja 26,9 por cento e para o Porto 56 036, ou 67,1 por cento. Passando à análise dos números referentes ao total de operários que trabalharam neste sector, verifica-se que a diminuição, na produção, se deve à contracção no volume de emprego.

Em 1969, pagaram-se 38 543 contos de salários, a 1 894 operários que tinham trabalhado 553 345 dias, sendo de 292 o número médio de dias de trabalho. No ano seguinte, trabalharam 1 333 operários que receberam 33 428 contos, correspondente a 390 488 dias de trabalho, o que quer dizer que cada trabalhador fez uma média de 293 dias por ano, recebendo 85$60. Contudo, no distrito de Aveiro a média era de 91$50 e no do Porto cifrava-se nos 57 escudos e meio. Dum ano para o outro os salários aumentaram 22,9 por cento.

Acrescente-se que em 1971, foi encerrada a mina de S. Pedro da Cova, uma das duas existentes, até essa altura, no distrito do Porto.

Inquérito aos advogados portugueses

Realizou-se ontem a Assembleia Geral da Ordem dos Advogados para apreciação e aprovação do relatório e contas do respectivo Conselho. A aprovação das contas foi unânime, discutindo-se em seguida uma proposta que sugeria o aumento da cotização de 40$00 para 100$00 e que, igualmente aprovada, depois de evidenciadas as vantagens de tal aumento, entrará em vigor a partir do próximo mês.

Entrou-se depois na apreciação do relatório elaborado pela comissão encarregada do estudo dos problemas respeitantes à Caixa de Previdência. Amplamente discutido o assunto, deliberou-se confiar à recém-empossada Direcção da Caixa de Previdência o estudo das medidas que garantam uma profunda alteração no regulamento da mesma Caixa. Foi também louvadaa mencionada Comissão, assim como o actuário do referido organismo.

Por fim, entrou-se na discussão duma bem elaborada proposta sobre os temas de maior candência para a ordem, sobretudo no que se refere às condições da profissão.

Esta proposta apresentada por alguns jovens advogados de Lisboa, foi aprovada por unanimidade, após longo debate, decidindo-se a elaboração de um inquérito dirigido à classe, para conhecimento das condições sócio-económicas em que se baseia o exercício profissional dos advogados. Deliberou-se ainda editar dois novos temas que serão tratados no próximo Congresso: «Estrututa da Ordem» e «Função do Advogado na sociedade Portuguesa».

BALENCIAGA MORRE COM 77 ANOS

VALÊNCIA (Espanha), 24 — (ANI) — Morreu ontem à noite num hospital de Valência o costureiro espanhol Cristobal Balenciaga, que contava 77 anos — anuncia a agência noticiosa Europa Press.

Balenciaga, que há anos se retirara, depois de ter sido um dos principais costureiros do Mundo, a par de Dior e de Cardin, sofrera um ataque cardíaco ontem de manhã, num hotel à beira-mar, onde estava a passar férias.

DECIDA-SE HOJE MESMO POR
ST.º ANTÓNIO DOS CAVALEIROS
(JUNTO À PLACA DE FLAMENGA)

100 apartamentos, 4 assoalhadas alcatifadas, paredes revestidas a papel, 2 casas de banho, cozinhas com equipamentos modernos, construção de primeira.

A PARTIR DE 395 CONTOS

Com 30 % até à entrega das chaves e o saldo em 3 ou 8 anos: CORRETORES DE PLANTÃO DIARIAMENTE NO LOCAL

A NOSSA DECORADORA ESTUDARÁ COM OS CLIENTES A SOLUÇÃO IDEAL PARA CADA CASO

INFORMAÇÕES: Rossio, 74-3.º Telefs. 3 55 21 3 54 38 36 62 57 LISBOA 2

AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS atendemos pelos telefones 253-10 02 e 21 31 02

SPOC - Sociedade Portuguesa de Obras de Construção, Lda.

ASSISTA HOJE AO
EUROFESTIVAL DA CANÇÃO
NA GRANDE MONTRA DA

ULTRALAR

PR. DE LONDRES, 7-A

PELA 1.ª VEZ A CÔRES

NORDMENDE

E ULTRALAR
ESPERAM POR SI

"OVERCRAFT" NO TEJO

REVOLUÇÃO DOS TRANSPORTES FLUVIAIS

Continuação da página anterior

ração ou a integrarem-se numa nova sociedade, que substituirá o velho cacilheiro anacrónico, lento e pouco confortável. Isto foi o que depreendemos da conversa que travámos com os administradores de duas destas empresas, cujas palavras, aliás, incluem a opinião, segundo eles, daqueles administradores com quem não pudemos falar. Um desses administradores, explicou-nos:

— **Achamos bem que se procure tornar a travessia do Tejo uma coisa mais rápida e agradável. As empresas a que têm estado entregues os problemas do tráfego fluvial, nas zonas referidas, não possuem meios que lhes permitam revolucionar de uma maneira total e tão profundamente quanto o necessário, as suas frotas. Os problemas a resolver são muitos e há que contar com um certo poder económico. Os srs. administradores da Administração Geral do Porto de Lisboa, expuseram-nos um plano que consideramos admirável e com o qual concordamos absolutamente. O plano foi gizado pelos administradores da A. G. P. L. e estudado com a comparticipação de outras duas entidades interessadas no caso. Das quatro antigas empresas que ainda fazem a exploração, as que quiserem, podem integrar-se na nova sociedade. As que não quiserem prosseguir, fazem a concessão de direitos de exploração e vão à sua vida. De resto, tudo está encaminhado para uma imediata solução deste pormenor.**

— A nova frota fluvial que a futura sociedade vai pôr ao serviço do público, incluirá «overcrafts»? — inquirimos.

— **É muito possível** — respondeu-nos aquele administrador. — **Decerto isso estará no plano da futura sociedade. No entanto, eu não lhe posso adiantar grande coisa no que se refere a pormenores técnicos. De qualquer modo, sei que a travessia do Tejo, dentro de pouco tempo, será** outra coisa. **Nós fizemos o que pudemos, dentro das nossas possibilidades. Mas a exploração das carreiras fluviais transformou-se, de há uns anos a esta parte, num quebra-cabeças. A pesar disso, repito, penso que cumprimos o melhor que pudemos e soubemos.**

Estas palavras de um dos administradores da Sociedade Nacional de Motonaves, comprovam a boa vontade existente para a solução do problema dos transportes fluviais na zona de Lisboa-Outra Banda, solução essa que parece encaminhada no melhor sentido. O velho **cacilheiro**, durante tantos anos figura de relevo de uma Lisboa que se vai perdendo no tempo, deixará em breve (?) de sulcar as águas do Tejo. Em seu lugar, aparecerão máquinas ultramodernas, que decerto irão concorrer para que a travessia do rio secular se realize com muito maior rapidez, segurança e comodidade.

Hidro Eléctrica Portuguesa

S. A. R. L.

Rua do Dr. Alves da Veiga, 57-1.º
PORTO

PAGAMENTO DE JUROS

De harmonia com as condições da emissão estará em pagamento, a partir de 2 de Abril próximo, o juro das obrigações de 4 % 1949 2.ª emissão.

A importância líquida a pagar pelo cupão n.º 47 é a seguinte:

Obrigações ao portador	12$83,8
Obrigações ao portador registadas	17$20,8
Obrigações nominativas	17$80,8
Obrigações averbadas a Instituições de Previdência	19$80

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Conforme anúncio oportunamente publicado nos jornais, procedeu-se ao sorteio, em 6 de Março corrente, para efeito de amortização, a partir de 2-4-1972, de 110 obrigações da emissão acima referida, tendo sido sorteados os seguintes títulos:

2.ª Emissão—4 %—1949/88—35.º Sorteio—110 Obrigações

ÚLTIMO CUPÃO PAGÁVEL — 47

TÍTULOS DE 1

101	107	111	117	121	127	131	137
147	151	157	161	171	181	191	199
256	276	286	556	646	1443	1445	1447
1457	1467	1483	1487	1495	1497	1557	1619
1854	1864	1874	1884	1889	1894	2023	2033
2045	2055	2063	2073	2083	2085	2095	2146
2176	2179	2434	2658	2766	3129	3130	3188
3239	3544	3619	3660	3706	3764	3774	3784
3794	4000	4035	4073	4075	4083	4138	4266
4469	4579	4819					

TÍTULOS DE 5

5301 [illegible]016 6646 6771 6941

TÍTULOS DE 10

7531

O pagamento do cupão acima indicado e o reembolso das obrigações sorteadas serão efectuados na Sede da Companhia Portuguesa de Electricidade — CPE, S. A. R. L., no Porto ou no seu Estabelecimento Central em Lisboa, e nos seguintes estabelecimentos de crédito:

Caixa Geral de Depósitos
Almeida, Basto & Piombino & C.ª
Banco Agrícola e Industrial Viseense
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fernandes Magalhães
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Intercontinental Português
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores
Bank of London & South America
Crédit Franco-Portugais
Crédito Predial Português
Montepio Geral
Pinto de Magalhães, Lda.

Porto, 24 de Março de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

A POLUIÇÃO ESTÁ A QUEIMAR O BARREIRO

Certamente que no nosso País a poluição do meio ambiente não atingiu ainda, as proporções alarmantes de outros altamente industrializados ou onde se estabeleceram, por motivos vários grandes aglomerados industriais.

E se já alguns apelos foram lançados no sentido de combater os malefícios causados pela degradação das condições naturais de vida, somos obrigados a reconhecer que o que se tem feito de concreto é pouco e que estaremos a combater o problema de um modo parcelar para não carregar com as dificuldades de ir à raiz da questão.

Nas maiores cidades do País e em Lisboa acentuadamente, sentem-se muito vivas as carências de uma actuação concertada, que ultrapasse eficazmente a letra de tantos relatórios e comunicações, onde o assunto é matéria. Mas não só aí. Todos sabemos: a situação agrava-se nos aglomerados populacionais aderentes aos grandes centros fabris onde vivem, normalmente aqueles que, à força de trabalho, fazem mover a máquina da produção. A cintura industrial de Lisboa é disso caso flagrante. E dentro dela, a situação do Barreiro é das mais gritantes e desesperadas.

Terra de raro sol, um céu negro e baixo a cobre, numa mistura pesada de gases rubros e espessos. Esmagada entre nuvens de denso fumo e uma terra estéril a vila intoxicada vê, á sua beira um rio largo e envenenado onde o peixe há muito morreu.

Reportagem por

FRANCISCO NEVES

O assunto transcende a posição de um presidente da Câmara

OU COUVES OU GASES (?)

Começámos «por cima». Chegados ao Barreiro a Câmara. O presidente, dr. Carlos da Cruz e França sabe das suas limitações: **«O problema da poluição é um assunto que transcende a posição de um presidente da Câmara. Não é apenas aqui que isto se passa. Como sabe, o problema é geral. E muito mais grave se manifesta a situação noutros países. O Barreiro desenvolveu-se muito primeiramente à custa do caminho-de ferro e, depois por causa da C. U. F. - Claro que isto aqui não está bem, mas não podemos ter um clima campesino. Ou couves ou gases. Numa zona industrial os inconvenientes não se podem reduzir a 100 por cento. Como foi noticiado, A C. U. F. está a fazer esforços no sentido de melhorar o ataque à poluição, tive já contactos com a direcção da companhia e sei que ela se encontra receptiva quanto aos esforços para minorar todos estes inconvenientes.»**

Mas o que mais nos interessava saber era o alcance das medidas pensadas ou em curso que entidades não particulares mas sim oficiais (em especial a Câmara) patrocinassem, visando o bem-estar da população do Barreiro. Haveria alguma coisa nesse sentido?

«Não, não há nada. Claro que existem requisitos legais que permitem reclamações quanto a inconvenientes para as pessoas, derivadas da instalação de pequenas fábricas ou oficinas».

Quanto ao rio, autêntico vazadoiro de toda a espécie de produtos químicos, ficámos a saber coisas:

«A CUF, não por razões humanitárias, mas até por interesse económico, está a tentar recuperar vários produtos que deitava fora, mas que podem ser utilizáveis. Posso-lhe até dizer que esteve cá uma comissão de técnicos do combate á poluição e verificaram que o grau de poluição do rio era menor do que aquele que esperavam.»

Pelo que vimos, parece-nos (a nós que dessas técnicas pouco entendemos) que o pessimismo grassa em tais sectores especializados. Mas, ao fim e ao cabo, é certamente à população do Barreiro que cabe dizer o que pensa da sua situação. Por isso, com ela falámos.

OS GASES MATAM TUDO

E começámos a descortinar a irreductibilidade de duas posições de raíz mais funda do que a penitenciária inspiração dos gases industriais.

Diz-nos o sr. Joaquim Firmino, homem fortemente ligado á nascença de uma das melhores colectividades de Barreiro - o Luso Futebol Clube:

«Sentimos muito os efeitos da poluição. Tudo se tem afectado. Até o hospital vê os materiais estragados pela acção corrosiva dos gases. E com a ajuda do vento, as zonas menos afectadas vão ficando sujeitas a maiores quantidades de fumos.

Os automóveis também. É preciso cromar muitas vezes os acessórios e a pintura estraga-se muito depressa. E o rio... Já nem temos peixe fresco, acabado de pescar.

Procuramos o Clube. Perguntamos o caminho a dois guardas republicanos. Interrogam-se. Do Barreiro pouco conhecem. O nome não lhes diz nada. (Que não são dali). Seguimos.

Finalmente, com um dos responsáveis da secção cultural da colectividade: **«Estamos sempre debaixo destes gases. De manhã, formam-se acumulações de gases sulfurosos, e doutros, que um manto de nevoeiro impede de se expandirem. Pela noite fazem-se as grandes descargas. Tudo fica coberto de «verdete». Até as pedras. Mas os maiores malefícios são suportados pela população. E não é só na atmosfera: as praias e o rio também ficam numa lástima. No verão passado, realizámos uma limpeza simbólica da praia... hoje pode ver como ela está...**

Junto ao rio, um grupo de homens que por ali fizeram a vida da pesca, uma rede de veias a cobrir-lhes as mãos depostas, dizem da tristeza dum trabalho que já não dá que comer. Assim:

«Quantas vezes vínhamos com um mar limpo e, num repente, já não se via nada.

Há trinta anos havia aqui sol e peixe. Muito marisco.

Hoje?... Um rio assim há-de dar alguma coisa? Às vezes, a água tem alturas em que parece sangue. Outras traz umas bolas de sebo ou lá o que é... Na praia, nem se pode dar uma passada.

Ali perto, fica um lugar de nome Alburrique. Junto ás barracas esburacadas erguem-se montões de lixo, apodrecendo á flor das águas de uma bacia pantanosa.

No centro da vila, o sr. António Guerreiro: **«Estes gases são p e r niciosos à população e causam prejuízos de toda a espécie. Os vegetais por exemplo murcham logo. Os carros ficam todos «picados», parece bexigas... O peixe aparece a boiar, morto, na praia e tem sido o fim do marisco no Tejo. Fazem do rio um vazadoiro do pior.**

E assim aguardamos, lamentando... Muita gente aqui morre, de envelhecer depressa.

No Barreiro, os prós de uns são os contras de outros. E se há tanta razão de queixa, ainda está certamente alguma coisa por rever no campo das prioridades que motivam progressos industriais.

Terminando, falámos com o dr. Canário, médico que há muito exerce ali a profissão: **«Como médico, a minha opinião sobre o assunto só pode ser a pior. A situação é muito grave, em especial para todos os que sofrem de perturbações respiratórias. Os asmáticos e os doentes de bronquite são os que mais sofrem. Tão grandes quantidades de gases só queimam as mucosas da árvore respiratória. Se nas pessoas novas e bem constituidas não se notam grandes prejuízos de saúde, o mal asmático, por exemplo agrava-se a cada passo.**

Com estas palavras pesadas de verdade, ditas por quem conhece nos corpos o problema, fechamos o apontamento de uma chaga em aberto, com a certeza de que **apenas perto** andámos do fundo da questão.

Há trinta anos havia sol e peixe...

Industrialização igua

No último dia antes das férias da Páscoa, a Assembleia reuniu ontem apenas com 58 deputados.

Os problemas das ilhas adjacentes foram levantados pelos deputados Mota Amaral e Agostinho Cardoso. O primeiro num requerimento, pedindo elementos sobre a questão do pão e do trigo. O segundo numa longa intervenção sobre o Arquipélago da Madeira.

O deputado Agostinho Cardoso lembrou a lei da livre circulação de mercadorias entre o Continente e as Ilhas adjacentes. E como uma das suas consequências, o facto de o Hospital da Misericórdia do Funchal sofreu, em 1971, uma redução de cerca de 2 mil contos nas suas receitas provenientes de taxas alfandegárias, «o que ainda não foi compensado». E aceitou que, «por ora só lucravam os intermediários que absorveram todos ou quase todos os benefícios!»

O orador, aludindo aos vários problemas do arquipélago, prometeu que não deixará de pugnar até ao fim da actual legislatura pelos interesses da Madeira.

Por sua vez, o deputado Valente Sanches, afirmou a sua confiança no Governo do prof. Marcello Caetano e no obra do ministro de Educação Nacional.

O deputado Magalhães Mota estranhou que as promessas dos candidatos por Santarém feitas ao eleitorado em 1969, de contactarem com a população, não tenham ainda sido cumpridas em conjunto. O deputado Cota Dias interrompeu para dizer que seria mais prático o deputado tê-lo feito individualmente.

O presidente achou que era regimental o que o deputado Magalhães Mota afirmara. E o caso não foi muito mais longe.

Entrando-se na ordem do dia, o deputado Magalhães Mota começou por se referir à forma como está

MERGULHÃO
As mais lindas pratas
Rua de S. Paulo, 162
Telef. 30013

LUSTRES
Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c. Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

CRUZEIRO DE VERÃO
MADEIRA E CANÁRIAS
9 dias de SOL e repouso a bordo do moderníssimo paquete «FUNCHAL»
Partidas — 8 de Julho
1 e 24 de Agosto
16 de Setembro
desde 3.900$00
Programas e inscrições:
WAGONS - LITS // COOK
Av. da Liberdade, 103
Telefs. 36 15 21/3 32 39
Av. de Roma, 4-C
Telefs. 72 26 39/76 26 54
R. Rodrigo da Fonseca, 86
Telef. 68 06 32
PORTO ● COIMBRA
ESTORIL ● FUNCHAL
LUANDA ● L. MARQUES
A maior organização mundial de Viagens e Turismo

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preço, compramos. Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

ual a desenvolvimento

a decorrer a discussão da proposta de lei sobre Fomento Industrial: «à média de dois oradores por dia».

Afirmando depois que estamos a viver em Portugal «uma fase de desencanto político», explicou porquê: «Julgo que, fundamentalmente, por arcaísmo das nossas estruturas socio-políticas incapazes da aceitação plena da evolução e da mudança, obstinando-se na defesa de interesses económicos ultrapassados; funcionamento defeituoso da Administração Pública cuja reforma nunca mais se efectiva; indefinição das nossas relações com os outros; e economia frágil. Não valerá a pena deter-me hoje na incapacidade, que todos em maior ou menor grau, dolorosamente vamos suportando, para enfrentar a alta crescente dos preços. A renda de casa e a alimentação esgotam a quase totalidade dos rendimentos mensais da maior parte dos portugueses, por sua vez, obtidos com sacrifício de todos os tempos livres consumidos em segundos empregos ou em transportes. «Custo de vida», diz-se e o simbolismo é quase cruel: cada dia custa mais, simplesmente viver... Nesta frágil economia, um dos factores é, certamente, uma insuficiente industrialização.»

O dr. Magalhães Mota ocupou-se, depois, de estrutura de produção e afirmou, a certa altura, que «as indústrias não criaram novos empregos». E depois: «Quero dizer que tenho para mim que a sorte futura da industria em Portugal depende da resolução «simultânea» dos atrasos verificados noutros sectores, designadamente no agrícola e no de serviços, em especial, no que se refere aos serviços públicos. Isto é: uma lei de fomento industrial, bom é. Melhor seria que ela fosse acompanhada de outras leis (ao menos, leis). Mais que a industria é a economia que está em causa. Sem uma agricultura moderna, capaz de atenuar as diferenças entre o campo e a cidade, continuaremos a ter subemprego urbano e emigrantes. O que não vale a pena é continuarmos a ignorar problemas. Não vai ser a procura externa que vai resolver os «estrangulamentos» verificados. Há questões a resolver, dinamicamente, em todos os campos. Transformar a necessária ligação à Europa num «sebastianismo», só aparentemente de sinal contrário, não parece que seja solução. Mas também não há dúvida de que sem industrialização não haverá desenvolvimento».

O ponto de vista do orador, quanto à industrialização, parece estar sintetizado nas seguintes palavras: «Parece aliás suficientemente demonstrada a necessidade de nova política industrial: ninguém o parece ter contestado. Por isso se estranha o tempo que esta proposta demorou. «Não é aceitável chamar prudência à incapacidade de correr riscos, ou chamar ponderação à falta de capacidade para tomar decisões, ou chamar paciencia à falta de sentido para agir a tempo». E ainda: «Porque acredito na ânsia de progresso e reformas, aí está a minha esperança e o meu voto».

O deputado Themudo Barata declarou aprovar as ideias gerais do diploma em discussão (fomento industrial) mas, falando da indústria automóvel, solicitou mais uma vez a atenção do Governo, «pois, sinceramente, creio que a inacção e o silêncio neste capítulo estão servindo, ainda que involuntáriamente, designios que poderão ser do proveito de alguns, mas não são os que melhor servem os interesses de todos. Ora, sabendo-se, por exemplo, como já aqui tive ocasião de referir, que só as viaturas militares representam aquisições anuais da ordem das 3 ou 4 centenas de milhares de contos e que, com as viaturas dos restantes serviços oficiais e outras ligadas ao Estado, não seria difícil alcançar cifras da ordem de 1 milhão de contos ou superiores, não se deveria haver já aplicado há muito a doutrina da actual Base XVI, respeitante aos planos de compras a médio prazo do sector público, para favorecer a instalação de unidades industriais no nosso País, incrementando substancialmente a incorporação de trabalho nacional?»

A encerrar a sessão, o presidente marcou a próxima sessão para 4 de Abril, com a esperança de que nessa semana termine a apreciação da proposta de lei sobre Fomento Industrial.

A ASSEMBLEIA GERAL DA SIOL APROVOU AS CONTAS DO EXERCÍCIO DE 1971

Sob a presidência do sr. tenente-coronel Álvaro Salvação Barreto, secretariado pelos srs. drs. Alberto Abrantes Ribeiro e Albano Enes Dias, reuniu a assembleia geral da Siol — Sociedade Importadora de Oleos, S. A. R. L.

O sr. Francisco do Cazal-Ribeiro, presidente do conselho de administração, em representação da Cidla, fez um resumo das actividades da empresa durante 1971, tendo referido a importância das duas novas representações recentemente obtidas: uma, dos óleos de corte Stuart, bem conhecidos internacionalmente; a outra, do material anti-poluição da Scandinavian Oil Service, cuja apresentação já foi feita aos técnicos e empresários portugueses. Referiu-se ao desenvolvimento registado pela sociedade durante o último exercício e saudou os seus principais accionistas, entre os quais a Sacor, o Banco Espírito Santo e o grupo A. Johnson C.ª, de Estocolmo. Dirigiu especiais cumprimentos ao sr. Aristide Sain, que na assembleia geral representava a Sacor.

Este usou em seguida da palavra para agradecer em nome da sua representada e sublinhou a gravidade actual dos problemas da poluição. Recordou a propósito todos os cuidados que a Sacor teve, desde sempre, no sentido de debelar o perigo da poluição atmosférica na zona das suas instalações.

O relatório e as contas da Siol foram depois aprovadas por unanimidade.

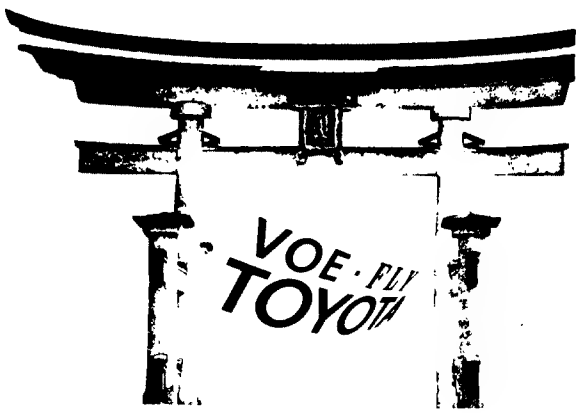
Vai abrir-se o túmulo do Imperador Carlos

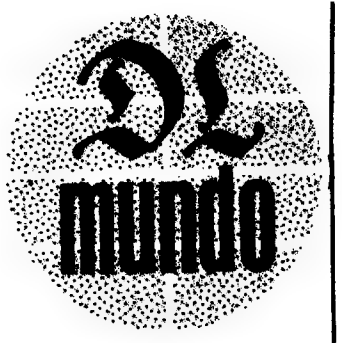
FUNCHAL, 25 (ANI) — Na manhã de Sábado, dia 1 de Abril, comemora-se o cinquentenário da morte do imperador Carlos, do Império Austro-Húngaro, a qual ocorreu no exílio, na ilha da Madeira. Na igreja de Nossa Senhora do Monte, encontra-se o seu túmulo, em cripta própria.

O filho do imperador Carlos, uma embaixado de Viena de Áustria presidida pelo arcebispo da cidade e da qual faz parte o postulador da beatificação do imperador, são esperados no Funchal para assistirem à solene cerimónia de abertura oficial do túmulo, ordenado pela Santa Sé.

O acto, que será presidido pelo prelado da Diocese do Funchal, D. João Saraiva, acompanhado do vigário geral, dr. Agostinho Gonçalves Gomes, terá a presença de um médico e de um notário, além de outras individualidades de relevo da ilha.

veja o seu TOYOTA na Transmotor
EMPRESA DO GRUPO SALVADOR CAETANO, S.A.R.L.
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 17-A
SEXTA E SÁBADO (dias 24 e 25)
ATÉ ÀS 24 HORAS
ENTRE PARA A "FAMÍLIA" TOYOTA
e venha connosco ao JAPÃO





ACORDO SURPRESA MALTA-INGLATERRA — A notícia de que o primeiro-ministro, Don Mintoff, vai a Londres assinar um acordo com a Inglaterra, para a manutenção das forças militares inglesas nas bases de Malta, levou o povo maltês em peso para a rua, a acenar bandeiras e a gritar de alegria.

A multidão era tal, que a Polícia se viu obrigada a bloquear o trânsito nas estradas do subúrbio de Floriana, uma vez que as ruas da capital maltesa estavam totalmente apinhadas de gente.

O noticiário da televisão, emitido, como habitualmente, ao fim da tarde, estava quase a terminar, quando, sùbitamente, o locutor bradou: «Sensacional» — e leu então a notícia de que Mintoff vai de avião a Londres, a fim de assinar acordo sobre as bases.

Na maior parte, os malteses receberam com regozijo a notícia deste acordo de última hora, uma vez que a partida dos militares ingleses e das suas famílias, que ficaria concluída mesmo antes do prazo limite, a 31 de Março, já estava a afectar gravemente a economia desta ilha.

EMPRÉSTIMO DE NAVIOS — O Senado americano aprovou ontem um projecto de lei, autorizando o empréstimo de 5 contra torpedeiros e dois submarinos à Espanha, de um contra torpedeiro e dois submarinos à Turquia, de dois contra torpedeiros à Coreia do Sul e de dois submarinos à Itália.

Estes 16 navios serão retirados da esquadra de reserva dos Estados Unidos. O projecto de lei que autoriza o empréstimo, voltou de novo à Câmara, que já o tinha aprovado, para esta se pronunciar sobre emendas ao texto, introduzidas pelo Senado.

Fora os dois contra torpedeiros alugados à Coreia do Sul, todas essas unidades servirão no Mediterrâneo. «Constituirão um aumento importante da Sexta Esquadra dos Estados Unidos» — declarou o Senador Harry Byrd, na Virgínia.

A batalha eleitoral vai ser dura em Itália

ROMA, 25 (FP) — A batalha eleitoral vai ser dura, de norte a sul da Itália. Para romanos, o principal embaraço é o da escolha, pois em Roma apresentam-se muitos candidatos Berlinguer, do PCI, Mario Tanassi, do PSI, Tulio Vecchietti, antigo secretário do partido, do Movimento da Unidade Operária Giorgio Almirante, secretário do MSI (neo-fascista) e dirigente da «Direita Nacional», e ainda Giulio Andreotti, presidente do actual governo, isto quanto a individualidades com direcção nos partidos ou movimentos políticos.

Mas há também as pessoas célebres, como o general Loreãnzo, antigo chefe do estado maior do Exército, antigo chefe dos serviços de espionagem e antigo comandante-chefe dos carabineiros, do almirante Gino Birindelli, antigo comandante-chefe das forças navais da NATO no Mediterrâneo (ambos na lista do MSI), do general Giulo Vedovato, antigo chefe do Estado Maior general do Exército (Lista liberal), o bajlarino Valpreda, à cabeça da lista do «Manifesto» (grupo maoista), figurando Pino Rati, na lista do MSI.

ROSSANA ROSSANDA CANDIDATA-SE

É curioso que, a lista do «Manifesto», se contém o nome de Valpreda, o Anarquista, contém também o de Luciana Castellina, esposa separada do deputado comunista Alfredo Reichlin, que se apresenta em Lecca, Rossana Rossada «A Passionária italiana», figura a seguir a Luciana.

Na lista comunista, encontra-se o nome do dr. Giuseppe Branca, antigo presidente do tribunal Constitucional.

Outros nomes nas listas eleitorais: Manlio Brosio, antigo secretário-geral da NATO (Paetido Liberal), Franco Maria Malfatti, antigo presidente da Comissão da CEE (democracia cristã), Concetto Lo-Bello árbitro internacional de futebol (democracia cristã, na Sicília)

MANTÉM-SE O MANDATO CONTRA BORGHESI

O mandato de prisão pronunciado contra o príncipe Valerio Borghese, acusado de ter fomentado um golpe de Estado, em Março de 1971, e actualmente foragido no estrangeiro, não será anulada. Tal é a decisão tomada pelo juiz de instrução do tribunal de Roma.

Este rejeitou um pedido da defesa do príncipe Borghese, neste sentido, após a libertação de cinco implicados neste caso, presos há um ano.

Não foi encontrada qualquer prova de culpabilidade destes cinco militantes da extrema-direita.

Divergências no IRA sobre a trégua no Ulster

Continuação da pág. 1

da do Norte) e retirada das tropas britânicas do Ulster.

BOMBAS

Entretanto, em Belfast, ficaram feridas oito pessoas na sexta-feira à noite em Maghera, perto de Londonderry, onde explodiram duas bombas em dois estabelecimentos, ficando totalmente destruído um deles. Cerca de trinta lojas das imediações sofreram estragos. Não inspira nenhuma inquietação o estado dos feridos, que soferam golpes provocados por estilhaços de vidro.

Os autores do atentado tinham dado cerca de dois minutos aos transeuntes para se afastarem do local.

Para evitar os atentados empregando carros contendo dinamite, foi decretada a proibição de estacionamento em certas cidades irlandesas do Norte, a não ser em parques designados pelas municipalidades.

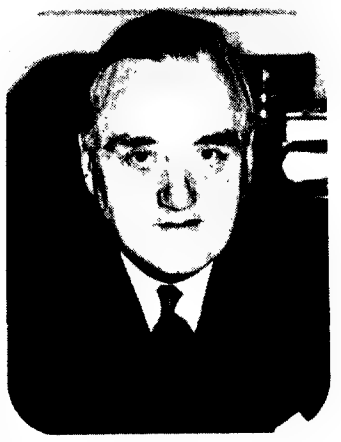
Numa semana os atentados por meio de automóveis fizeram 6 mortes e 250 feridos.

KENNEDY APOIA

WASHINGTON, 25 (ANI) — Num comunicado conjunto, os senadores Edward Kennedy e Abraham Ridicoff e o deputado Hugh Carey apoiam a colocação do Ulster sob administração directa de Londres.

Que os indivíduos detidos sem julgamento e sem acusações formuladas contra eles sejam libertados logo que possível — pedem aqueles congressistas norte-americanos, que até agora criticavam a atitude inglesa em relação à Irlanda do Norte.

OPOSIÇÃO - William Craig (á direita) dirigente extremista dos protestantes da Irlanda do Norte quando discursava para anunciar que a sua organização, a Vanguarda lealista, se oporia por todos os meios ao governo da província por Londres. (Telefoto UPI-Telimprensa/DL)



NOVA TAREFA - O governo de Heath nomeou William Whitelaw (na foto), secretário de Estado para a Irlanda do Norte. Whitelaw, um antigo major de cavalaria durante a segunda guerra mundial, que era presentemente, o «leader» dos comuns, será o homem encarregado de levar avante o plano de governação directa, durante um ano, da conturbada província do Reino Unido. (Telefoto UPI-Telimprensa/DL)

Fundação Calouste Gulbenkian

— SERVIÇO DE MÚSICA —

TEMPORADA DE 1971/72 • 2.º SEMESTRE

ABRIL

3.ª-feira, 4 * 18.30 horas — Auditório Dois
Recital de violino e piano
GERARDO RIBEIRO / MARIA JOÃO PIRES

3.ª-feira, 11 * 18.30 horas — Auditório Dois
Recital de piano
RAFFI PETROSSIAN

5.ª-feira, 13 * 18.30 horas — Auditório Dois
Recital de piano
HELENA COSTA

4.ª-feira, 19 * 18.30 horas — Grande Auditório
Música para órgão e piano
DAVID PIZARRO / OLGA PRATS

5.ª-feira, 20 * 18.30 horas — Auditório Dois
Ciclo de Música Coral (I)
POLYPHONIA / Direcção: JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA

6.ª-feira, 21 * 18.30 horas — Auditório Dois
Encontro-Debate sobre STRAVINSKY

2.ª-feira, 24 * 18.30 horas — Auditório Dois
Recital de violino e piano
ORTWIN NÖTH / MARIA JOÃO PIRES

4.ª-feira, 26 * 18.30 horas — Auditório Dois
Ciclo de Música Coral (II)
CORO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA / Direcção: FERNANDO ELDORO

6.ª-feira, 28 * 18.30 horas — Auditório Dois
ESTÚDIO COREOGRÁFICO

Sábado, 29 * 18.30 horas — Auditório Dois
ESTÚDIO COREOGRÁFICO (mesmo programa do dia 28)

PREÇOS: Recitais — 30$00
Ciclo de Música Coral e Estúdio Coreográfico — 15$00
Encontro-Debate — Entrada livre
50 % de desconto a estudantes
Início da venda de bilhetes (avulso): dia 30 de Março
A bilheteira estará encerrada nos dias 1 e 2 de Abril

ATENÇÃO: Para o recital do dia 13, são válidos os bilhetes com a data de 14 de Fevereiro

GRUPO A — M/6 anos

BENFICA-AJAX

EXCURSÃO A AMESTERDÃO
DE 3 A 6 DE ABRIL
Viagens de avião ida e volta
Transportes Aeroporto/Hotel/Estádio
BILHETE DE BANCADA — VISITA À CIDADE

EM HOTEL DE 1.ª CLASSE (DORMIDA E PEQUENO ALMOÇO): 5.530$00
EM HOTEL DE TURISMO (DORMIDA E PEQUENO ALMOÇO): 4.890$00

A PÁSCOA EM PARIS

DE 31 DE MARÇO A 3 DE ABRIL
EM HOTEL DE LUXO (DORMIDA E PEQUENO ALMOÇO): 4.890$00

Inscrições:

Viagens MERCURY Turismo

LISBOA — AV. DA LIBERDADE, 161 — TEL. 56 10 81
PONTE DA BARCA — PR. DO MUNICÍPIO — TEL. 42178

Agência ABREU

LISBOA — AV. DA LIBERDADE, 160 — TEL. 32 00 21
PORTO — AV. DA LIBERDADE, 207 — TEL. 3 79 21

BENFICA
EM AMESTERDÃO
Viagens acompanhadas
MODALIDADE A
4 a 6 ABRIL — Esc. 5.690$00
incluindo avião, hotel 1.ª categoria, 1/2 pensão, transporte Aeroporto/Hotel/Aeroporto e Hotel/Estádio/Hotel. Bilhete bancada central

MODALIDADE B
3 a 8 ABRIL
AMESTERDÃO E LONDRES
Esc. 6.490$00
incluindo avião, Hotel 2.ª superior, transportes Aeroportos/Hoteis/Aeroportos e Hotel/Estádio/Hotel. Bilhete bancada central.

INSCRIÇÕES:

WAGONS-LITS//COOK

Av. da Liberdade, 103
Telefs. 36 15 21 - 3 32 39
Av. de Roma, 4-C
Telefs. 72 26 39 - 76 26 54
Rua Rodrigo da Fonseca, 86
Telef. 68 06 32

PORTO * COIMBRA
ESTORIL * FUNCHAL
LUANDA * L. MARQUES

A maior organização mundial de Viagens e Turismo

GRAVADORES PORTUGUESES

EXPOSIÇÃO — VENDA DE TRABALHOS DE ARTISTAS DA

SOCIEDADE COOPERATIVA GRAVURA

LOJAS EUROPA-AMÉRICA

AV. MARQUÊS DE TOMAR, 1-B — LISBOA
— DE 25 DE MARÇO A 1 DE ABRIL —

Os americanos vão propor na Reunião Monetária de Lisboa

A CRIAÇÃO DO GRUPO DOS VINTE

«Espreitarei todas as oportunidades de recolher qualquer ideia precisa acerca de problemas importantes» declarou à Imprensa Paul Volcker, subsecretário americano do Tesouro para assuntos monetários referindo-se à viagem que na próxima semana fará à Europa, a fim de discutir a criação de um novo «forum» para as negociações monetárias internacionais.

Volcker dirige-se a Paris para participar numa sub-comissão da O.C.D.E. e, em seguida, tomará parte num «seminário» que se realizará em Portugal.

O secretário do Tesouro, John Connally, anunciara a semana passada ter pedido a Volcker que explorasse a possibilidade de um «forum» que viria a substituir o «Grupo dos Dez» (as nações mais ricas do Mundo). Uma fórmula possível seria a formação de um «Grupo de Vinte», que teria um papel paralelo ao dos directores do Fundo Monetário Internacional.

Segundo Volcker, são «favoráveis» as reacções conhecidas até este momento acerca da hipótese do possível alargamento do «Grupo dos Dez». Espera-se que até ao princípio do próximo mês essas reacções sejam «numerosas».

Um «Grupo dos Vinte» seria concebido de forma a «deixar entrar o ar, o mais possível», a partir de outras instituições

Por HOBART ROWEN
Exclusivo «W. POST»/«D. L.»

internacionais, além do Fundo Monetário Internacional.

Ultrapassando a questão do novo «forum», Volcker declarou: «Contràriamente à **impressão** que se poderia tirar da leitura dos jornais, os Estados Unidos têm reflectido muito sobre os importantes problemas ligados à reforma monetária. Procuramos transformações fundamentais, porque as economias do mundo sofreram transformações fundamentais. «Assim, embora «exista a tentação de procurar a resposta em simples mecanismos, o problema mais profundo que se levanta é de natureza filosófica... e é aí que os conflitos começam».

A questão de uma nova emissão de direitos de saque especiais «não é criticada, de uma ou de outra forma — observou Volcker Não estou **seguro de** que uma nova emissão restrita de direitos de saque especiais seja fundamental do ponto de vista económico, nem tenho qualquer opinião sobre a sua necessidade psicológica.»

A partir de 1 de Janeiro de 1973, poderá iniciar-se a discussão de uma nova emissão de direitos de saque especiais. Na Europa, sugere-se que, por razões de continuidade, basta uma única emissão restrita de 1500 milhões de dólares, em vez de 3000 milhões anuais.

O Governo americano, por sua vez, opôs-se sempre à utilização dos direitos de saque especiais para ajudar os países menos desenvolvidos e receia que uma união monetária europeia conduza a um «bloco (comercial) defensivo», que tornaria mais difícil o problema da reforma monetária e das negociações comerciais.

OS PESADELOS DO CONSELHEIRO

O conselheiro Henry Kissinger, homem que parece ter uma influência decisiva na condução da política externa americana, dizia há tempos que tinha dois pesadelos. Um deles era o de que a URSS e a China entrassem em conflito armado, pois não sabia qual a posição que os EUA poderiam tomar perante tal eventualidade. O outro pesadelo, aparentemente contraditório com o primeiro, preocupava-o ainda mais. Acordava ele então, no seu leito de divorciado «bon vivant», com a tenebrosa perspectiva de uma reconciliação entre Moscovo e Pequim.

Kissinger deve hoje ter o sono muito mais tranquilo, pois não parece crível que chineses e soviéticos se envolvam numa guerra que não aproveitaria a ninguém, embora o resultado final de um tal conflito seja previsível. Kissinger sabe que a «ameaça soviética» (dantes falava-se no «perigo amarelo» ..) tem até sido muito proveitosa para a táctica americana na Indochina. Lembremos, por exemplo, que ela serviu de pretexto para os chineses deslocarem quase um milhão de soldados das fronteiras com o Vietnam do Norte e o Laos para o Ussuri. Isso permitiu que a infrutífera invasão do Laos pudesse ser tentada com um àvontade muito maior, pois o desejo de intervir dos dirigentes de Pequim estava patente. O dissuasor que um milhão de soldados constitui já não existia.

Por outro lado, a viagem de Nixon, carinhosamente preparada pelo conselheiro, contribuíu decisivamente para adiar por tempo ilimitado qualquer eventual reconciliação sino-soviética. A derrota de Lin Piao não pode mesmo significar outra coisa.

Vem isto a propósito do discurso que o secretário-geral do PC soviético pronunciou há dias. Brejnev referiu-se à questão chinesa em termos que não deixam dúvidas quanto ao desejo do Kremlin de procurar um «modus vivendi» com Pequim, numa tentativa evidente de evitar um acordo, mesmo tácito, entre os dirigentes chineses e a Casa Branca A diligência de Brejnev parece, no entanto, estar votada ao malogro, pelo menos pelos tempos mais chegados.

A reconciliação entre Pequim e Moscovo depende da evolução do regime chinês. Pode até acontecer que essa evolução se processe de forma a que ela nunca mais seja possível Queremos dizer que pode ser que seja necessário mais do que uma *evolução* para que os pontos de vista soviéticos e chineses tenham aquele mínimo de identidade indispensável para a criação de uma frente comum contra um inimigo do socialismo, que ambos dizem defender

No Ocidente tem-se hoje perfeita consciência da utilidade do diferendo que opõe a URSS à China Popular. Mas foi Nixon, provàvelmente aconselhado por Kissinger, o dirigente que melhor compreendeu como devia abordar a questão. Ao contrário do que pensam os conservadores esclorosados dos EUA, a visita de Nixon a Pequim não constitui uma traição. Muito pelo contrário, ela foi um notável achado das direitas americanas.

Reforço da defesa marítima russa

OSLO, 25 (FP) A esquadra soviética no oceano Árctico, cujos efectivos devem ser aproximadamente 100 000 homens, compreende 170 submarinos porta-mísseis e 500 navios de superfície enquanto o mar Báltico estaria a ser atravessado por cerca de 700 barcos comerciais, revelou ontem o alto comando militar norueguês num relatório apresentado ao Parlamento e parcialmente tornado público.

Segundo este ralatório, nos territórios soviéticos vizinhos da Escandinávia aumentaram as instalações dos efectivos e as actividades militares.

Os soviéticos aumentaram sobretudo o número de navios e aviões de grande raio de acção bem como o de submarinos equipados com mísseis tácticos e estratégicos.As unidades de defesa contra submarinos foram também substancialmente melhoradas.

As esquadras aumentaram ainda o número dos efectivos e o de barcos de «comandos» para desembarque.

As fronteiras, o litoral e todas as instalações costeiras importantes estão protegidas por aviões equipados com radar e com meios modernos de intercepção de mísseis terra-ar.

As forças terrestres são fundamentalmente constituídas por carros de combate e unidades de infantaria de grande mobilidade tendo sido também constituídas tropas de «élite» aerotransportadas.

Os territórios soviéticos vizinhos da Escandinávia têm grande importância por ser nesta região que se encontram instaladas as bases de mísseis de médio alcance e os estaleiros navais onde são construídos os submarinos.

Os radares do sistema de mísseis anti-balísticos que asseguram a protecção da região de Moscovo estão igualmente instalados nesta região.

SOLJENITSYNE RECEBERÁ O NOBEL

O escritor soviético Alexandre Soljenitsyne receberá, em 9 de Abril, o Prémio Nobel da Literatura, que lhe foi atribuído em 1970. O secretário perpétuo da Academia sueca, Karl-Ragner Gierow, anunciou, ontem à noite, que irá nessa data a Moscovo, para entregar ao laureado o diploma e a medalha de ouro do prémio, numa «cerimónia privada» em casa dum amigo do homem de letras.

As 400 mil coroas suecas que acompanham este prémio já foram depositadas, há muito tempo, num banco suíço, em nome do escritor.

Negociação não é possível

— DIZ AMILCAR CABRAL

NOUAKCHOTT, 25 (R) — Amilcar Cabral, secretário geral do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), declarou ontem ter informado o presidente da Mauritânia, Ould Daddah, dos recentes acontecimentos naqueles territórios.

O presidente Ould Daddah é também o presidente, neste momento, da Organização de Unidade Africana (OUA).

Ao pedirem-lhe, numa conferencia de imprensa, que dissesse se pensa haver possibilidades de negociações entre o PAIGC e Portugal, Amilcar Cabral respondeu:

«O nosso objectivo não é fazer a guerra pela guerra. Mas sabemos que o inimigo nunca se disporá a negociar».

CARTAS DE CONDUÇÃO FALSAS

DIJON (FRANÇA), 25 (F. P.) — Nove portugueses foram, ontem, condenados por um tribunal desta cidade a três meses de prisão com pena suspensa, por uso de falsa carta de condução.

É o primeiro julgamento relacionado com uma vasta rede de falsificadores que cobre todo o território francês.

Numa oficina belga, a troco de mil francos franceses, eram passadas cartas de condução portuguêsas que conforme a lei podiam ser apresentadas às autoridades do local de residência para serem trocadas por uma carta de condução francesa.

No entanto, em Junho do ano passado, um funcionário da Prefeitura de Dijon intrigado com a enorme afluência de cartas de condução portuguesas para troca, examinou mais detidamente os documentos apresentados e verificou a diferença da cor, um vermelho diferente do das cartas de condução portuguesas autênticas e ainda que os dados relativos à identidade do portador eram escritos a máquina enquanto que normalmente eram inscritas a mão.

Foi denunciado o negócio e alguns portugueses mandados ao tribunal.

NIXON NEGOCIARÁ EM MOSCOVO UM ACORDO SOBRE LIMITAÇÃO DE ARMAS

WASHINGTON, 25 (FP) — Os Estados Unidos poderiam concluir quatro ou cinco acordos bilaterais antes ou durante a visita do presidente Nixon a Moscovo, diz-se nos meios geralmente bem informados.

Este optimismo baseia-se nas declarações do presidente Nixon na Conferência de Imprensa ontem dada, e sobre um novo encontro efectuado entre o secretário de Estado, William Rogers, e o embaixador soviético Anatoly Debreynine, no âmbito dos preparativos da «cimeira» de Moscovo.

«Discutiram questões que poderão vir a ser negociadas nas próximas semanas e relacionadas com a viagem do presidente Nixon a Moscovo,» disse o porta-voz do departamento de Estado.

«As probabilidades de sucesso desta «cimeira» são grandes» disse o presidente Nixon por seu lado, acrescentando que esperava concluir um acordo relativo à limitação das armas estratégicas ofensivas e defensivas.

Além das conversações Salt, que recomeçarão terça-feira em Helsínquia, os Estados Unidos e a URSS iniciaram já conversações que incidem sobre os seguintes pontos:

— Liquidação aos Estados Unidos da dívida de guerra contraída pela URSS durante a segunda guerra mundial.

— Renovação do acordo de intercâmbio cultural artístico e científico entre os dois países, para os próximos dois anos.

— Prevenção de incidentes no mar ente os barcos de guerra dos dois países.

— Acesso dos respectivos navios mercantes aos portos dos dois países.

Quanto às conversações Salt, terão ainda de ser solucionados alguns problemas, para o acordo poder ser assinado, em Maio. Os dois países não estão ainda de acordo quando ao número de foguetes anti-mísseis (ABM) a ser autorizado. Por outro lado, os Estados Unidos insistem, em vão, para que os submarinos estratégicos sejam incluídos no primeiro acordo de limitação dos armamentos ofensivos.

A liquidação da dívida de guerra e o acordo sobre o tráfego marítimo são duas condições para o desenvolvimento das trocas comerciais entre os dois países e para a expansão das relações económicas, que poderão ir até à associação para a exploração dos recursos mineiros da URSS.

A renovação do acordo cultural levanta um problema delicado. Nos Estados Unidos são constantemente organizadas manifestações contra os artistas e outras personalidades soviéticas, por parte das organizações militantes judias, protestando contra o tratamento dos judeus na União Soviética. Mas, duma maneira geral, as perspectivas não são más.

De qualquer modo, e lembrando as declarações do presidente Nixon durante a sua Conferência de Imprensa de ontem, as relações a estabelecer com a URSS são diferentes das que os Estados Unidos pretendem, para já, estabelecer com a China. As relações com Pequim estão no princípio, com Moscovo são já abordadas coisas tão concretas como importantes.

Morreu um dos homens de coração novo

CIDADE DO CABO, 25 — (R) — John Montgomery, o último doente a ser submetido a uma transplantação de coração na África do Sul, faleceu a noite passada no Hospital de Groote Schuur, anunciou um informador desse estabelecimento hospitalar.

Montgomery, que tinha 41 anos, recebeu o seu coração novo em 23 de Janeiro. O enxerto cárdio-vascular foi realizado pela equipa de transplantações de coração do Hospital de Groote Schuur, chefiada pela primeira vez pelo dr. Marius Barnard, irmão do pioneiro dessa cirurgia, o professor Christian Barnard.

Montgomery saíra do Hospital em Fevereiro, mas foi readmitido em 2 de Março. Uma semana depois o seu estado tornou-se crítico, devido a haver ar na sua cavidade torácica, e ontem de manhã, um boletim revelava que o doente piorara.

Há agora dois doentes submetidos a transplantações de coração que vivem neste país: miss Dorothy Fisher, que no próximo mês terá vivido três anos com o seu órgão novo, e Dirk Van Zyl, que recebeu no ano passado o seu coração novo.

Afinal os peixes têm nacionalidade

BASTIA, 25 - O Tribunal de Bastia condenou dois comerciantes a 1000 francos de multa por terem posto á venda uma variedade de caldeirada enlatada com a etiqueta de «sopa de peixe corso» quando na realidade a tinham preparado com peixe apanhado na região de Marselha.

O advogado dos réus esforçou-se por demonstrar que não havia nacionalidade no capítulo de peixes, podendo simplesmente falar-se de peixe mediterrânico sem qualquer diferença entre o de Marselha e o da Córsega. Aduziu ainda que os cardumes podiam deslocar-se indiferentemente das costas da França para as da Córsega ou em sentido contrário. Não foi este, porém, o parecer do tribunal. O peixe das costas provençais — explicou o juiz — não pode atravessar o mar do lado de Marselha para a Córsega ou vice-versa por causa dos fundos particularmente importantes, da pressão daí resultante e da existência de zonas desprovidas de alimentação. Nestas condições - considerou - só os cetáceos (baleias, cachalotes e golfinhos) podiam aspirar á «dupla nacionalidade».

DIRECTORES DE PESSOAL NA GENERAL MOTORS

Correspondendo a um convite dirigido à Associação Portuguesa dos Directores e Chefes de Pessoal pela Direcção da General Motors de Portugal, um elevado número de membros dessa Associação deslocou-se na passada 6.ª feira á sede desta Empresa em Cabo Ruivo, onde lhes foi oferecido um jantar no refeitório do pessoal.

Antes, assistiram os Directores e Chefes de Pessoal á projecção de dois filmes coloridos, um sobre o veículo lunar e outro sobre uma corrida de barcos a motor nas costas da Flórida.

Por último, realizou-se no mesmo Auditório um animado colóquio subordinado ao tema «Comissão de Empresa - uma experiência», o que permitiu ao elevado número de convidados conhecer as opiniões pessoais de alguns dos responsáveis pela gestão de pessoal que têm nas suas empresas Comissões de Trabalhadores.

Tomaram igualmente parte nesta reunião representantes das Administrações de diversas Empresas, membros beneméritos da APDCP.

CONFECÇÕES DARBEL, LDA.

Fábrica de casacos de cadebal e antílope.

Todas as semanas novos modelos no vosso fornecedor.

Peça casacos

DARBEL

Directamente ao Público sempre restos de colecções que vendemos por baixos preços.

CONFECÇÕES DARBEL, LDA.

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-A — LISBOA

O jornalismo europeu poderá solucionar a crise da Imprensa

PARIS, 25 (F.P.) — Há nas esferas da comunidade europeia, em Bruxelas, um início de colegiatura jornalística que, ao gerar um verdadeiro jornalismo europeu, poderia trazer consigo um começo de solução para a crise que a Imprensa europeia atravessa. A esse respeito, realizou-se um debate entre jornalistas dos países do Mercado Comum ampliado, com o tema «A crise da Imprensa na Europa».

A maioria dos participantes diz que há semelhanças de filosofia e legislação entre as várias Imprensas europeias, o que engendra uma ideia comum do papel que a informação deve desempenhar. Mas, por outro lado, há diferenças de tonalidade, de apresentação e, sobretudo, de carência informativa, o que explica que a crise da Imprensa seja mais sensível em alguns países (França, Itália) do que noutros (Inglaterra, Alemanha).

A «luta» entre a Imprensa escrita e a audio-visual não é, segundo os intervenientes, a principal dificuldade com que os jornais deparam para viver, assim como não é, também de grande importância a parte de publicidade desviada para os orgãos de informação audiovisual. Os países com uma televisão forte são também aqueles em que a Imprensa escrita é mais sólida-concluiu-se.

A concentração e, sobretudo, a modernização das empresas jornalísticas serão necessárias para que os diários se fortaleçam e possam cumprir a sua missão- declarou Paul Parisot, presidente da união nacional dos sindicatos de jornalistas. A seu ver, sem isso não se criará uma Europa da informação, mas uma Europa sem ela.

MÁQUINA CONTRA O CANCRO

A máquina de Antoine Priore, que, segundo parece, tem permitido curar certos tumores injectados em ratos, interessa à Delegação Geral Francesa para a Pesquisa Científica e Técnica (DGRST).

Os resultados obtidos por Priore, desde 1964, foram apresentados várias vezes à Academia das Ciências e de todas elas levantaram viva polémica. Esses resultados são alcançados mediante a emissão de uma onda diante a emissão de uma onda electromagnética, pulsando na presença de um campo magnético e modulada por uma onda de elevada frequência.

Antoine Priore talvez obtenha um contrato para construir em Villejuif, onde está instalado o Instituto do Cancro, um aparelho análogo ao que tem em Floirac, perto de Bordéus, mas mais potente.

Morreu um dos ditadores da moda de Paris

PARIS, 25 (por Jacqueline Claude) — Cristobal Balenciaga morreu a noite passada em Valência, com 77 anos, vítima de uma crise cardíaca, longe de Paris que o consagrou e onde trabalhou durante trinta anos.

Chamavam-lhe «o belo Cristobal», pois mesmo ao envvelhecer conservou um encanto excepcional.

Era quase um asceta. No seu quarto, havia ùnicamente uma cama, uma cadeira e um crucifixo. Nunca aparecia em público e é muito difícil encontrar fotografias dele.

Foi em Madrid, em 1932, que abriu a sua primeira loja de modas, mas foi com 12 anos de idade que criou o seu primeiro vestido. Filho de um pescador e duma costureira de aldeia, em Guetaria, próximo de San Sebastian, teve um dia a audácia de pedir à avó da actual rainha dos belgas, Fabíola, a marquesa de Casa Torres, para o deixar fazer-lhe um vestido. A nobre senhora vestiu esse vestido no domingo seguinte, para ir à missa. Tinha nascido uma vocação.

A Guerra civil arruinou-o. Com um pequeno capital emprestado por amigos, cristobal instalou-se em Paris em 1938. A sua primeira colecção foi um triunfo e, durante trinta anos, este sucesso não se desmentiu.

Após a Guerra, ao soar a libertação, voltou a ser primeiro costureiro de Paris, o costureiro das rainhas, do «gotha» e do cinema. Os nomes de Fabíola, Grace de Mónaco, duqeza de Windsor, Elisabeth Taylor, Marlene Dietriche, a Begun, figuram as estações nos seus registos de encomendas. A atmosfera dos seus salões era glacial. As suas cadeiras, as mais duras de Paris. O silêncio era de rigor durante os desfiles de modelos. No entanto, duas vezes por ano, os salões do «mestre de San Sebastian» enchem-se até mais não. Sabia cortar, entretelar, coser, passar a ferro... Dizia Chanel: «todos os outros não são mais do que desenhadores».

Em plena glória, em Junho de 1968, desistiu. Os impostos e os encargos da previdência sobre o orçamento duma casa de alta costura como a sua, e o facto do amuo — político — da clientela americana, obrigam-no a abandonar.

Aos 73 anos, retira-se para o seu país natal. Apenas os perfumes e alguns acessórios de grande luxo continuam a ter o seu nome.

A sua primeira cliente foi a avó duma rainha. A última terá sido a neta dum chefe de estado. Foi ele que criou o vestido de Maria del Carmen Martinez Bordiu Franco para o seu casamento com Alfonso de Bourbon y Dampierre.

SRS. CAPITALISTAS

COLOQUEM O VOSSO DINHEIRO NAS MELHORES CONDIÇÕES!

A CONFIDENTE coloca dinheiro com TODA A SEGURANÇA E RAPIDEZ, sobre hipotecas de propriedades, ao juro da Lei.

Trata de toda a documentação, registos, etc., e nada cobra de comissão aos capitalistas. Presta toda a assistência até total reembolso do capital emprestado.

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

FUNDADA EM 1933

CAPITAL SOCIAL E RESERVAS 40.000.000$00

LISBOA—R. do Ouro, 292-1.º (Esq. com o Rossio)—Telef. 36 93 84/5/6

PORTO —R. Passos Manuel, 14-1.º —Telef. 2 03 44/5/6

NA OFICINA DA ESTRELA — R. SANTO ANTÓNIO, 31-A TEL. 671091/2

DENTRO DE LISBOA, A MAIOR E A ÚNICA COM LINHA DE REVISÕES

FARÁ MARCAÇÕES IMEDIATAS, RAPIDAS REPARAÇÕES E TAMBÉM REVISÕES

inclusive os cupões grátis A e B — FÉNIX — assistência oficial FIAT

BANCO
INTERCONTINENTAL PORTUGU
NOVO NO ESPAÇO ECONÓMIC

CELEBRAÇÕES DA PÁSCOA

Nos dias 28, 29 e 30 efectuar-se-á a visita da Páscoa aos militares hospitalizados e reclusos da região Militar de Lisboa. O governador militar de Lisboa e o segundo comandante da RML oferecerão prendas àqueles militares.

O governador visitará os internados no Hospital Militar Principal no dia 28; os do anexo do mesmo hospitalar no dia 29 e os do Hospital Militar de Doenças Infecto-Contagiosas no dia 30, às 14 e 30.

O segundo comandante da Região Militar visitará os internados no Depósito de Indisponíveis no dia 28 e os militares da Casa de Reclusão no dia 29, às 14 e 30.

EM CANEÇAS

Em Caneças haverá nos dias 2 e 3 de Abril a tradicional Feira da Páscoa e os festejos à Senhora do Rosário, cujo programa inclui as comemorações religiosas, com procissão pelas principais ruas da localidade e diversões, com arraiais, concertos, etc.

Colaboram as bandas da Sociedade Filarmónica C. I. da Amadora, da Sociedade Musical de Caneças e o Conjunto de Gaiteiros de Jardia-Montijo.

CETEL — CENTRO DE ESTUDOS TÉCNICO-ECONÓMICOS, LDA.

RUA PONTA DELGADA, 80 - 1.º — LISBOA - 1
Telefs. 4 40 51 / 53 92 40 / 53 90 06 / 53 77 80

Selecciona para Serviço Público com sede em Lourenço Marques

LICENCIADO

Para exercício de funções de chefia de Sector de Estudos e Regulamentação

OFERECE-SE

— Boa remuneração (vencimento, subsídios e prémios progressivos)
— Possibilidades de promoção
— Regalias sociais

PREFEREM-SE CANDIDATOS COM

— Experiência em serviços de Gestão de pessoal
— Formação em organização e métodos

Resposta por escrito, com «curriculum» detalhado, para CETEL — Selecção de pessoal, ref.ª 103. Guarda-se sigilo.

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«MALANGE» a sair em 29 de Março	Vindo do Norte da Europa com escala por Leixões para: LUANDA (*), LOBITO (*), MOÇAMEDES (*), CIDADE DO CABO, PORT ELIZABETH, EAST LONDON (*), DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE (*), NACALA e PORTO AMÉLIA (*). Carrega em Lisboa de 26 a 28/3.
«INF. D. HENRIQUE» a sair em 7 de Abril às 12 horas	Com escala por Funchal para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 3 a 5/4.
«UIGE» a sair em 14 de Abril às 16 horas	Com escala prévia por Leixões para: LAS PALMAS, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES. Carrega de 7 a 9/4.
«IMPÉRIO» a sair em 25 de Abril às 12 horas	Com escala prévia por Leixões para. FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, NACALA e PORTO AMÉLIA (*). Carrega de 17 a 20/4.
«LOBITO» a sair em 30 de Abril	Vindo do Norte da Europa, com escala por Leixões, para: PRINCIPE (*), S. TOMÉ, CABINDA, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, PORTO ALEXANDRE (*), NOVO REDONDO (*) e PORTO AMBOIM. Carrega de 24 a 27/4.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 10 de Abril às 18 horas	Com escala por Vigo e Funchal para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), LA GUAIRA e CURAÇAU.

(*) SE NECESSÁRIO.
Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA — R. de S. Julião, 63 — Telefs. 36 96 21/8 * PORTO — R. Infante D. Henrique, 9 — Tel. 2 33 42

O Governador de Moçambique na África do Sul

JOANESBURGO, 25 - (L.) - «As nossas relações com Portugal e a sua província de Moçambique existem há longos anos e, com prazer o afirmo são cordialíssimas, amigáveis e baseiam-se em compreensão e respeito» - salientou o ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul, dr. H. Muller, no discurso que proferiu no banquete oferecido em honra do governador-geral de Moçambique, eng.º Pimentel dos Santos, e esposa.

O dr. H. Muller acrescentou: «Agora que dispomos de melhores comunicações com a província de Angola, as nossas relações com aquela província têm também sido consideràvelmente aumentadas. A nossa associação é, não ùnicamente baseada nas relações económicas entre nós ou no facto de que nós somos vizinhos próximos, mas também nos laços históricos existentes desde há muito».

Prosseguindo: «Os vizinhos nem sempre, necessàriamente, se dão bem, apenas por essa razão. Mas no nosso caso sobrepõe-se o facto de sermos bons amigos e estou certo que disso resulta a estabilidade e tranquilidade nesta parte do Continente. Ambos fazemos parte de África e eu não ignoro os muitos problemas e desafios do nosso Continente. Na África austral temos de encarar muitos destes problemas e até perigos; porém, ambos, os nossos amigos portugueses e nós próprios, estamos preparados e até ansiosos, de os enfrentarmos para lhe procurarmos soluções satisfatórias».

Em resposta, o eng.º Pimentel dos Santos disse, nomeadamente:

«Apoiamos a política de diálogo com os estados africanos que o vosso Governo tem posto em prática com persistência e abertura e que o Governo português tem também preconizado e realizado, apesar de tantas incompreensões. Se o bom senso prevalecer sobre as atitudes demagógicas, alguns frutos serão colhidos da sementeira de boa vontade assim pacientemente efectuada».

Preso o pistoleiro de Pinhal Novo

O António Narciso foi preso. Conforme prevíramos na nossa reportagem de anteontem, a pista que a Polícia Judiciária seguia, iria conduzi-la ràpidamente à localização e detenção do pistoleiro. De resto, embora não

tivéssemos dito na altura, para não estorvar o trabalho da PJ., sabíamos, por informações de boa fonte, que os agentes que andavam na peugada do Narciso tinham a certeza de que este se encontrava em Lisboa.

Em boa verdade, o trabalho dos homens da Secção Central da Polícia Judiciária que participavam no caso, foi magnífico. Sob a orientação do dr. Eduardo Baptista, o sub-inspector Pereira da Graça, coadjuvado pelos agentes Augusto Duarte, Rodrigues e Barroso, deu bom caminho ao plano para a caça ao Narciso. Mas não esqueçamos que na captura do António Narciso também os órgãos de informação colaboraram da melhor maneira, ao difundir tudo quanto era possível acerca do caso, de modo a que as pessoas pudessem colaborar. E a verdade é que colaboraram, pois a localização do Narciso foi realizada através duma denúncia anónima. Alertada por essa denúncia, a 1.ª Brigada da Secção Central da PJ., constituída, dirigiu-se cautelosamente para o ponto referenciado na denúncia: o Bairro da Esperança. E foi na Rua das Trinas que a Brigada deparou com o Narciso. Eram 22.30 de ontem. Os homens da PJ. aguardavam, disfarçadamente. Tudo estava planeado com o cuidado necessário, dada a natureza violenta do deliquente. De repente, o Narciso aparece, num taxi. Olha à sua volta, pensa que nada há de suspeito e desce do carro. Acto contínuo, vê-se rodeado pelos homens da PJ., dominado e desarmado. Tudo numa breve fracção de segundo. Tão breve, que o Narciso nem reagiu e ainda hoje deve estar a pensar como é que aquilo aconteceu. A verdade é que se encontra a ferros. Desta maneira, o crime do Pinhal Novo encerra aqui um dos seus capítulos. Mas há mais. O Narciso está a ser interrogado e, dentro de poucos dias, teremos pormenores da sua actividade neste espaço de tempo entre a morte do guarda-nocturno e a sua prisão.

PRISÃO DE TRÊS ASSALTANTES

PORTO, A 2.ª brigada da 4.ª secção da subdirectoria do Porto da Polícia Judiciária, capturou António Moreira Ramos, de 32 anos, sem profissão e sem domicílio certo, que na noite de 9 de Fevereiro último, por meio de arrombamento, entrou numa fábrica de passamanarias, na Rua de S. Dinis, onde foi surpreendido pelo encarregado da firma.

O preso, delinquente habitual, e em situação de liberdade condicional, depois de muito instado naquela Polícia, acabaria por denunciar os seus cúmplices em uma serie de assaltos verificados nesta cidade, todos eles cometidos da mesma forma, com «carimbo da casa». São eles: Manuel José de Oliveira Mendes, de 42 anos, forneiro, do Bairro do Outeiro, e Francisco Maria de Oliveira Fernandes, de 28 anos, vendedor ambulante, da Rua da Bainharia.

Os furtos praticados pelo «trio» ascendem a alguns milhares de escudos.

Os arguidos aguardam na cadeia o julgamento.

SIMULOU O ROUBO PARA NÃO PAGAR AOS CREDORES

PORTO — Em Janeiro último, apresentou queixa na P. J. o sr. Júlio Aguiar Manuel Moreira, de 20 anos, casado, estofador, residente na Rua do Almada, 500, no Porto. Disse, então, que desconhecidos, por meio de arrombamento, entraram na sua oficina de estofador, na Rua de S. Brás, 453, e dali levaram 12 800$00.

Iniciadas as investigações, apurou-se que o queixoso havia simulado o furto com o propósito de se justificar perante os seus credores, a quem era devedor de quantia aproximada e, ainda, para se justificar perante os seus empregados por não possuir dinheiro para lhes pagar os salários.

RUSGA ÀS «BOITES» DA BAIXA

As principais «boîtes» e «cabarets» da Baixa sofreram durante a noite passada uma rusga policial. Agentes à paisana da 1.ª Divisão da PSP, visitaram, desde a uma da noite às seis da manhã, todos esses lugares. Foram detidos sete menores de 21 anos do sexo masculino e dois do sexo feminino, os quais foram remetidos às respectivas famílias, depois de identificados. Por prostituição, foram presas quatro mulheres, na Av. da Liberdade e no Largo do Intendente. Por suspeitas de vadiagem, detiveram-se 10 indivíduos.

OPERAÇÃO «STOP»: COMO NAS FITAS DE «GANGSTERS»

Mais uma Operação «Stop». A PSP e as Brigadas de Trânsito da GNR mantêm o ritmo. A colaboração entre ambas está a dar os seus frutos. Na Operação efectuada ontem, entre as quatro da manhã e as 21 horas, foi utilizado o radar para detectar automàticamente infracções por excesso de velocidade. Houve um caso: no posto de controle montado na Av. do Brasil dar-se-ia o alarme e soaria a ordem de perseguição como nas fitas de «gangsters». Um carro não obedecera ao sinal de paragem, lançando-se em grande velocidade pela Av. de Roma. Logo perseguido por um motociclista das Brigadas de Trânsito, ao chegar junto da Escola Comercial «Eugénio dos Santos», foi abandonado precipitadamente pelos seus ocupantes os quais encetaram uma fuga desordenada. Saltaram vedações e internaram-se nos arbustos dos jardins, próximo daquela escola, acabando por esgueirar-se ao agente das B.T. que não deixou de lhes ir no encalce. Tratava-se de três indivíduos de estatura média, com idades entre 20 e os 25 anos. Um deles vestia camisola, os outros dois fatos vulgares. Dentro do carro abandonado foram encontrados: 1 cofre portátil, já arrombado e vazio; maços de tabaco de várias marcas; um corte de fato; várias camisas para homem; casacos de criança e peças de ferramenta.

O carro, matrícula FC-40-83, tinha sido roubado de um parque de estacionamento no Arco do Cego, frente ao Liceu «Raínha D. Leonor». Pertence ao sr. eng.º Joaquim Maria Falcão de Quelhas Lima, a quem vai ser restituído. A Polícia tenta investigar sobre a identidade dos suspeitos.

Os postos de «controle» instalados na Av. das Descobertas, na Av. Cidade do Porto, na Rua Barão Sabrosa, na Est. de Marvila e na Rua Duarte Lobo, apuraram os seguintes resultados: 240 veículos interceptados; recuperadas duas viaturas; 31 autuações; detectados 91 excessos de velocidade por intermédio do radar.

VIATURAS DESAPARECIDAS E RECUPERADAS

Comunica-nos o comando da P.S.P. que no período compreendido entre as 12 horas do 23 e as 12 horas do dia seguinte, desapareceu a viatura EI-99-55. No mesmo lapso de tempo, foram recuperados as viaturas seguintes:

CB-87-09
EG-37-33
LB-37-38
PP-39-76

Rallye das Camélias

SINTRA E MONTEJUNTO ZONAS MAIS SELECTIVAS

A expectativa em relação ao Campeonato Nacional de Rallyes adensa-se esta noite com o Rallye das Camélias, terceira prova do calendário de 1972, que para além do seu interesse no âmbito docampeonato é também uma das provas de maiores tradições no automobilismo nacional.

Motivos de ordem técnica levaram os organizadores - o Clube Arte e Sport - a limitar o número de inscrições a 60 equipas mas todos os anos esse número é bastante mais elevado. Na verdade o Rallye das Camélias, disputado nas estradas da Serra de Sintra e através de algumas estradas municipais das zonas de Mafra, Torres Vedras, Montejunto, etc. oferece um certo número de características que, além de o diferenciarem de outras competições do género, ao mesmo tempo tornam-no bastante acessível no plano à grande maioria dos pilotos, especialmente às camadas mais jovens.

Este ano o automobilismo desportivo, no capítulo dos rallies, tomou um imprevisível incremento, que foi possivel graças ao interesse de diversas firmas ligadas ao ramo automóvel. Estas finalmente, viram o interesse deste desporto como meio ideal para a promoção dos seus produtos. Assim surgiram «teams» oficialmente patrocinados por essas firmas, integrando alguns ds mais destacados pilotos nacionais da especialidade, casos das equipas Datsun-Kendall e Fiat-Torralta, de facto associações ideais pra fomentar o automobilismo desportivo.

COMPETIÇÃO

A edição deste ano do Rallye das Camélias pelas condições especiais de que se reveste, promete vir a ser uma das mais competitivas de sempre. Um dos motivos que para isso contribuem é o facto de ser este o momento oportuno para as diferentes equipas concorrentes aos campeonatos começarem a esboçar posições. Por outro lado, candidatos com possibilidades (e responsabilidades) fraquejaram nas duas anteriores competições - Rallye Targa e Volta a Portugal - necessitando de rectificar posições que os reabilitem aos olhos do público e, principalmente, dos patrocinadores já que estes, ainda que na base dos seus investimentos no automobilismo procedem com uma boa dose de entusiasmo e espírito de colaboração, gostam também de ver resultados.

Sobrelevando estas razões, já por si importantes para aumentar o clima de interesse à volta do Rallye das Camélias, a circunstância da prova se encontrar muito bem estruturada é mais um contributo para o êxito que se deseja. Sintra e Montejunto vão reunir durante a noite de hoje muitos milhares de entusiastas do automobilismo. Para os **«profanos»** deste desporto parece inacreditável como é possível haver entusiasmo que leve tanta gente a passar uma noite inteira no alto das serras a ver um «rallye». É público predominantemente jovem mas que efectivamente se conta por milhares. Como é de tradição o Rallye das Camélias desenrola-se em grande parte na Serra de Sintra. É a zona preferida do público, propícia a oferecer belas fases de competição mas não será totalmente exacto afirmar que aí se decida a prova como acontecia há uns anos atrás.

Por AUGUSTO VILELA

O Montejunto e as municipais do Livramento são igualmente outros pontos quentes susceptíveis de estabelecer uma importante selecção dos concorrentes. Do estado do tempo estará dependente o grau de dificuldade que os concorrentes irão encontrar. Com chuva e nevoeiro, condições não improváveis nesta época, tudo se complica e aí virá ainda mais ao de cima a experiência dos pilotos e o treino de cada equipa.

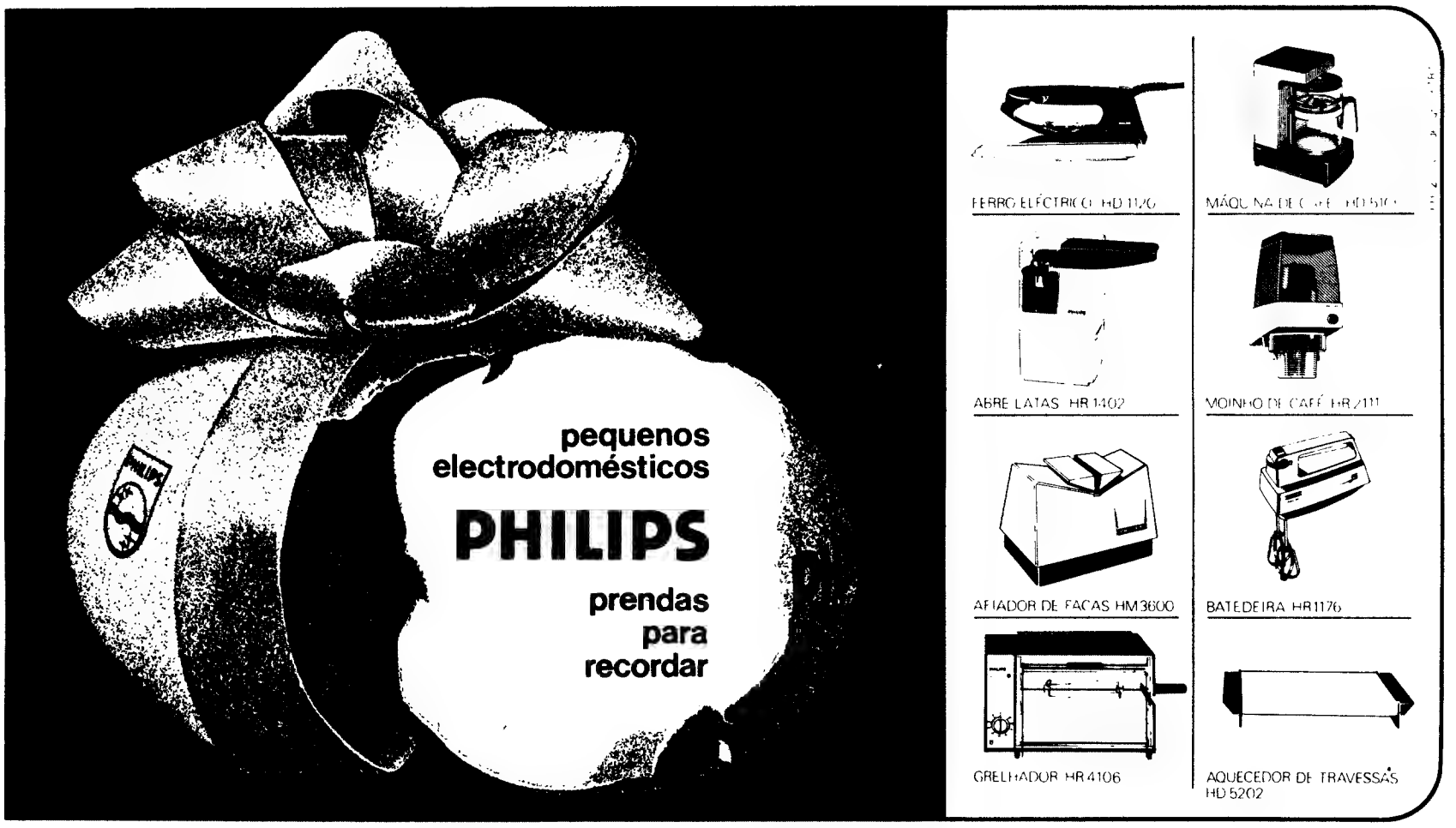
Entre um grupo numeroso de equipas que podem lutar pela vitória absoluta e nos diversos agrupamentos, há dois nomes sobre os quais incide particular curiosidade: Jorge Nascimento (BMW 2002) e Giovanni Salvi (Datsun 240 Z). Trata-se de dois campeões nacionais que este ano ainda não conseguiram terminar nenhuma prova. Jorge Nascimento despistou-se no Targa e abandonou por avaria na Volta; Giovanni Salvi abandonou no Targa por avaria do seu Fiat 124 Spyder; depois mudou-se para a Datsun e foi-lhe confiado um 240 Z que estreou na Volta a Portugal. Um problema na bomba eléctrica da gasolina levou-o a desistir numa altura em que seguia numa posição modesta e nada compatível com as suas possibilidades. As Camélias surgem agora como grande oportunidade para a recuperação de ambos. Pilotos de valor, tanto Giovanni Salvi como Jorge Nascimento podem ser as grandes figuras desta prova,. Para além destes, que andavam esquecidos, há o lote já conhecido de figuras de primeiro plano: Heitor Morais (Fiat 125 S), Luís Netto (Fiat 125 S), Carpinteiro Albino (Fiat 125 S), Manuel Gomes Pereira (Opel 1604 S), Conde Botelho (Citroen DS 21), Vidigueira (Opel 1604 S); Rogério Beatriz (Firenza), Mário de Figueiredo (Fiat 125 S), Fininho (Datsum 1600 SSS), Adolfo Sampaio (BMW 2002 TI) que reaparecem todos em Grupo 1; António Carlos Oliveira (Datsun 240 Z), António Borges (Porsche 911 S), Américo Nunes (Porche 911 S) em Grande Turismo; João Nabais (VW 1302 S), Dr. Ruella Ramos (BMW 2002), Cesar Torres (Austin 1275 GT), Raposo de Magalhães (Datsun 1200), Frederico Abecassis (Datsun 1600 SSS) que o táz a sua estreia em rallies etc. É todo um grupo de pilotos capazes de animarem extraordináriamente uma prova que pode vir a ser bastante emotiva.

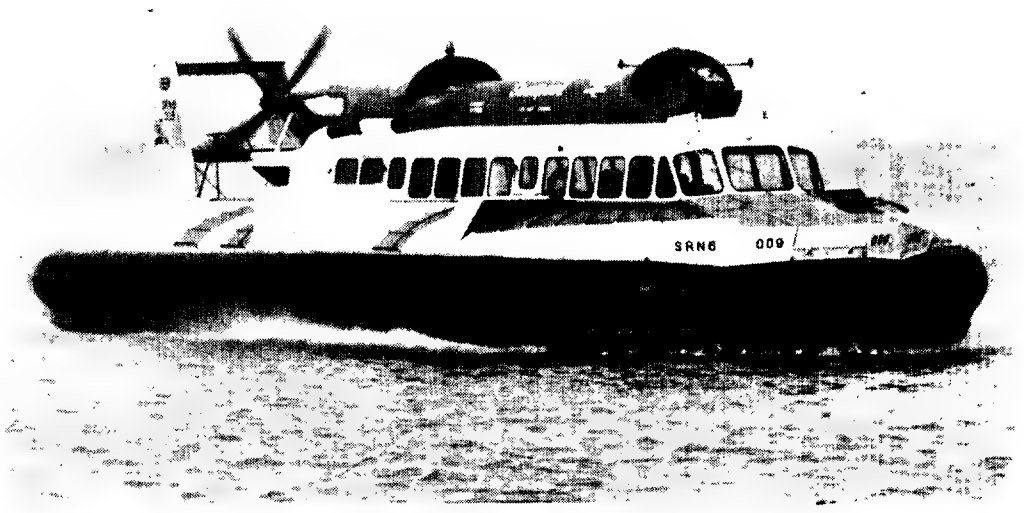
O primeiro concorrente sairá de Sintra (frente ao Palácio Nacional) às 9 h 01 m. Às 5 da madrugada de domingo realiza-se a prova complementar de aceleração e travagem na Volta do Duche, em Sintra. Cinco provas especiais de classificação serão disputadas ao longo do percurso de 455 km que constitui o Rallye das Camélias, respectivamente na Estrada Florestal da Penina (1.ª), Espinheira (2.ª), Montejunto (3.ª), Estrada Florestal da Penina (4.ª), Serra de Sintra, entre a EN 247-3 e a EN 9-1.

Giovanni Salvi, campeão nacional de raile de 1971, agora integrado no Team Datsun, uma figura em foco no Rali das Camélias que se disputa esta noite.

Jorge Nascimento, um dos melhores «rallyemen» portugueses não desperdiçará a oportunidade para recuperar a sua posição no «Nacional».

O suiço Clay Regazzoni e o italiano Mário Andretti são dois dos elementos com que a Ferrari conta para 12 Horas de Sebring que hoje se disputam nos Estados Unidos. Na opinião dos dois consagrados pilotos será a Ferrari quem vai impor o ritmo da prova.





OS NOVOS AERODESLIZADORES

Cabines incorporadas permitem transportar mais passageiros

Mais de cinquenta países utilizam já os modernos aerodeslizadores SRN-6 que, permitindo o transporte de 58 passageiros mediante a simples incorporação de uma secção adicional na cabina, representam um avanço na construção deste tipo de navio.

A foto representa um destes aparelhos durante a sua prova marítima, depois de cuidadosa preparação pelos técnicos da British Hovercraft Corporation (BHC), do sul da Inglaterra, onde a construção do aerodeslizador SRN-6 tende a intensificar-se de forma a corresponder aos constantes pedidos de encomendas vindos sobretudo do exterior. A construção deste aparelho é feita de acordo com as instalações dos Caminhos de Ferro Britânicos e do Exército que, naturalmente, espera vir a aproveitar as vantagens dos avanços e inovações a realizar neste domínio... Com efeito, o British Hovercraft Corporation empreende actualmente a ampliação dos modelos SRN-5, que passarão de 11,5 para 16,1 metros, destinando-se a nova versão aos serviços do Exército. Qual será, concretamente, a utilidade do aerodeslizador em operações de carácter militar, é assunto sobre o qual recaem, neste momento, os estudos dos competentes serviços do Exército britânico.

De momento, os números permitem expectativas cujo significado não é de desprezar: os aerodeslizadores SRN-5 e SRN-6 que se encontram em funcionamento ultrapassaram já as 100 mil horas de serviço, número superior ao alcançado pelo total dos restantes aerodeslizadores. Além disso o aumento de capacidade, neste caso de 38 para 58 passageiros, é suportado pela reserva de potência do aerodeslizador na sua versão original, sem necessidade de alterações mecânicas de importância.

NOVOS MOTORES DIESEL NO SALÃO NÁUTICO DE LONDRES

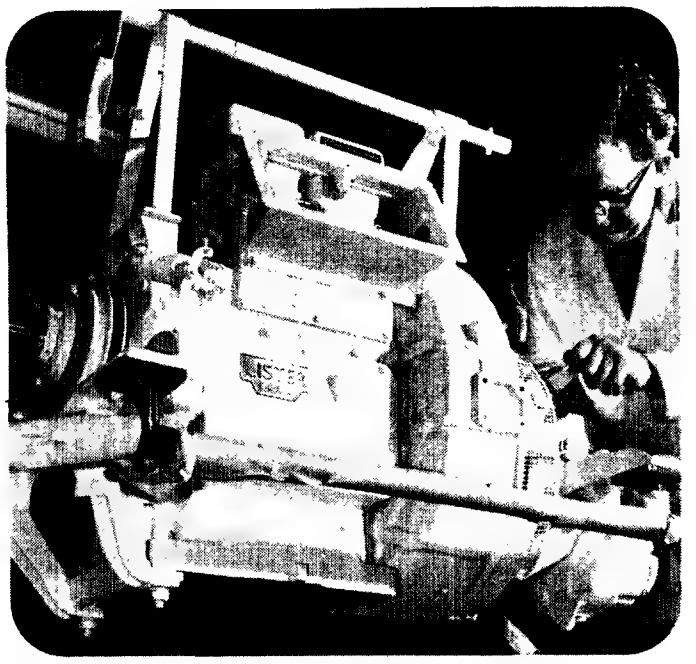
No Salão Náutico Internacional de Earls Court, em Londres, que decorreu de 5 a 15 de Janeiro, foi pela primeira vez, apresentado o motor Diesel marítimo tipo ST2MGR, refrigerado pelo ar, cujo regime de trabalho contínuo é de 8,5 cavalos a frio a 2 200 rev/min.

O novo modelo de motor Diesel é construído pela R. A. Lister E C.ª, do oeste da Inglaterra, a empresa que lançou os famosos motores STM. Em relação ao antigo tipo, o motor ST2MGR, que faz parte de uma série denominada STM, oferece as vantagens de um aumento de potência da ordem dos 25 por cento e maior economia de combustível, sem reforço de peso.

Entre as modificações fundamentais introduzidas nos motores STM, contam-se um ligeiro aumento de diâmetro interior dos cilindros, uma zona de apoio de maior superfície e o emprego de cilindros com aletas de maior profundidade e menor separação entre si, permitindo uma refrigeração mais eficaz.

O peso dos motores foi reduzido na maior medida possível, sem sacrificar a solidez da construção, mediante o desenho cuidadoso e o emprego de matérias especiais na construção de componentes como a culatra.

O motor STM que a foto representa na fase de acabamento, é apresentado em versões de um, dois ou três cilindros para propulsão ou funções auxiliares.

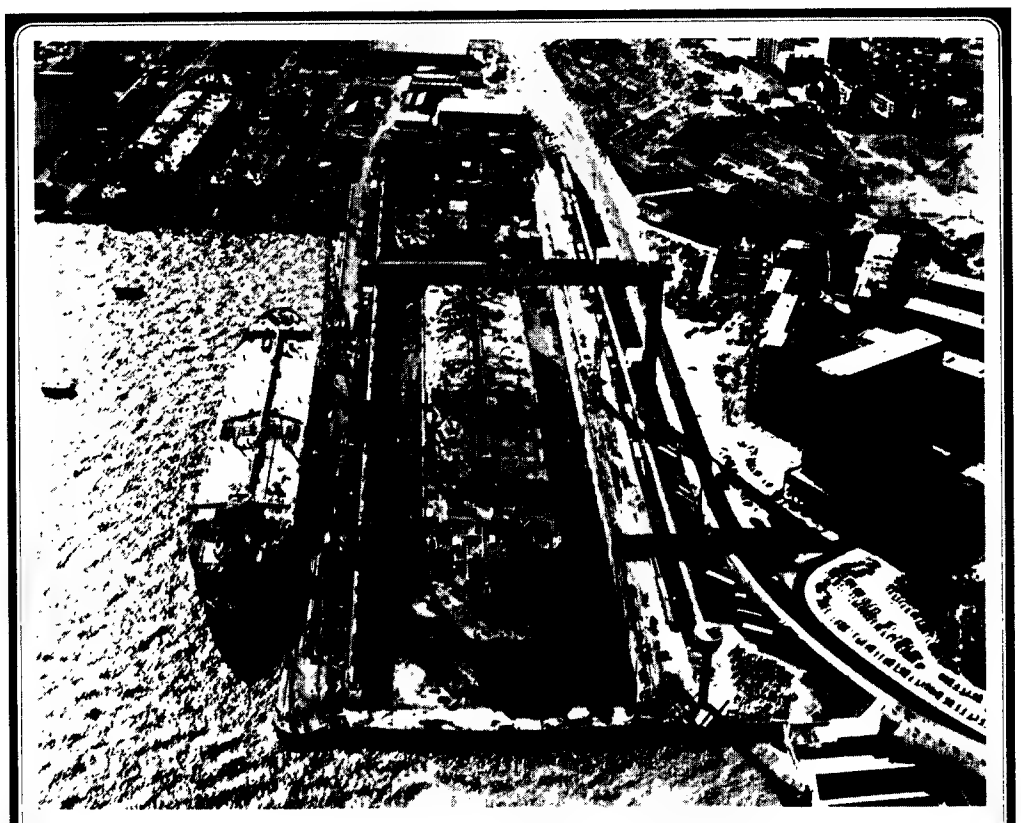


Teresa Lobo em Aveiro

AVEIRO, 25 — O subsecretário de Estado da Saúde e Assistência, dra. Maria Teresa Lobo, que ontem se deslocou a esta cidade, para uma visita de trabalho de três dias, prosseguiu hoje a reunião, na sede da Junta Distrital, com as autoridades administrativas, dirigentes das misericórdias e outras instituições de assistência de diversos concelhos do distrito e dos serviços do Estado, relacionados com o sector da Saúde e Assistência.

Esta tarde, o subsecretário de Estado da Saúde e Assistência visitou as actuais instalações do internato distrital, onde apreciou os problemas resultantes da entrada em serviço do novo edifício, bem como do alargamento da sua acção.

Amanhã, aquele membro do Governo visitará a sede social de S. Bernardo, o jardim-escola de Vera Cruz, o internato «As Florinhas do Vouga» e a Misericórdia de Aveiro e seu hospital.



LISNAVE

Mais um recorde

Ao fechar o ano de 1971, a Lisnave, valendo-se da sua nova Doca Alfredo da Silva, estabeleceu novo recorde, substituindo em 68 dias cerca de 5000 toneladas de aço no fundo do petroleiro mamute ESSO CAMBRIA, antecipando, assim, 22 dias a entrega do navio.

DOCA SECA ALFREDO DA SILVA

Dimensões gerais da planta 520 x 95 m
Viga soleira à cota — 7 60 m
Doca seca do tipo de laje de fundo drenada, com muros laterais formados por uma parede-cortina vertical de betão armado monoliticamente ligada a contrafortes embebidos nos aterros

Laje de fundo formada por três vigas de quilha de betão armado em uma secção recta de 5 50 x 1,90 m e lajes de betão armado de 0 90 m de espessura, cobrindo áreas rectangulares de 50 x 21 m O esvaziamento da doca é feito em cerca de 3 30 horas por cinco bombas instaladas numa central subterrânea

LISNAVE Estaleiros Navais de Lisboa S A R L
Empreitada geral SOMAGUE, S A R L
Projecto engenharia civil ENARCO
Fiscalização PROFABRIL, S A R L
Projecto e construção do pórtico MAGUE, S A R L

BOM APETITE

RESTAURANTE
António
RUA TOMÁS RIBEIRO, 63 (Junto do Metro)
NÃO TEM SUCURSAIS
ABERTO AOS DOMINGOS

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 79 02 11
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)

HOTEL BOTÂNICO
Rua Mãe d'Água, 16-20 • Telefs. 3 40 12/13
LISBOA (junto à Praça da Alegria)
O PONTO DA REUNIÃO ELEGANTE
VISITE O NOSSO BAR ONDE ENCONTRA O APERITIVO AO SEU GOSTO

APÓS AS REFEIÇÕES – CHAVE D'OURO – O MELHOR CAFÉ

EMPRESA DE NAVEGAÇÃO MADEIRENSE, LDA.
Carreiras semanais (regulares) entre LISBOA-FUNCHAL
SAÍDAS EM ABRIL
N/M «MADEIRENSE» A SAIR EM 8 E 22 DE ABRIL
N/M «FUNCHALENSE» A SAIR EM 1, 15 E 29 DE ABRIL
Estes navios são novos e encontram-se apetrechados com todos os requisitos modernos para servirem bem os seus estimados clientes.
Para cargas e passageiros trata-se:

EM LISBOA
Rua de São Julião, n.º 5, 1.º-Dt.º
Telef. 87 01 21/2

NO FUNCHAL
Rua da Praia, n.º 45-1.º
Telef. 2 16 15

NAUFRÁGIO

As causas mantêm-se mas evoluiram os meios de salvamento

Um barco a pique dia sim dia não, num total de 250000 toneladas, é o prejuízo médio que actualmente sofre todos os anos a frota mundial por factos não ligados à guerra. Esta cifra pode dar uma ideia do grande número de cascos de barcos que se vão acumulando contínuamente no fundo do mar.

No entanto, se bem que o naufrágio continue a ser o facto mais temido por todos os navegadores, os riscos que a vida humana corre hoje em dia no mar são consideràvelmente insignificantes, se comparados com os que encontravam os marinheiros de outros tempos, quando da navegação à vela e antes do invento do telégrafo por Marconi.

E estes riscos eram tanto mais importantes quanto mais longínquos no tempo eles se situam.

Se hoje os naufrágios originam a perda de 0,25 por cento todos os anos da totalidade da frota mundial, pode imaginar-se o que significava navegar quando á parte outros riscos, como a pirataria, pouquíssimos pontos costeiros eram assinalados com faróis e cartas náuticas e de portos que, quando existiam, eram apenas aproximadas. Os sistemas de segurança e aparelhagem de emergência a bordo eram pràticamente inexistentes além de que os serviços de socorro nos mares não iam além do reduzido raio de pouquíssimos portos.

Uma vez que a tempestade abatesse sobre um navio, este tornava-se, desde logo, mais um tesouro oferecido ao mar.

Para se evitar o mais possível a acção devastadora do mar e o sequente naufrágio tentava-se então mantê-lo o mais possível com a proa ao vento e arriava-se um escaler a fazer a função de âncora móvel.

Mas este expediente não era absolutamente eficaz, destinando-se apenas a adiar, por mais algum tempo, a inevitável catástrofe, de forma a poderem tornar-se operacionais os meios de salvamento existentes a bordo.

A impossibilidade de se poder governar a nave era naturalmente o preâmbulo constante do seu afundamento. Outras vezes o naufrágio acontecia por encalhe perto das costas, devido ao escasso conhecimento que destas havia, aliado desatenção ou às más condições de visibilidade ou, ainda, a erros de cálculo. Por vezes era possível desencalhar o barco e até, com os meios disponíveis a bordo, reparar qualquer pequeno rombo. Mas se, pelo contrário, os rombos eram de molde a não poderem ser reparados no local o navio era imediatamente considerado perdido. Neste caso toda a tripulação èra mobilizada para escoar a água durante o maior número de horas possível, na esperança de entretanto ser avistada terra ou até serem vencidos pela fadiga.

Todos os veleiros, mesmo os mercantis, estavam equipados com bocas de fogo para se poderem defender dos piratas que então infestavam os mares.

Quando a situação do veleiro começava a ser crítica depois de serem invadidos pelas águas, os canhões eram as primeiras peças a serem alijadas, na esperança de se poder navegar o barco o mais possível. Sucessivamente eram lançados borda fora todos os objectos que não eram considerados indispensáveis.

Por vezes todos estes esforços eram baldados e terminavam com o inevitável afundamento do navio, onde cada um tentava infrutíferamente salvar-se no meio de pavor que se pode imaginar.

Outra forma muito vulgar de naufrágio nesses tempos eram os incêndios a bordo.

O mais pequeno fogo que se declarava alastrava ràpidamente a todo navio devido à sua construção em madeira e ao facto de existir frequentemente a bordo pólvora, piche e resinas que em pouquíssimo tempo reduziam o navio a um enorme archote, não permitindo, na maior parte das vezes, a descida dos escaleres, o que terminava, como é de calcular, com a morte horrível da maior parte da tripulação.

Nem sempre um naufrágio próximo da costa queria dizer que a sobrevivência estava assegurada. Muitas vezes esta era de tal maneira escarpada e rochosa que os pobres sobreviventes vinham acabar desfeitos contra ela.

Se se conseguiam salvar, a sua primeira preocupação era recolher todos os destroços possíveis para construírem abrigos e fazerem fogueiras para se aquecerem, ou ainda para tentarem fazer jangadas que os levassem a qualquer ponto. Não menos preciosa era a recolha de alimentos, tais como barris de biscoitos, carne, farinha e água potável.

Muitas vezes tinham de suportar ainda a hostilidade de povos selvagens, que era o início de intermináveis sofrimentos e de autêntica escravatura.

A verdadeira época dos grandes naufrágios, aquela de que se conseguiu juntar um notável número de documentos, ricos de curiosidade, é descrita por Dephertes no seu livro «Histórias de Naufrágios» que se refere ao período compreendido entre os anos de 1500 e 1700.

Foi esta a época em que o comércio exercido por importantes companhias de vários países, tentava com frequência sempre crescente as rotas dos oceanos.

Episódios característicos do sofrimento pela fome eram também frequentes. Um destes passou-se a bordo do barco francês «Jacques», que em 1558 navegava do Brasil para a Europa.

Não se trata pròpriamente de um naufrágio mas sim da amotinação de uma equipagem de um barco fretado que demandava a Europa, com poucos víveres.

Conta-se que a tripulação acabou por arrombar o depósito de víveres e, na vã esperança de encontrar alimentos, acabou por comer vermes e até excrementos, depois de ter comido o papagaio de bordo. Rezava assim o Diário de bordo: — **«Cozinhámo-lo inteiro com água do mar e comemos inclusivamente os pés e os ossos».**

Entretanto o capitão tentando segurar a rebelião da equipagem tentava iludi-los fazendo-os crer que se encontravam muito mais perto da costa francesa do que na realidade estavam. Também a água potável havia chegado ao fim o que pôde ser remediado pela recolha da água da chuva com uma vela estendida na coberta.

Os sobreviventes que conseguiram chegar a França, ainda segundo o Diário de Bordo «**alguns desembarcaram como se tivessem o Diabo no corpo**». A maior parte deles não quis mais ouvir falar da vida de marinheiro.

Na nossa época os naufrágios continuam, ainda, a ser um pesadelo para os homens do mar, apesar de podermos dispor de meios de salvamento eficientíssimos.

Recorde-se, por exemplo, o caso do «Titanic», de grande tonelagem e com mais de mil pessoas a bordo das quais morreu a maioria quando este navio se afundou, na sua carreira inaugural, por ter colidido com um «iceberg».

Mais recentemente também o navio italiano Heleanna foi vítima do implacável fogo que o destruiu completamente do qual, porém foi possível salvar 1089 homens da sua tripulação graças ao facto de navegarem perto dele alguns navios que puderam socorre-lo ràpidamente. Não fora esse feliz acaso e esta teria sido a segunda edição do Titanic.

Felizmente os meios não só de combater estas catástrofes mas até de evitá-las são outros bem diferentes daqueles que os navegadores nossos antepassados tiveram de enfrentar, delas restando pouco mais do que a imagem.

ONDEX

REPRESENTAÇÕES ELECTRÓNICAS LIMITADA

- Equipamento de telecomunicações para Exército, Marinha e Força Aérea
- Instrumentos de medida para laboratórios de rádio
- Estações de T. S. F. para navios
- Equipamentos de som
- Acessórios de rádio

★

ESCRITÓRIOS:
CAMPO DAS CEBOLAS, 40 (r/c., 1.º e 2.º)
Telefones: 86 15 11 - 86 47 88 - 86 47 89
LISBOA - 2

SERVIÇOS TÉCNICOS:
ARCO DE JESUS, N.º 5 — LISBOA - 2

ESTALEIROS NAVAIS DO MONDEGO, S. A. R. L.

TELEF. 2 21 12 (3 LINHAS) ● TELEX 3290 P
TELEG. ESNAMO ● APARTADO 63
FIGUEIRA DA FOZ

CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES NAVAIS

— 2 CARREIRAS DE CONSTRUÇÃO PARA NAVIOS ATÉ 110 M DE COMPRIMENTO
— PLANO DE QUERENAGEM PARA REPARAÇÕES DE NAVIOS ATÉ 600 TONS. DE DW.

168
NAVIOS Construídos e em Construção

MARINHA

EQUIPAMENTO GERAL PARA NAVIOS DESTINADO A:

CONSTRUÇÃO
CONVÉS
ILUMINAÇÃO
NAVEGAÇÃO
PROTECÇÃO E SEGURANÇA
PROPULSÃO
REPARAÇÃO
SOBRESSALENTES
SERVIÇO AUXILIAR

Sociedade Luso Eléctrica Limitada

LISBOA ★ PORTO

TERMO-TÉCNICA, L.DA

Marinha e Indústria

PRODUTOS PARA:

— Tratamento de água de caldeiras para todas as pressões e temperaturas
— Tratamento de combustíveis
— Tratamento e limpeza de vaporizadores
— Lixivagem de caldeiras
— Limpeza de caldeiras e permutadores de calor
— Limpeza de tanques de óleo e superfícies gordurosas
— Limpeza de equipamentos eléctricos
— Melhorar a combustão nas caldeiras

Produtos refractários e isolantes para as mais altas temperaturas de serviço em caldeiras modernas.
Apresente-nos os seus problemas que nós o ajudaremos a solucioná-los.
Assistência técnica por pessoal qualificado.

L. de S. Julião, 12-2.º-Dt.º
Telf.: 327766-35070-35250
LISBOA - 2

R. Nova de S. Crispim, 139
Telf. 490404
PORTO

Alvalade, 26 de Março:

Sporting espera Porto com Lourenço na linha

Alvalade será amanhã, à tarde palco de um dos mais interessantes jogos da vigésima quarta jornada do Campeonato Nacional de Futebol, defrontando-se ali Sporting a F. C. do Porto. Noutros tempos seria um jogo para encher casas e levantar emoções. Desta feita é apenas um encontro interessante, sem reflexos especiais na classificação e entre duas turmas à procura da sua própria face, cada uma preocupada em subir, o que ainda for possível, na tabela classificativa.

Para o Sporting é mais uma tentativa de assalto ao segundo lugar, mais um esforço na recuperação da desvantagem de dois pontos em relação aos comandados de José Maria Pedroto.

No afã de alcançar esse objectivo Lino tem concentrados no centro de estágio, desde ontem, dezasseis homens. Por lugares, dois guarda-redes (Damas e Botelho), cinco defesas (Pedro Gomes, Hilário, Caló, Laranjeira e José Carlos) três médios (Manaca, Gonçalves e Peres), e seis avançados (Chico, Nelson, Yazalde, Dinis, Lourenço e Márinho). Como se vê, prioridade ao ataque: já no estágio, quanto mais no jogo!

A novidade maior é o regresso de Lourenço. Rende Nando que se lesionou durante um treino, sofrendo pancada numa perna recuperável em oito dias. Lourenço tem andado em tratamento desde 16 de Dezembro, dia em que sofreu uma rotura muscular na coxa direita. A partir daí aconteceram três recaídas, a que se juntaram todos os problemas inerentes à mudança de comandos e de métodos nos treinos do Sporting. Na hora do regresso, Lourenço diz como se passam as coisas:

— Depois da lesão (em Dezembro) já joguei cerca de 55 minutos com o Leixões, mas tive mesmo de parar a preparação e descansar: cada vez que «apertava» nos treinos havia complicações e dores musculares. Agora estou sem problemas de lesões e julgo-me em ordem para jogar. Para já fui convocado e estou entre os dezasseis. Se jogo ou não já é problema do técnico.

Lourenço, que nos diz ainda ter emagrecido com a paragem, está já de novo com o peso normal, pois com o regresso ao trabalho recuperou a tonicidade muscular e pôde aumentar de peso. Agora confia num bom regresso:

— Em plena forma não posso estar, pois só os jogos dão o ritmo adequado da competição. De qualquer modo, parece-me ser possível uma integração rápida no novo ritmo de jogo da equipa, pois também nos treinos estou a acompanhar perfeitamente apesar da longa paragem e das maiores exigências na preparação. Se jogar, tudo farei para cumprir.

Lourenço vai a caminho dos trinta anos e conta-se ainda com ele na reconstrução porque passa o clube de Alvalade.

A propósito, soubemos no estádio dos «leões» que Yazalde de há um mês para cá, portanto desde que passou a treinar com intensidade crescente, já subiu o seu peso em três quilos e meio e ainda não está em ordem, pelo menos no ponto que se julga necessário para aguentar a dura tarefa de homem só (esporàdicamente recebendo a colaboração de Nelson) no fogo da área, no sítio onde as «castanhas» escaldam. De Faro, trouxe o argentino algumas «medalhas» roxas nas canelas e no joelho esquerdo. E parece que contra o Porto o esquema não vai mudar, pois no Sporting de hoje os extremos estão «lá» para jogar na frente (não para trabalhar no «miolo») e o três do meio campo é completado com o recuo do outro ponta-de-lança, no caso Nelson, que nos momentos de ataque faz o «quatro» dianteiro.

Daí que, se bem interpretámos o pensamento de Lino, Lourenço deva entrar na segunda parte: quando Yazalde começar a acusar dificuldades. Mais ou menos como tem acontecido nos últimos jogos, com a entrada de Nando.

Hoje, de manhã, Lino dirigiu mais uma sessão de preparação física e a equipa está moralizada apesar do empate de Faro, atribuído (aliás) a deficiências da arbitragem.

Ainda nos parece de referir que há planos para a integração de Wagner na equipa assim que a legislação sobre a dupla nacionalidade seja plenamente aplicável. E desses planos não consta apenas a troca de um jogador por outro, há outras implicações, pois segundo o próprio Lino diz: **«O meio campo do Sporting vai passar por um refinamento técnico da ordem dos oitenta por cento».**

Mas, para já, é o Porto. E em Alvalade há dezasseis jogadores à espera das quinze horas de amanhã.

D.R.

Lourenço de volta

12 500 leem agora a colecção duas horas de leitura

e você?

HOJE dia 25

Nº 5 CAMILO CASTELO BRANCO
A Última Vitória de Um Conquistador

próximo volume
(DIA 25 DE ABRIL)
6. PANAIT ISTRATI
Codine

15$00
UM VOLUME POR MÊS
ao dia 25

NÃO é uma colecção de bolso!

EI
EDITORIAL INOVA LIMITADA
apartado 466/Porto

Basquetebol

Possível Solução Metropolitana

Os melhores encestadores são italianos

Ottorino Flabores, do Ignis de Varese (Itália) com a «Taça dos Clubes Campeões Europeus de basquetebol, conquistada em Telavive perante o Jugoplastika.

Prossegue este fim-de-semana o campeonato metropolitano de basquetebol da 1.ª divisão. Jogam hoje: Carnide-Académica e Benfica-Cuf (Pavilhão da Luz, a partir das 21 horas), Galitos-Académico (Pavilhão de Aveiro, 21 e 30), Ginásio Figueirense-B. P. M. (pelas 21 horas, no liceu da Figueira da Foz), Portalegre e Vasco da Gama-Sporting (Pavilhão do Lima, a partir das 21 horas) Amanhã: teremos Carnide-Cuf e Benfica-Académica (Pavilhão da Luz, a partir das 16 horas), Ginásio Figueirense-Académico (Liceu da Figueira da Foz, pelas 17 e 30) Galitos-B. P. M. (Pavilhão de Aveiro, às 17 e 30) Vasco da Gama-Algés e Porto-Sporting (Pavilhão do Lima, a partir das 16 horas).

Pràticamente, o campeonato fica resolvido. As deslocações do Sporting (ao Porto) e da Académica (a Lisboa) vão ditar os representantes metropolitanos ao campeonato nacional da modalidade.

À partida, Porto e Académica são os favoritos: mas, naturalmente, tanto «leões» como «aguias» quererão dar a última palavra no assunto, pois que uma vitória sua deixará ainda em aberto uma possibilidade de ataque ao título. Será desnecessário, portanto, adiantar qualquer vaticinio ou dizer que, tanto o Pavilhão da Luz como o do Lima, se irão encher completamente, para verem em acção os quatro melhores «cincos» metropolitanos da modalidade.

Nas restantes partidas, os mais importantes empates serão os que colocam frente-a-frente, os últimos da classificação: Carnide-Cuf e Galitos-Académico. Num caso como no outro, cufistas e aveirenses irão jogar tudo por tudo para fugirem da posição incomoda que ocupam na tabela. Uma, vez que o Carnide está irremediàvelmente afastado da primeira divisão, resta ao Académico ensejo de, também, lutar pela sua vida.

CLASSIFICAÇÃO À PARTIDA

	J.	V.	D.	M.	P.
ACADÉMICA	19	17	2	1631-1270	36
F. C. Porto	19	17	2	1806-1207	36
Sporting	19	16	3	1668-1171	35
Benfica	19	15	4	1725-1335	34
B. P. M.	19	10	9	1304-1229	29
Algés	19	9	10	1385-1410	28
V. da Gama	19	8	11	1239-1342	27
Académico	19	8	11	1461-1521	27
G. Figueirense	19	6	13	1288-1515	25
C. U. F.	19	4	15	1324-1605	23
Galitos	19	3	16	1273-1789	22
Carnide	19	1	18	963-1673	20

ATLÉTICO-TIRSENSE:

HOJE, NA TAPADINHA, GUERRA DE AFLITOS

Com o jogo Atlético-Tirsense (ás 16 horas) começa a jogar-se hoje a 24.ª jornada do nacional maior. Amanhã de manhã (até na televisão, teremos o Vitória de Guimarães-Cuf) em antecipação aos jogos das 15 horas: Leixões-Beira Mar, Boavista-União de Tomar, Barreirense-Benfica, Académica-Vitória de Setúbal, Sporting-Porto e Farense-Belenenses.

Sporting-Porto é cartaz em qualquer circunstância: sejam candidatos ao título ou não os dois conjuntos criaram já o hábito de proporcionar excelentes espectáculos e de arrastarem atrás de si grandes multidões. Ganhar um ou outro, tudo dependerá da disposição com que os dois conjuntos se apresentarem em campo, pois ambos querem vencer: e necessitam de triunfar para apagar certas coisas.

O Benfica vai ao Barreiro e Carlos Silva (técnico barreirense) diz que o problema da vitória no jogo é do Benfica, não do seu clube. Talvez tenha razão: os «encarnados» devem sentir os efeitos do jogo de 4.ª-feira e poderão não ir jogar com o interesse com que normalmente actuariam se o seu momento fosse outro. Agora, outros valores mais altos se levantam: e Hagan deverá estar virado para paragens diferentes.

Académica e Setúbal defrontam-se no jogo «mais bonito» da jornada: apesar de não terem atingido esta temporada o nível de outras épocas, os estudantes capricham em jogar bem contra o Vitória de Setúbal). A necessidade de pontuar poderá tirar à Académica o discernimento necessário para conduzi-la à vitória: mas o Setúbal não quer perder a mó de cima, até pelos prémios que isso vai rendendo... Tudo pode acontecer: e certamente que se irá jogar futebol de bom nível no Municipal de Coimbra.

Guimarães-Cuf e Farense-Belenenses são encontros entre gente tranquila. Os vimaranenses (ainda a lutarem para o quarto lugar) têm uma excelente oportunidade de se aproximarem dos cufistas, embora a desconcertante turma de Fernando Caiado tenha uma palavra a dizer. Tudo dependerá da disposição de Tito e seus companheiros: se estiverem em «tarde sim» só muito dificilmente a Cuf pontuará. A Faro vai o Belenenses e não faz a viagem em boa altura: os algarvios estão moralizados depois do êxito frente ao Sporting e têm futebol para triunfar frente aos homens do Restelo. A curiosidade maior estará em saber como aparecerão a jogar os novos comandados de Scopelli, se bem que se torne prematuro tirar qualquer conclusão apenas depois de uma semana de trabalhos.

O calendário apresenta ainda «jogos de aflição»: Boavista-União de Tomar, Leixões-Beira Mar e Atlético-Tirsense. Tranquilo (ou quase) apenas o Beira-Mar: entre os restantes a diferença pontual é mínima. Boavista (15 pontos e a «lanterna vermelha») recebe o União de Tomar (17 pontos e uma certa intranquilidade). Pode ser (talvez) a última hipótese dos homens de António Teixeira deixarem a derradeira posição, mas Fernando Cabrita sabe bem que uma derrota no Porto poderá criar graves problemas aos seus desejos. Um bico-de-obra que os dois técnicos vão resolver a seu favor.

Leixões (16 pontos e cinco treinadores numa só época) recebe o Beira Mar (21 pontos e uma grande serenidade). Como reagirão os leixonenses a nova «chicotada»? Aí estará a maior dúvida do jogo do Estádio do Mar. A defesa do Beira-Mar é sólida e o ataque do Leixões pobre em golos: como se resolverá a questão? Um nulo? A «chance» de ganhar, pelo menos um ponto, é uma esperança para os matosinhenses: mas o triunfo será ouro sobre azul.

Atlético (16 pontos e uma copiosa derrota na última jornada) recebe o Tirsense (16 pontos e um desaire em casa domingo passado). Cada um c o m seu problema, ambos com a mesma necessidade: que sairá de tudo isto? Para já, uma opinião: é o jogo mais apaixonante da semana. Chega para reclamar a tarde de hoje na Tapadinha.

II. ª DIVISÃO

Adiada a jornada número 24 do nacional da 2.ª divisão, jogam-se apenas quatro encontros. Na Zona Norte: Covilhã-Fafe, Braga-Riopele e Alba-Gil Vicente; na zona Sul: Sintrense-Peniche.

III DIVISÃO

ZONA A: Freamunde-das Aves; Vizela-Alijoense; Vila Real-Vianense;Leça-Mirandela; Bragança-Régua; «Os Limianos»-Chaves; Vilanovense Sporting de Lamego e Vieira-S. Pedro da Cova.

ZONA B: Minas da Panasqueira-Oliveirense; Naval I.º de Maio-Académico de Viseu; Vale-Cambrense-Celoricense; Lusitânia de Lourosa-Ala Arriba de Mira; Ovarense-Eirense; Anadia-Feirense; «Os Marialvas»-Penalva do Castelo e Guarda-Mortágua.

ZONA C: «O Elvas»-Odivelas; Calipolense-Alferrarede; Estrela de Portalegre-Alhandra; Caldas-União de Santarém; União de Almeirim-Portalegrense; Alverca-Marrazes; Bombarralense-Norte e Soure e Amiense-Casa Pia.

ZONA D: Faro e Benfica-Grandolense; União Sport-Serpa; Amora-Almada; Esperança de Lagos-Lusitano de Vila Real; Paio Pires-Estoril; Juventude de Évora-Silves; Beja-Moitense e Vasco da Gama-Luso.

Realiza-se amanhã a 5ª jornada da «Taça Nacional de Juvenis», com os seguintes jogos:

ZONA A__ 1ª SÉRIE: Sport Clube de Vila Real-Mirandela e Desportivo de Chaves-Desportivo de Bragança; 2.ª SÉRIE: Spoting de Braga Fate e Famalicão-Vitória de Guimarães; 3ª SÉRIE: F. C. Porto-Leixões e Varzim-Boavista e 4ª SÉRIE: Serzedo-Rio Tinto e Gondomar-Perosinho.

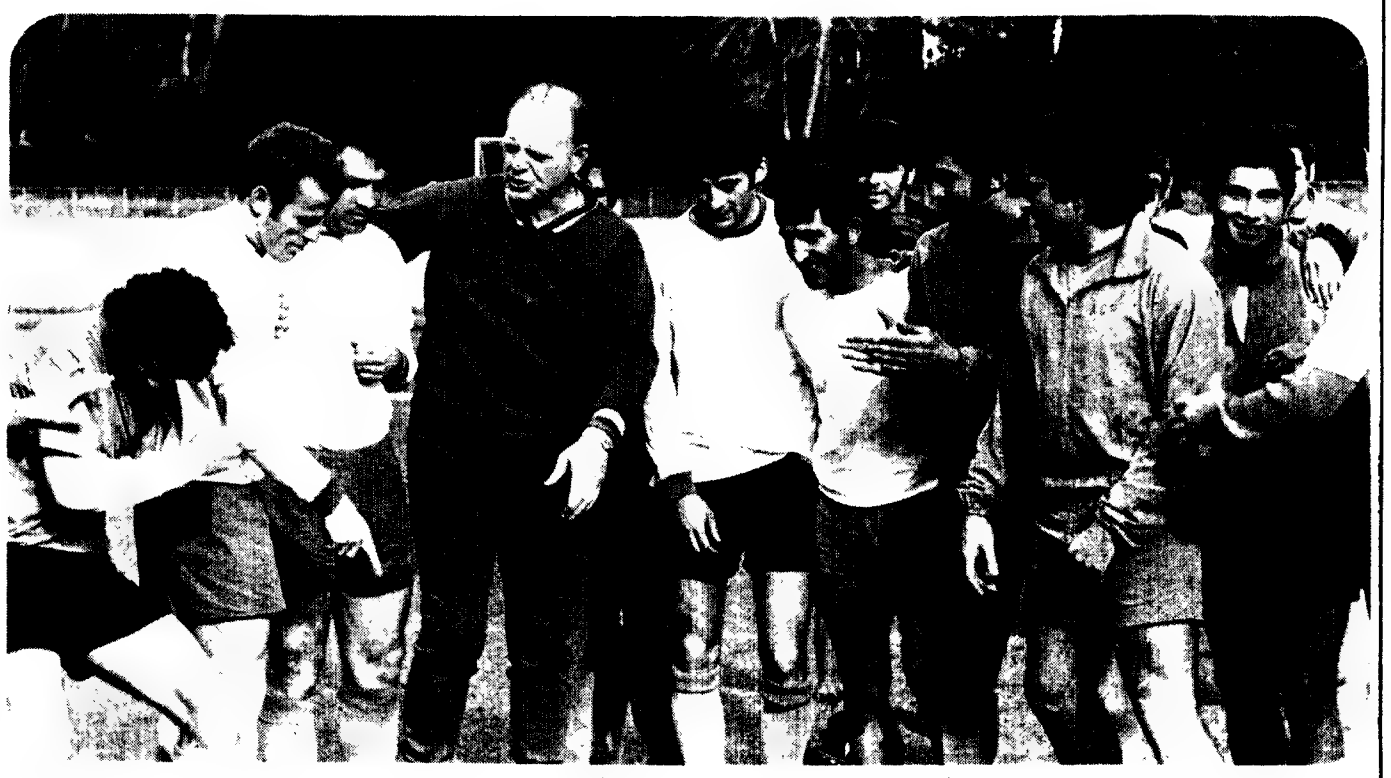
ZONA B __5ª SÉRIE: Feirense-Sporting de Espinho e União de Lamas-Avanca; 6ª SÉRIE: Guarda-Sport Viseu e Benfica e Mangualde-» «Os Represenses»; 7ª SÉRIE: Académica-Naval 1º de Maio e Recreio de Águeda-Febres e 8ª SÉRIE:» Os Nazarenos» - Benfica e Castelo Branco e Desportivo de Castelo Branco-Leiria e Marrazes.

ZONA C__ 9ª SÉRIE: Benavente-Loures e Torriense-Caldas; 10ª SÉRIE:«O Elvas» - Desportivo Portalegrense e Torres Novas-Sporting de Abrantes; 11.ª SÉRIE: Benfica Futebol Benfica e Belenenses-Vitória e 12.ª SÉRIE: Sporting-Estrela da Amadora e Atlético-Odivelas.

ZONA D __ 13ª SÉRIE: Carcavelos-Sarilhense e Cova da Piedade-C.U.F., 14ª SÉRIE:Sesimbra-Palmelense e Vitória de Setúbal-Alcochetense; 15ª SÉRIE: Desportivo de Beja-Lusitano de Évora e União Spor- «Os Amarelos» e 16ª SÉRIE: Aljustrelense-Olhanense e Lusitano de Vila Real-Portimonense,

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
BENFICA	23	20	3	—	62- 9	43
V. Setúbal	23	13	9	1	54-15	35
Sporting	23	13	7	3	42-21	33
C. U. F.	23	9	10	4	34-24	28
F. C. Porto	23	9	7	7	34-25	25
V. Guimarães	23	8	7	8	37-37	23
«Os Belenenses»	23	9	5	9	25-23	23
Barreirense	23	8	5	10	28-38	21
Beira Mar	23	6	9	8	24-31	21
Farense	23	7	6	10	25-32	20
Un. de Tomar	23	6	5	12	17-30	17
Tirsense	23	5	6	12	17-48	16
Atlético	23	4	8	11	26-43	16
Leixões	23	5	6	12	20-41	16
Académica	23	5	6	12	23-31	16
Boavista	23	3	9	11	19-39	15



Alegria e boa disposição nos alcantarenses: logo também será assim?

FUTEBOL: os juniores do F. C. Porto partiram hoje para Poitiers. Vão tomar parte num torneio internacional a realizar naquela cidade.

FUTEBOL BRASILEIRO flamengo e Botafogodefrontam-senomaiorestádio do Mundo (Maracanã) amanhã, prevendo-se uma receita «record» e lotação esgotada.

TIRO A CHUMBO: de 12 a 15 de Maio, no Parque de Monsanto, realiza-se o IV «Campeonato do Atlântico» e a «Taça da Europa».

MUNIQUE: todas as instalações para os jogos estarão prontas a tempo e serão entregues ao Comité Olimpico no dia 1 de Julho próximo.

HIPISMO: iniciou-se a temporada hipica de 1972 com a realização de um concurso disputado na Quinta da Bienda (Cascais), e que D. Lucinda Strutt venceu. A 9 de Abril tem lugar o I.º Concurso Hípico de Arraiolos.

VELA: o «Torneio da Primavera» foi ganho por Manuel Arriaga e Cunha, no «Golfinho». No «Grupo B» foi primeiro o eng.º Manuel Gonçalves, no «Antares». No torneio do Clube Naval de Lisboa foi vencedor José Quina, em «fins».

BARREIRENSE: começam em breve as obras do novo estádio.

INOVAÇÃO: a partir de amanhã haverá apanha-bolas (com bolas) para evitar interrupções nos jogos oficiais de futebol.

«LEADER»: o F.C. Porto comanda a classificação do «Troféu Totobola», criado para premiar a equipa mais correcta dos nacionais.

SEGURADORES: a Companhia de Seguros Tranquilidade venceu o torneio de basquetebol dos III Jogos Desportivos do Norte.

ALGÉS E DAFUNDO: o clube promove, nos meses de Abril, Maio e Junho, um curso de vela para jovens de idades compreendidas entre os 9 e os 14 anos.

GRUNDIG

ERNESTO: engenheiro electro-mecânico e avançado-centro do Farense

Ernesto: avançado-centro do Sporting Farense

«A Académica formou-me como homem: o futebol profissional ensinou-me a viver e a compreender a vida do dia-a-dia».

Ernesto Francisco de Sousa, algarvio de nascimento (Portimão, em 2/2/42) firmou-se como jogador (e como estudante) na Académica, mas o futebol e o seu interesse por uma determinada valorização pessoal tinham aparecido mais cedo:

«Comecei a dar os primeiros chutos na bola quando tinha 16 anos. O meu primeiro clube foi o Esperança de Lagos, pois estava a estudar naquela cidade e a coisa tinha-se proporcionado. Depois, fui prosseguir os estudos em Silves e terminei o 5.º ano dos Liceus. A Cuf apareceu como hipótese, pois concorri a um lugar na empresa e fui aceite como desenhador de projectos. Fernando Vaz, que nessa altura treinava os cufistas, encontrou em mim qualidades e pôs-me a jogar no clube».

Depois:

«A tropa apareceu e com ela nova mudança de vida e de clube: fui para Tancos cumprir o serviço militar e para o União de Tomar jogar futebol. Os nabantinos estavam no terceiro escalão e nessa temporada, conseguimos subir de divisão: a minha contribuição cifrou-se em golos, pois fui o melhor marcador do campeonato».

A Académica:

«Na tropa, conheci Crispim, Gervásio, Rui Rodrigues e Oliveira Duarte, todos eles grandes jogadores da Académica de então. Falaram-me na hipótese de me transferir para Coimbra, mas eu não liguei: há cinco anos que não estudava e isso era tempo suficiente para me pôr a dúvida no que respeita a nova mudança de vida. Acabaram por existir várias divergências em Tomar (prometeram-me uma coisa que não concretizaram) e isso acelerou a minha ida para Coimbra. Fui para a Académica em 1965 e em boa hora o fiz: só quem passa por Coimbra pode avaliar o que significa essa lição, que é muito difícil esquecer para o futuro. Aí fui «internacional» B, realizei-me como estudante (pois caprichei em que isso sucedesse) e, como jogador de futebol, atingi a minha craveira mais elevada. Então surgiu Alvalade».

O Sporting:

«Parti para Lisboa cheio de esperanças de continuar a ser um elemento útil ao futebol português. A princípio tudo correu ás mil maravilhas. Depois (e, como o destino é cruel!) num jogo com a Académica lesionei-me sèriamente e nunca mais voltei a dar um rendimento normal. Nessa altura o estudo desempenhou em mim uma função primordial: serviu-me de escape ás pequenas frustrações que o futebol me estava a dar e foi um complemento importante da actividade de profissional da bola. Acabaram por ir ao ar todos os projectos que tinha feito quando chegara a Alvalade e era urgente que resolvesse a minha situação como jogador de futebol.»

O Farense:

«Recebi um convite de Faro para ir para lá jogar: ponderei devidamente todos os prós e contras e acabei por me decidir. Não abandonava a primeira divisão (que era meu desejo) e, ao mesmo tempo, tinha a possibilidade de continuar a estudar: estava a fazer exames ao abrigo da lei militar e os directores do Farense deixavam-me ir a Lisboa sempre que tivesse necessidade de o fazer. Por outro lado, já conhecia o ambiente e sabia que me iria dar bem. Tudo se conciliou, portanto, para este meu regresso á província que me viu nascer».

Um paralelo: futebol profissional-futebol amador:

«Antes de ingressar no Sporting, nunca tinha sido profissional de futebol: estava arreigado à Académica e aos seus costumes, mas via chegar a grande oportunidade da minha emancipação financeira. Nunca durante os primeiros anos da minha formatura poderia aspirar a ter casa e dinheiro que me dessem uma certa tranquilidade de espírito. O profissionalismo permitiu-me duas coisas: por um lado, acabei o curso; por outro consegui orientar a minha vida financeiramente. Hoje tenho três andares na Parede que já me dão uma certa estabilidade. Como aconteceria isso se tivesse ficado em Coimbra? Não, não saí zangado com ninguém: antes foi com profunda (mágoa que deixei a Académica, mas tem de se compreender que a minha vida não podia ser apenas feita de recordações sentimentais».

Mais á frente:

«A Académica formou-me como homem e o futebol profissional ensinou-me a compreender a vida do dia-a-dia. A mentalidade do profissional de futebol evoluiu muito e hoje já tem um espírito próprio. Aliás, já merece estar integrado na sociedade a que pertence. Não há dúvida que tenho aprendido muito com o futebol e na minha vida futura isso virá a reflectir-se. Em Coimbra, nunca eu ouvi chamar analfabetos aos jogadores de futebol: quando vim para Lisboa isso passou a ser uma constante, pois a melhor válvula de escape da «grande massa» são os apupos e os piropos. Por tudo isto o jogador profissional tem de ter uma conduta totalmente diferente do que acontece com o amador. É necessário que tenha uma mentalidade que lhe permita contrariar todas essas opiniões e julgamentos precipitados: e, para além de tudo, deve tentar impôr-se à consideração de todos como **homem».**

O Farense actual:

«O Farense é um grande clube, apesar de opiniões em contrário: tem dirigentes com uma capacidade extraordinária e é uma colectividade muito séria. Estou encantado pois todos me têm rodeado de gentilezas e amabilidades. O Farense fazia falta á província se saísse da primeira divisão: por enquanto ainda é um «caloiro» e tudo teve de começar pelo princípio. O ano passado começámos bem, mas depois oscilámos: este ano tudo parecia caminhar para melhor, pois tinhamos mais jogadores e melhor organização. Mas, não há bela sem senão: como o futebol é um jogo e num jogo existe sorte e azar a nós tocou-nos o azar. Lesões atrás de lesões têm impedido que Manuel de Oliveira possa apresentar duas vezes seguidas a mesma equipa. Eu, por exemplo, que estava agora a atingir a minha melhor forma, fui forçado a nova interrupção, com outra lesão contraída frente á Académica.»

Ernesto e as suas características:

«Muitas pessoas me têm chamado trabalhador e eu concordo: não sei se por feitio, se por outra razão qualquer, não gosto de estar parado. Não sou tecnicista puro, mas tenho o meu estilo e nos tempos em que jogava ao lado do Artur Jorge o nosso entendimento era fabuloso. Esse entendimento derivava da grande amizade que tinhamos um pelo outro: e, parecendo que não, isso reflectia-se no campo de jogo. Jogávamos quase de olhos fechados um com o outro e até hoje nunca mais encontrei um ponta-de-lança com quem me adaptasse tão bem. Eu ajudava-o: mas, com ele aprendi muito.»

Ernesto na Comissão do Sindicato dos Profissionais de Futebol:

«Em boa hora o Governo promolgou o nosso desejo mas não se pense que, por essa facto o jogador pode estar descansado e dormir de barriga para o ar. O futebolista, a partir deste momento, tem muito maiores responsabilidades: tanto nas suas acções pessoais como na sua conduta em jogo. O sindicato é um orgão que existe para defender os nossos interesses, mas ùnicamente quando houver justa causa. O sindicato formou-se não para fazer guerra aos clubes, mas para que comece a haver uma certa conjugação de ideias entre a entidade patronal e nós. Até ao momento da aprovação do sindicato o jogador não era aceite na sociedade, porque não tinha profissão: agora já tem quem o defenda».

A terminar:

«Não acabarei os meus dias ligado ao futebol: já sou engenheiro electro mecânico e daqui por dois anos penso abandonar o futebol e dedicar-me exclusivamente a essa profissão. Para já, não posso deixar o futebol porque lhe devo muito e gosto de o jogar, mas quando chegar a altura ideal despeço-me mesmo».

Ernesto: de empregado da Cuf a engenheiro electro mecânico. Profissional de futebol há quatro anos, ele pode bem ser apontado como um exemplo vivo de perseverança e obstinação na busca de um ideal que sempre procurou.

LOTARIA DA PÁSCOA

SIEMENS ESTORIL

5 Até 1968, ano em que os Jogos Olímpicos se realizaram no México, o primeiro lugar, em medalhas conquistadas, cabia aos E. U. A. com 571 de ouro, 420 de prata e 365 de bronze. A seguir a União Soviética, respectivamente com 161, 152 e 146 medalhas. Nos três lugares seguintes, a Grã-Bretanha, a Alemanha e a França conquistaram por esta ordem, 460, 406 e 373 medalhas na totalidade. Portugal conquistou até essa altura 2 medalhas de prata e 3 de bronze que foram distribuídas da seguinte forma:

1924 – Paris
Medalha de Bronze-Hipismo – Prova de Obstáculos, por equipas. A. Borges de Almeida, Alferes Helder Martins, Capitão Mouzinho de Albuquerque.
1936 – Berlim
Medalha de Bronze-Hipismo – Prémio das Nações: Equipa constituída por Tenente Mena e Silva, Capitão Marquês do Funchal e Tenente José Beltrão.
1948 – Londres
Medalha de Prata-Vela – Classe «Swallow» – Eng. Duarte Belo-Fernando Belo.
1952 – Helsinquia
Medalha de Bronze-Vela – Classe «Star» – Joaquim Fiuza-J Rebelo de Andrade
1960 – Roma
Medalha de Prata-Vela – Classe «Star» – Dr. Mário Quina-José Manuel Quina

A seguir a Portugal, vêm 22 países classificados nesta tabela de medalhas olímpicas.

(continua)

Todos os Sábados, uma informação sobre os XX Jogos Olímpicos oferecida por

O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

Fernando Cabrita conta a história da sua carreira

«Tinha dezasseis anos e brincava á bola na escola como qualquer rapaz daquela idade. O meu tio, que nessa altura jogava no Esperança de Lagos, indicou-me ao clube e eu iniciei-me definitivamente para a prática oficial do futebol. Nessa altura, no Algarve, jogavam-se dois campeonatos: o de Barlavento e o de Sotavento. Ganhámos o de Barlavento (onde estávamos incluídos) e fui o melhor marcador. Quando se jogou um encontro Faro-Portimão fui seleccionado: um director do Olhanense viu-me a jogar e ficou encantado. Fui convidado para me mudar para Olhão e aí acabei por me fixar como titular durante nove anos e atingir pela primeira vez a equipa nacional».

Fernando Cabrita, quase 27 anos, ligado ao futebol, jogador «internacional» dos maiores do futebol português, treinador atirado para as grandes lutas no Benfica, agora ligado (há duas épocas) ao União de Tomar, faz ponto sobre o que foi, tem sido e será a sua carreira de homem do futebol.

«Mantive-me nove épocas em Olhão, onde quase tudo me correu bem e onde deixei gratas recordações: para além de ter sido «internacional», joguei numa equipa a sério, que nessa altura deu muito que falar. Depois, o jornalista Raul de Oliveira foi contactado por dirigentes franceses no sentido de assegurar a ida de dois avançados portugueses para França: fui convidado mais o Ben David, mas acabei por ser o preferido. Segui para França, com destino ao Stade Français, mas quando lá cheguei surgiram alguns problemas: até aí vigorava uma lei que permitia que três estrangeiros alinhasssem ao mesmo tempo por um clube, depois foi alterada essa permissão e tive de ir para o Angers que, entretanto, me havia feito boa proposta. Na minha estreia em França, contra uma equipa israelita, marquei dois golos e toda a gente ficou agradada com a minha exibição. Fixei-me durante três anos em França mas o clima começou a ser prejudicial á saúde de minha mulher e filha e tive de regressar a Portugal. Ganhei algum dinheiro na minha estadia e colhi ensinamentos muito úteis com o que vi.

Depois:

«Sábado treinava o Sporting da Covilhã quando cheguei á minha terra. Soube que eu cá estava e do êxito que a minha permanência em França tinha tido e contactou-me para ir para o clube da Serra da Estrela. Voltei a ser «internacional» e grande goleador, como sempre tinha gostado de ser: mantive-me lá durante seis anos e ajudei o clube a sair da terceira divisão para junto dos maiores. Os directores prometeram-me, na última época que lá estive, que, caso a turma subisse de divisão me davam a «carta» para eu me poder transferir. Subimos mesmo e eu voltei a mudar de ares».

Novamente o Algarve:

«O Portimonense convidou-me para voltar á minha terra como treinador-jogador e eu acedi: já andava com saudades do meu Algarve. Compreendi rápidamente que era incompatível a situação dupla de treinar e jogar. Vi que o técnico teria de ser lúcido, tranquilo para resolver, colmatar e rectificar qualquer erro que estivesse a passar-se em campo. Ora eu, jogando e treinando, não conseguia fazer as duas coisas como seria necessário. Apesar de tudo, estive em Portimão três anos e fiquei com um cantinho de saudade guardado por essa etapa da minha vida».

O Benfica:

«Quando saí do Portimonense deixou Valdivielso as escolas de jogadores do Benfica. Os directores dos «encarnados» convidaram-me para o substituir e vim para Lisboa muito satisfeito por poder trabalhar com jovens. Desde a primeira hora preocupei-me em fazer bom trabalho: o argentino tinha deixado uma obra notável no clube e eu não queria deixar os meus créditos por mãos alheias. Meti ombros á tarefa (espinhosa) e agora posso dizer com consciência que saí satisfeito. Tanto psicológica como técnicamente tentei sempre ajudar o Benfica o mais que pude, pensando sobretudo no futuro da equipa principal. Nené, Eurico, Vitor Martins, Diamantino, Humberto Coelho (entre outros) são jogadores que andaram comigo nos juniores e nas escolas e hoje são «internacionais» de grande nome. Cheguei a treinador da selecção de juniores e isso foi a melhor recompensa para a dedicação que pus em toda a minha obra».

Na primeira equipa do Benfica:

«Quando Bella Gutmann passou pela segunda vez pelo futebol do Benfica as coisas não lhe correram muito bem e quase no final da época deu-se a «chicotada psicológica». Os directores pediram-me para eu tomar conta da turma e eu, apesar de um pouco contrariado por deixar os mais novos acabei por aceitar. Já só faltava disputar-se a «Taça Ribeiro dos Reis»: acabámos por ter sucesso e vencemos a prova. No ano seguinte veio Fernando Riera: que pediu á direcção para que eu ficasse como seu adjunto. Trabalhei durante quase toda a temporada como auxiliar dele, mas nem tudo correu pelo melhor e o chileno acabou por deixar o Benfica muito antes das provas oficiais terminarem. Fui novamente chamado á condução da equipa. Estávamos em vésperas de um encontro com o Vasas de Budapeste para a «Taça dos Campeões Europeus», e a minha responsabilidade era assim ainda maior. Felizmente eliminámos os húngaros e passámos ás meias finais onde derrotaríamos também o Juventus.

Otto Glória foi, então, contratado: e eu voltei á minha antiga posição de adjunto do técnico principal. Fomos á final em Wembley (com o Manchester) e todos se lembram certamente o que se passou. No campeonato nacional seguinte continuei a trabalhar com Otto, mas quando perdemos com a Cuf (no Estádio Nacional) a direcção achou por bem prescindir dos meus serviços e do técnico brasileiro e tive de aceitar a decisão. Parto sempre do princípio que os directores quando rescindem o contrato com alguém, o fazem de boa fé: neste caso tive de pensar da mesma maneira. No entanto, dei imensas voltas á cabeça para saber qual teria sido a razão e cheguei á conclusão de que o tempo é o grande mestre e a verdade há-de vir um dia ao de cima. Oito anos não são oito dias e todo esse tempo deu-me ensejo de ficar a sentir um amor pelo clube dificilmente ultrapassável. Deixei obra válida: e fiquei de bem com a minha consciência pois concluí que a minha passagem pelo Benfica tinha sido positiva para ambas as partes».

O União de Tomar:

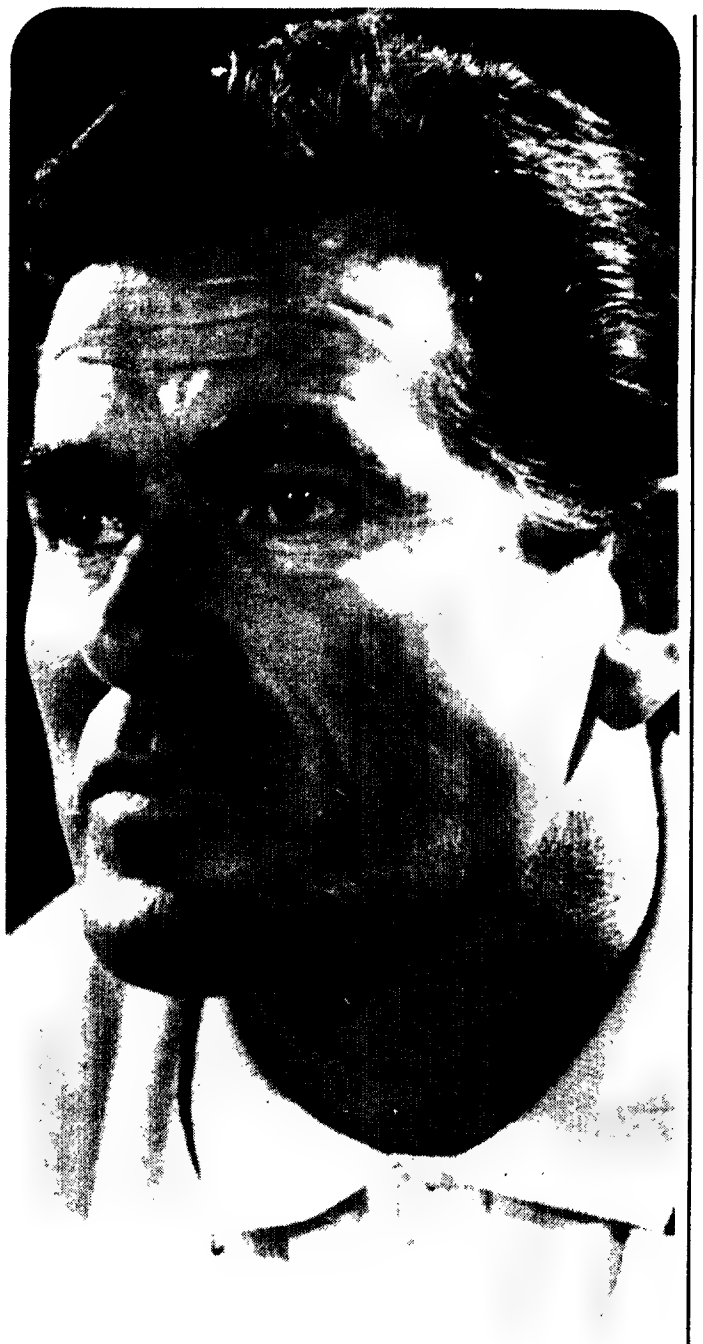
«Já quase com a equipa a cair na segunda divisão recebi um convite do clube nabantino para substituir Oscar Tellechea, no comando do União de Tomar. Quase que era bem sucedido nos meus intentos, mas uma arbitragem vergonhosa (em Matosinhos) tirou-me a possibilidade de ajudar o União de Tomar a manter-se na 1.ª divisão. Pediram-me, apesar de tudo, para que continuasse á frente das equipas de futebol do clube e aceitei. Lutámos pelo primeiro lugar na zona Sul: mas uma série de imponderáveis não permitiram que isso acontecesse. Como nessa altura já se pensava em aumentar a primeira divisão para dezasseis clubes comecei a preparar a equipa para a «liguilla». Fomos bem sucedidos e regressámos ao nosso antigo lugar».

Mais à frente:

«Estava a preparar a equipa para a segunda divisão e o facto de termos subido trouxe-me alguns problemas: tinha estudado o tipo de futebol do escalão secundário e os meus jogadores estavam enquadrados dentro desse espirito. Daí que tivessemos sentido (inicialmente) algumas dificuldades pois demorou pôr-se o União de Tomar a praticar futebol de primeira divisão. Agora tudo parece estar melhor e estou certo de que não desceremos de divisão ainda este ano. Na primeira divisão joga-se um futebol que exige outra preparação e o treinador tem de polir para valorizar.»

A terminar:

«Gostaria de poder dizer se fico ou não no União de Tomar, mas nesta altura torna-se prematuro dar qualquer resposta. Uma coisa é certa: quero continuar a ser treinador de futebol. O resto se verá depois.»



Fernando Cabrita: jogador do Esperança de Lagos, Olhanense, Angers, Covilhã e Portimonense. Treinador no Benfica e União de Tomar

O FUTEBOL É NOTÍCIA

CHIPRE: Damas, José Henrique, Carriço, Humberto Coelho, Messias, Rebelo, Rolando, Eusébio, Jaime Graça, Peres, Toni, Arcanjo, Artur Jorge, Jordão, Néné e Dinis foram a nossa selecção.

BENFICA: Rui Rodrigues e Simões já se encontram em suas casas, prevendo-se que, em caso dos «encarnados» atingirem a final da «Taça dos Campeões Europeus», os dois jogadores estejam em condições de alinharem em Amesterdão. Entretanto, fala-se na possível renovação do contrato de Ângelo com o clube enquanto e apontando o nome de Fernando Cabrita para a hipótese de José Augusto ir para Coimbra ou ficar um ano exclusivamente como treinador-seleccionador nacional.

TORRES NOVAS: Bilreiro (que já actuou no União de Tomar, Vitória de Guimarães, União de Leiria e na Bélgica) agrediu diversos associados e dirigentes durante um incidente num treino do clube torrejano.

AJAX: prevista uma receita de 5800 contos para o jogo contra o Benfica, no Estádio da Luz.

PORTO: Nóbrega (lesão) e Seninho (afazeres militares) estarão ausentes de Alvalade.

CUF: Capitão-Mor, Rodrigues e Vitor Marques voltaram aos treinos enquanto Eduardo também recupera da operação ao menisco.

BELENENSES: Cardoso treinou mas não foi convocado para a viagem a Faro.

Futricas oportunistas no rasto da Académica

A Académica-Futebol constitui o pretexto, a capa e batina, a máscara que ilude e disfarça, o estudante, a pantomina que diverte e sensibiliza.

O futebol, a capa e o estudante formam, pois, a trilogia de armas utilizadas, no vulgo, por certos indivíduos que, nos fins de semana em que a «Briosa» actua na capital ou nos arredores, operam laboriosamente. Desde a graçola ordinária, passando pela mendicidade descarada e ultrajante, eles tentam cumprir sem falhas as regras seculares da academia.

O seu reportório é ilimitado e os locais de acção variáveis consoante as probabilidades de ludíbrio e de aceitação no ambiente escolhido para o ataque velado. Nas escadas do metropolitano, em pleno Chiado, às portas dos estádios, eles distendem a toda a extensão as capas fraudulentas e mendigam, hipòcritamente, uns patacos. A multidão corresponde, alienada, atirando, sincopadamente, moedas sobre moedas.

Os Bairros Populares, tais como Alfama e Bairro Alto, representam de igual modo, «tugúrios» ideais para as manobras ilícitas destes pseudo coimbrões que, munidos de campainhas trinantes e chocalhos super bovinos, penetram nas noites alfacinhas misturando-se com os pasmados e incautos turistas. Alguns destes sentem (mesmo) um certo orgulho em poderem confraternizar com a «desenrascada» e inconfundível «malta» da rainha do Mondego.

Um maço de cigarros que não se paga «por esquecimento» ou voluntária benevolência do empregado de serviço, uma garrafa de bebida que se furta na confusão. A Academia coimbrã tem que se expressar na sua versão mais marialvista e rocambolesca, não podendo de forma nenhuma ficar mal colocada na capital. Aliás, e estranhamente, esta é uma das facetas estudantis que mais se tenta perpetuar no espírito das gerações vindouras, mesmo quando os actos pertencem a estudantes «de direito e de facto».

Num período em que a mendicidade é punível pela lei, torna-se imoral que, perante os olhos desfocados das multidões, se ultraje uma instituição de indivíduos válidos a nível futebolístico, e nem só. E mesmo quando os resultados competitivos do grupo representativo, neste caso a «Briosa», não são os mais animadores, não será condição necessária que os seus apaniguados (leia-se adeptos) sejam «futricas» de índole mercenária e oportunista.

MANUEL GERALDO

Tostão deixa o cruzeiro por não querer Yustrich como seu treinador

O jogador Wilson Piazza, «capitão» do Cruzeiro, declarou (Belo Horizonte) ao técnico Yustrich, há pouco contratado pela direcção do clube, que a maioria dos jogadores discorda dos métodos, utilizados por ele para dirigir equipas de futebol.

Também recordou os problemas criados pelo técnico com Brito, Oldair, Doval e Zanata (estes dois do Flamengo) entre outros jogadores, razão por que não acreditava que Yustrich possa vir a ter boas relações com os seus companheiros.

O novo técnico disse a Piazza que, com o apoio da direcção do clube, vai impor uma organização na equipa de titulares. A direcção do Cruzeiro assistiu ao diálogo e nada disse, o que significa dar pulso livre ao treinador mais discutido do país.

Tostão, o grande jogador da selecção brasileira no campeonato mundial do México, deu uma entrevista à «Televisão Globo», e declarou não voltar a jogar no Cruzeiro, nem que tenha que abandonar a carreira de jogador de futebol.

Segundo Tostão, a entrada de Yustrich no Cruzeiro foi» o pingo de água no copo cheio» das relações difíceis entre ele e o clube. Tostão firma que o Cruzeiro está a explorar diversos jogadores, sem grandes recompensas. O passe de Tostão está valorizado em quatro milhões de cruzeiros, mas daqui a cinco meses, pela lei do passe, custará metade.

O jogador está decidido e disse que falará com o presidente do clube (Felicio Brandi) em Belo Horizonte.

Banco Borges & Irmão

Índice da cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	17-3-72	24-3-72	Desvio%
GERAL	183,7	183,4	0
METROPOLITANAS	184,4	184,7	+0,2
Bancárias	413,7	421,0	+1,8
Eléctricas	88,8	88,3	−0,6
Industriais	136,5	135,5	−0,7
Diversas	228,7	221,1	−3,3
ULTRAMARINAS	178,9	175,8	−1,7
Angolanas	185,2	181,9	−1,8
Moçambicanas	107,1	105,7	−1,3

ADEGA MESQUITA

Rua Diário de Notícias, 107-109
Telefs. 32 83 07 - 36 20 77

HOJE
SALA RESERVADA
PARA O JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO
DO PESSOAL DA

TERMO-TÉCNICA, L.DA

COMEMORATIVO DO SEU
XXII ANIVERSÁRIO

LICENCIADOS

(EM DIREITO, ECONOMIA, FINANÇAS, ENGENHARIA OU MEDICINA)

Precisam-se, para desempenhar funções de técnicos de administracão (em tempo completo), na Direcção-Geral dos Hospitais. Serão admitidos como estagiários, por um período máximo de 6 meses (remuneração—7 100$00) com acesso posterior a lugar correspondente a técnico de 2.ª classe.

Possibilidade de ingresso em carreira com perspectivas de promoção posteriores.

Resposta, com «curriculum vitae» (indicando a idade e situação militar) ao n.º 536.

EXCURSÕES CP

De comboio, 1.ª classe, e autocarros de grande turismo

PÁSCOA NO MINHO — 2 DIAS em 1 e 2 de Abril

Almoço regional no Porto; alojamento em Ofir (Hotel de 4 estrelas).

* Viana do Castelo, M. Santa Luzia, Barcelos, Caminha, etc.

LISBOA	630$00
Santarém	580$00
Évora/Beja	740$00

PÁSCOA NO ALGARVE — 3 DIAS em 1, 2 e 3 de Abril

Almoço regional em Santa Clara a Velha (Barragem); alojamento em Faro.

* Monchique, Silves, Alte (a segunda aldeia mais portuguesa de Portugal...), Faro, Olhão, Tavira, Monte Gordo, S. Braz, Vilamoura, Albufeira, etc.

LISBOA	870$00
Setúbal	850$00
Santarém	920$00
Tomar/Abrantes	960$00
Coimbra/F. Foz	1010$00

Preços por pessoa (tudo incluído)

Informações e distribuição de programas: Estações de Lisboa-Rossio, Santa Apolónia e Centrais de Lisboa.

Organização: Telef. 367529

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

CAIXA SINDICAL DE PREVIDÊNCIA DOS TIPÓGRAFOS, LITÓGRAFOS E OFÍCIOS CORRELATIVOS

Rua das Taipas, 1
LISBOA 2

COLÓNIAS DE FÉRIAS INFANTIS

Até ao dia 10 de Abril aceitam-se inscrições de filhos de beneficiários, dos 7 aos 10 anos, para frequência de colónias de férias infantis na próxima época balnear.

Lisboa, 23 de Março de 1972

A DIRECÇÃO

S. R.

MINISTÉRIO
DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26.852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia de Castelo, concelho de Sesimbra, de uma linha aérea a 15 kv com 451 m, do apoio n.º 34 da linha mista LII5-10 Azeitão-Sesimbra ao posto de transformação de Carlos de Sousa Farinha.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 17 de Março de 1972.

O Engenheiro Chefe, (a) Guilherme Martins.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 50/72

Faz-se saber que no dia 11 de Abril de 1972, pelas 15,30 horas, terá lugar na 1.ª Repartição - Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, n.º 171 (a Alcântara), o concurso público para a «Concessão da exploração da loja n.º 2 do Bloco 7 do Bairro da Quinta das Pedralvas», com a base de licitação de 1 200$00 mensais. (Processo n.º 32/72/CP/DSTE)

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 18 de Março de 1972.

O PRESIDENTE Fernando Augusto Santos e Castro

COMPRA

A FIRMA ALBERTO HENRIQUES DA SILVA, LD.ª, está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos. Rua do Garrido, 73-A.

televisão

HOJE

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 O caso da semana
13.15 Viver no campo. Filme de série
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Dó lá si
14.25 Hoje pode ver
14.40 Nos bastidores da aventura
14.55 Eurovisão
16.35 Série juvenil «Daniel Boone»
17.50 As flores do mundo
18.45 ...E a vida continua...
19.00 Aniversário do 1.º voo Lisboa-Rio de Janeiro.
19.30 Telejornal - 2.ª edição.
19.40 Dimensão
20.30 Se bem me lembro
21.00 Telejornal
21.30 Eurovisão-Concurso Eurovisão da Canção-1972
23.10 Folhetim «A Mulher vestida de branco»
23.40 Telejornal — últimas notícias
23.50 Fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 O caso da semana
21.00 Filme de série «Viver no Campo»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Sabe...
22.45 Série do Oeste
23.40 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

11.00 Futebol, Guimarães-Cuf.
12.45 Missa de Domingo
13.20 Dia do Senhor
13.45 Série juvenil «Robin dos Bosques»
14.25 Hoje pode ver
14.40 TV Educativa
15.05 Tarde de cinema
16.45 TV Infantil
15.20 Expedição
17.45 Domingo Desportivo — 1.ª edição
18.00 Disneylândia
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Filme infantil «Os Poucetofes»
20.00 Série comédia
20.35 TV 7
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 Série de aventuras «Os Persuasores»
23.05 Fados
23.20 Domingo Desportivos — 2.ª edição
23.40 Telejornal — últimas notícias
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e Dó Lá Si
21.00 Série filmada «Honey Mooners»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Sinfonia
00.00 Fecho

baterias **TUDOR** pilhas

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Águas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o vento era fraco e havia nevoeiro em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	13.º
PENHAS DOUR.	5.º
COIMBRA	12.º
PORTALEGRE	8.º
LISBOA	12.º
FARO	13.º
FUNCHAL	14.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima **19,5.º**

PENHAS DA SAÚDE
Mínima **3.º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13,2.º
Atmosfera 11.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
0.52	3,4 m	7.05	1,3 m
13.31	3,3 m	19.17	1,5 m
Dia 26			
1.49	3,6 m	7.53	1,2 m
14.20	3,5 m	20.02	1,3 m
Dia 27			
2.36	3,7 m	8.31	1,0 m
15.02	3,6 m	20.39	1,1 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado vento fraco possibilidade de aguaceiros e condições favoráveis á formação de nevoeiro.

AMANHÃ

Nascer às **7.32**
Ocaso às **19.54**

Dia 29 Dia 6 Dia 13 Dia 20

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Fimde semana (Cont)
17.05 Fim de semana
18.05 Emissão infantil, por Maria Madalena Patacho
18.35 Música, só música
19.10 Música portuguesa
20.00 Diário sonoro
20.20 Albert Raisner em harmónica
20.30 A palavra e a voz, pelo Rev. Padre Dr Vieira Pires
20.45 Aperitivo musical com a Orquestra Mantovani
21.00 Momento 72
21.30 Conjuntos
21.45 Variedades em discos
22.30 Tempo de jazz, por Raul Calado
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.00 Nova Noite, Nova Luz, pelo Padre José Teodoro Marques da Silva de um dia para o outro (cont)
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Galiano Pinheiro
02.00 Fecho

2.º Programa

15.15 Teatro. «A Apologia das Damas», de Manuel de Figueiredo, numa adaptação de Leopoldo de Araújo
18.00 Música de câmara de Bach
18.50 O maestro Peter Maag, interpreta música de Mozart
20.00 Diário sonoro
20.20 Trechos de óperas - Obras de Catalani, Mascagni, Verdi e Gounod
20.45 Panoramas da História, pelo Dr. João Ameal
21.00 Desdobramento - SAI o MF 2 concerto pelo quarteto da academia de instrumentistas da E.N.
21.16 A pianista Alicia de Larrocha
21.30 Filatélia, pelo Dr. Silva Gama
21.40 A sinfonia através dos tempos sec XX - Alemanha
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

PROGRAMA ESTEREOFONICO - MF

21.00 Música ligeira variada
22.00 Música de bailado, de Stravinsky
22.35 Doze pequenos prelúdios de Bach
22.50 Arias de Mozart para soprano
23.20 Concerto para violino e orquestra, de Schöenberg
23.50 Os Concertos Brandeburgueses de Bach
00.20 As Sinfonias de Mozart, pela Orquestra Filarmónica de Berlim, dir de Karl Böhm
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

16.00 C D.C.
18.00/21.00 «Programa MOVIMENTO»
21.03 Rádio Placard
21.15 Hora Luterana
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Grande Roda
0.02 «P.B.X.»
2.00 A Noite é nossa
6.00 Diário rural
7.00 Talismã

Emissor de Miramar

16.00 C D.C.
18.00 Depois do chá
18.30 Ela e o seu mundo
18.45 Eles e elas
19.00 Noticiário
19.03 Miscelânea
19.20 Robbialac
19.35 Estúdio 64
24.00 «GENERICO»
20.00 Nota de abertura e noticiário
20.10 Norte dia a dia
21.00 Noticiário
21.05 Minuto 5
21.40 O ritmo e a melodia
21.45 Hora luterana
22.00 Noticiário
22.03 Uma vedeta na noite
22.15 O mundo de manhã
22.30 Quando o telefone toca
23.00 Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA

15.01 Ouvindo as estrelas
16.00 Radiorama
18.05 Programa Carruagem
18.20 Nota do dia e boletim litúrgico
18.30 Terço, bênção e missa vespertina da basílica dos Mártires, para comemoração da 1.ª transmisssão do terço feita por Rádio Renascença
19.48 Leitura do programa e boletim do S.C R
19.50 Página 1
20.30 Noticiário/ No final - Continuação do programa «Página 1»
20.58 Meditando
21.02 Grande Prémio
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Bom fim de semana
23.00 A 23.ª hora

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Lopes Rua do Cruzeiro 117 (tel 633288) **Boa Hora** Rua dos Quarteis 25 (tel 637777)

ALFAMA
Arnali Rua das Escolas Gerais, 88-A (tele 863940)

ALTO DO PINA
Zional Rua Morais Soares 56 C (tel 847708)

ALTO DE S. JOÃO
Nova Luz Rua Domingos Jardo 28-A (à Av Afonso III) (tel 843439)

ALVALADE
Alvalade Av da Igreja 18 A (tel 712070) **Neoterápia** Campo Grande 138 (tel. 774682) **Paris**, Rua Reinaldo Ferreira 5-A (ao Pote de Agua) (tel 710131 **Gasparinho**, Rua Dr Gama Barros 54-A (tel 710465) **Ideal** Av Gago Coutinho, 49-A (tel 712803) **Onilda**, Av João XXI, 13 A (te 726848)

ANJOS
S. José Rua dos Anjos 41-A (tel 50730)

AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (tel 724941)

ARROIOS
Oriental de Lisboa, Rua de Arroios, 215 (tel 45079)

AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av João Crisóstomo 44-C (tel 40592) **Miranda**, Campo Pequeno, 36-B (tel 770776), **Cardeira** Av Duque de Avila, 32-C (à esquina da Av da Republica) (tel 43495), **Universal**, Rua Actor Taborda 5 (tel 44158)

BAIRRO ACTORES
Nobel Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (tel 842152)

BAIRRO AMÉRICA
Martins, Rua Fernão Magalhães 33 (tel 849448)

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, Rua Forno do Tijolo 40 (tel 841122)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira Praça das Casas Novas lote 66 (tel 310172)

BAIXA
Centro Farmacêutico, Rua das Portas de Santo Antão 86 (tel 321211) **Unita**, Rua da Vitória 21 (tel 323793)

BENFICA
Benfica Estrada de Benfica 678 E (Tel 702532) **Sousa** Estrada de Benfica, 429 (tel 780027)

CAMPILIDE
Central Rua General Taborda 17 (tel 680304)

CAMPO PEQUENO
Miranda Campo Pequeno 36-B (a Av Sacadura Cabral) (tel 770776)

CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho 232 C (tel 650760) **Portirio**, Rua Francisco Metrass 59 (tel 663349)

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (tel 780181) **Benfica**, Estrada de Benfica 678 (tel 702532)

CONDE REDONDO
Salutar Rua Conde Redondo 9 A (a Gomes Freire) (Tel 533411)

ESTRELA
Paivas e Parente, Rua de Santo António 98 (tel 665196)

LAPA
Silva, Rua S João da Mata 72 (tel 661010)

LUMIAR
Alameda Alameda das Linhas de Torres 201 B (tel 790942) **S. Tomé** Estrada do Desvio lote 12-C (tel 790704)

MARVILA
Marvila Rua Direita de Marvila 25 (tel 381612)

OLIVAIS
S. Paulo Rua Jose Campos lote 823 (à Estrada de Moscavide) Olivais Sul (tel 310711) **Higiene** Rua Cida de Vila Cabral lote 43 (Olivais Sul) (tel 310026)

PICHELEIRA
Marluz Calçada da Picheleira, 140-B (tels 720703-728395)

POÇO DO BISPO **Marvila**
Rua Direita de Marvila 25 (tel 381612)

PONTINHA
Pontinha Estrada de Santo Eloi Lote SE 4 (tel 990220)

QUELUZ
André Av Elias Garcia 151 (tel 950043), **Queluz**, Av Miguel Bombarda 123-A (tel 951841)

SACAVÉM
Soares (tel 2518025)

PALHAVÃ
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata 160 (tel 761035)

PAMPULHA
Pinheiro, Rua Presidente Arriaga 16 (tel 691054)

PICHELEIRA
Luzmar Rua João Nascimento Costa 16-A (tels 728395-720703)

RESTELO
Belém Rua Tristão Vaz 10-A (à encosta do Restelo) (tel 612248)

SANTO AMARO
Dilema, Rua Aliança Operaria, 49-A (tel 636620), **Costa**, Rua dos Lusiadas 30 (tel 636704)

REGO
Partes Mota, Rua da Beneficência 91 (tel 773728)

RESTELO
Ocidental, Rua Jeronimo Osório 18-D (tel 610256), **Tanara**, Rua Rodrigues Reinel 3-A (tel 611814)

SANTO AMARO
Lisbonense, Rua Leão de Oliveira 2-B (tel 637020)

S. BENTO
S. Bento, Rua dos Poais de S Bento 73 (Tel 679673)

S. MAMEDE
S. Mamede, Rua da Escola Politecnica 82-B (Telef 660280)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres Av Luis Bivar, 69 (tel 47213)

SOCORRO
Tavares Rua da Palma 194 (tel 863350)

XABREGAS
Romana Rua Actor Augusto de Melo 7 A (tel 383800)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes Av Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 213953)

CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS
Oeiras L Henrique Paiva Couceiro (tel 2430485)

PAREDE
Macau R. José Elias Garcia, 60-C (Tel 2471785)

S. Pedro do Estoril
S. Pedro (Tel. 263052)

ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque 3 (Tel. 260191)

CASCAIS
Misericórdia R Regimento 19,41 (Tel 280141). **Cascais** R. Conde de Monte Real-Bairro Caixas (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA:
Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Telef. 934589), **Campos**, R. Elias Garcia, 185 (Telef 930072), **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (Telef. 938551)

DAMAIA:
Confiança, Est Militar, Lote D (Telef 9710231)

QUELUZ:
André, Av. Elias Garcia, 151 (Telef 950043), **Queluz**, Av Miguel Bombarda, 123 A (Telef 951841)

CACEM:
Central, R. Elias Garcia, 55 (Telef 2940034)

MEM MARTINS:
Química, Est de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA:
Valentim, (Telef. 980456)

SINTRA
Marrazes, L. Rainha D Amélia, 20 (Telef. 980155)

COLARES:
Colares-Abreja, (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel 234100)

ALHOS VEDROS
Portugal Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

ALMADA
Nuno Álvares Av. D. Nuno Alvares, 39 (Tel. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO
Higiénica R. D. Manuel I 178 (Tel. (2273017)

COVA DA PIEDADE
Imperio R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel 274356)

MOITA
União Moitense Av dr Teófilo Braga (Tel 239025)

MONTIJO
Higiene R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370)

SESIMBRA:
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef 229028)

SETUBAL:
Soromenho, P Machado Santos (Telef. 22691), **Alice**, P. do Quebedo (Telef 23743)

SEIXAL:
Godinho, L da Igreja, 51 (Telef 2218580)

PORTO

SUB-TURNO A

Almeida Cunha, Lda, Rua Formosa, 327; **Pereiró (de)** Rua da Preciosa, 35; **Sampaio**, Rua de Cedofeita, 636; **Saúde**, Av. Comb. G. Guerra, 689; **Vaz Teixeira, Sucra.** Rua do Heroísmo, 56

SUB-TURNO B

Birra, Praça da Liberdade, 125; **Costa Lima**, Av. da Boavista, 855; **Marques de Mendonça**, Rua do Ameal, 251; **Monte Cativo**, Rua do Monte Cativo, 444; **São Jerónimo**, Rua Santos Pousada, 622

COIMBRA

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154 (tel 22961). **Donato**, Rua Ferreira Borges, 2 e 6 (tel 22603), **Rainha Santa** Rua Figueira da Foz, 11-B (tel 24737)

cinemas

POLITEAMA (Tel 326305)
15.15 - 18 15 - 21.45
(Grupo D 18 anos)
5.ª Semana de consagração com Renato Rascel, G. Granata e C. Giuffré «A TRANSPLANTAÇÃO». Hoje às 0,30 Adultos - «AS NOIVAS DA MORTE». Amanhã às 11 horas (6 anos) «A GRANDE PARADA DE WALT DISNEY»

LYZ (Tel. 48560)
14.45 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«O IMORAL» com Ugo Tognazzi e Stefania Sandrelli e «UM BELÍSSIMO NOVEMBRO» com Gina Lollobrigida Às 18,30 «O IMORAL».

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 - 18,15 - 21,30
(Grupo A-6 anos)
«A PATA DOS OVOS DE OURO» uma obra de Walt Disney em technicolor, com Dean Jones

ROYAL (Tel. 885037)
15,00 - 21,00
(Grupo D-18 anos)
«O ESTRANHO JOHN KANE» em Sidney Poitier e «O QUARTO PRIVADO» com Shelley Winters.

TIVOLI (Tel. 50595)
15,00 - 18,15 - 21,30
(Grupo D-18 anos)
«CORAÇÕES IMPACIENTES» com Jason Robards e Katharine Ross.

CONDES (Tel. 322523)
às 14.15-16.30-18.45 e 21.45 h.
Grupo D-(M. 18 anos)
A VIRGEM E O CIGANO Joanna Skninkus - Fianco Nero em 3.ª semana (colorido)

VOX (Tel. 720808)
15,15 - 18,30 - 21,45
(Grupo C - 14 anos)
«O RECADO» com Maria Cabral e José Viana. Às 0,30 (Adultos) «OS DEGRAUS DO TERROR» com Colleen Miller, Rod Taylor e Charles Drake.

CASINO ESTORIL
18,30 - 21,30
(Grupo D - 18 anos)
«CAIU UMA GAROTA NA MINHA SOPA»

AVIZ (Tel. 47173)
15,15 - 18,15 - 21,30
(Grupo B-10 anos) 3.ª Semana. O Western do ano «TRINITA-COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill e Bud Spencer, em Color-Scope

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
14,30 - 16,45 - 19,00 - 21,45
Grupo D (18 anos) (Tecnicolor) 7.ª Semana. «VEJO TUDO NU» com Nino Manfredi e Sylvia Koscina Hoje às 0,30 (Adultos) «COM JEITO VAI GRITANDO»

APOLO 70 (T 763319)
15,00 - 18,15 - 21,30
6.ª Semana
Grupo D (18 anos)
O PASSADO E O PRESENTE uma comédia de Manuel de Oliveira. Hoje às 0,30 (Adultos) «O SEPULTADO VIVO» com Ray Milland Amanhã às 11 horas (6 anos) «O REI DOS URSOS PARDOS» de Walt Disney

LONDRES (Tel. 730579)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
9.ª Semana. Um filme de Andres Cayatte «MORRER DE AMAR» c/ Annie Girardot, Grande prémio do Cinema Francês Cinema - Snack-bar - Pub THE FLAG. Faça 3 coisas num sitio só.

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 18,15 - 21,30
(Grupo D-M. 18 anos)
«O GOLPE» com Jean Paul Belmondo e Omar Sharif, em 3.ª Semana.

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D - 18 anos)
«O CAIXÃO» com Vincent Price e Christopher Lee.

LIDO (Tel. 937593-935834)
15,30 - 21,30
(Grupo B-10 anos)
«TRINITA» - (COWBOY INSOLENTE) com Terence Hill e Bud Spencer.

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
6.ª Semana de êxito.
Grupo C (M 14 anos)
Faye Dunaway, Maurice Ronet e Barbara Parkins na aventura UMA CASA À SOMBRA DAS ARVORES Um filme colorido de René Clément. (Amanhã, às 11 horas-6 anos) «SE O MEU CARRO FALASSE».

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15,15 - 18,30 - 21,30
(Grupo D - 18 anos)
3.ª Semana
«KLUTE» com Jane Fonda e Donald Sutherland em Eastmancolor.

SATÉLITE (Tel. 562632)
15,00 - 17 00 - 19.00 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)10.ª Semana
TEMPOS MODERNOS
O mais moderno filme de todos os tempos. Escrito, produzido e realizado por Charlie Chaplin

ROMA (Tel. 727778)
15,30 - 18,30 - 21,45
Grupo B (10 anos) 3.ª Semana. TRINITA - COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill e Bud Spencer em Color-Scope

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15,00 - 17,00 - 19,00 - 21,45
(Grupo C-14 anos). 3.ª Semana
A FONTE DA VIRGEM. O filme que ganhou o Oscar da Academia Americana e o Globo de oiro de Hollywood

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
Grupo C (4 anos)
6.ª semana
NAO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º

ALVALADE (Tel. 717480)
15,15 - 18,30 - 21,45
(Grupo A-6 anos). 2.ª Semana
AGUA AZUL, MORTE BRANCA em Tecnicolor. Um documentário vivo e autêntico! A caça ao terrível tubarão branco.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
«VIDA NOVA» com Walter Matham e Elaine May em 2.ª Semana de êxito.

S. JORGE (Tel. 54153)
15.15-18.15 e 21.30
M. 18 anos) DUAS MULHERES... UM DESTINO um espectáculo invulgar, com Debbie Reynolds e Shelley Winters. Em 2.ª Semana. Amanhã às 11 horas (Adultos) «ISADORA»

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
(Grupo D-18 anos)
«ORA BOLAS EU AMO-TE» com Peter Kastner e «TONY ROME INVESTIGA» com Frank Sinatra e Jill St. John. (Amanhã às 18,30 - 6 anos) «MARISOL E O BURRINHO SABIO»

bares boites

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Mauricio. Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos Tocam: Liberto Conde e Américo Silva. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Encerra às segundas-feiras. Consumo mínimo: 70$00. **Rua do Norte, 91. Telefs. 30095 e 28713.**

CASEBRE — Cantam: Carlos Barra, Zélia Lopes e Maria Jô-Jô. Tocam: Jorge Fontes e Julio Gomes. Os Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra aos domingos. **R. da Barroca, 133. Telef. 369760.**

ADEGA MESQUITA — Cantam: Fernanda Pinto, Natalina Bizarro e Alcindo Carvalho Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo: 60$00. Encerra ao domingo. **Rua Diário de Noticias, 107. Telef. 328307.**

ARREDA Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda. Elenco: José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam. Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra às 3.as feiras. Consumo mínimo. 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais. **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

SANZALA — Um pouco de Africa em Lisboa. Música constante. Encerra às 03,30 horas. **Av. Marechal Carmona. Telef. 790177.**

TIMPANAS — Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reia, Luis Braga. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros Consumo mínimo: 62$50 (taxas incl.). **Rua Gilberto Rola, 24. Telefs. 676655 e 672431.**

«PORTAS DO SOL» Restaurante-Bar. Almoços e Jantares e serviço de bar permanente. **Rua S. Tomé, 86. ABC, Alfama, Lisboa. Telef. 861633.**

HIPOPOTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) — Conjunto Oliver). **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
20,45 e 23 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

VARIEDADES
20,45 e 23 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

LAURA ALVES
21 45 - 18 anos
«Quem tem medo de Virginia Woolf»

TRINDADE
21 45-18 anos
«A Gaivota»

CAPITÓLIO
20 45 e 23 (18 anos)
«Ora bolas pró pagode!»

VILLARET
21 e 23 (18 anos)
«Tartufo»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
21 00 (14 anos)
«Shango»

JARDIM
21 00 (10 anos)
«Jane Eyre»

ARCO IRIS
21 15 (10 anos)
«Guerreiros em furia»

PROMOTORA
21 00 (18 anos)
«Amores proibidos»

MAYER
21.00 (14 anos)
«3 Degraus para a morte»

UNIVERSAL
21.00 (17 anos)
«No calor da noite»

PARIS
21.30 (14 anos)
«A grande odisseia»

RESTELO
21.30 (10 anos)
«As Sandálias do pescador»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«O provinciano»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«A Amante»

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (18 anos)
«O pássaro de plumas de cristal»

CARCAVELOS
Vitória-Cine
21 00 (10 anos)
«Lua zero dois»

ESTORIL
Casino
18 30 e 21 30 (18 anos)
Caiu uma garota na minha sopa»

Palácio
21.30 (18 anos)
«Caça ao homem»

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«Ódio velho»

LINHA DE SINTRA

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 (18 anos)
«3 homens em fuga»

AMADORA
Lido
21.30 (10 anos)
«Trinitá» -(Cow-Boy insolente»)

Recreios Desportivos
21 15 (10 anos)
«O gladiador de Roma»

QUELUZ
Queluz Cinema
21 15 (18 anos)
«Crime no bosque» e «Por mais alguns dólares»

SINTRA
Carlos Manuel
21 30 (10 anos)
«Os noivos da revolução»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Os veteranos de Tobruk»

BARREIRO
Ginásio
21.00 (18 anos)
«Bananas»

Cine-Barreirense
21.00 (10 anos)
«Maia diplomática para o Cairo»

MONTIJO
Joaquim de Almeida
21.00 (14 anos)
«Voando para o Rio de Janeiro»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Querida Mamã»

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (18 anos)
«A Casa de Bernarda Alba»

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«O Tumulo do pistoleiro e «Ursos na Terra do Fogo»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Ben-Hur»

OLIMPIA
21.30 (17 anos)
«Encontro com a dessonra»

S. JOAO
21.30 (18 anos)
«O Doce corpo do delito»

RIVOLI
21 30 (18 anos)
«Morrer de amar»

TRINDADE
21 30 (18 anos)
«A transplantação»

PASSOS MANUEL
21.00 (18 anos)
«O Passado e o Presente»

ESTUDIO
21.30 (18 anos)
«O Golpe»

BATALHA
21 30 (18 anos)
«O Golpe»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«Golpe de Mestre ao Serviço de Sua Magestade Britânica»

VALE FORMOSO
21 30 (14 anos)
«Entre duas margens»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Jogo na escuridão»

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«A Grande Odisseia».

GIL VICENTE
21.30 (10 anos)
«Tempos modernos»

LEIRIA/cinemas

JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.15 (17 anos)
«O Reino do Buda»

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S A R L
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º2,ºE-4.º
TELEF 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

ESTE INSÓLITO MUNDO

ESTIGMATIZADA

Uma menina negra de 10 anos sangra regularmente das mãos, pés e flancos numa manifestação clássica de estigmas quando já faltam poucos dias para Sexta-Feira Santa, foi hoje revelado por médicos desta cidade.

Os médicos, depois de examinarem Cloretta Robison, uma estudante de trancinhas e olhos grandes de Oakland, na Califórnia, diagnosticaram-lhe provisóriamente sindroma hemorrágico da Páscoa.

Os médicos, enfermeiras e professores que tem observado o fenómeno dizem que a criança sangra das palmas das mãos, das plantas dos pés e do flanco direito, mas sem apresentar quaisquer feridas.

No sentido religioso, os estigmas são o aparecimento numa pessoa viva das feridas de Cristo na crucificação. Segundo a tradição, Cristo foi crucificado na Sexta-Feira Santa, que este ano calha a 31 de Março.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DA SACOR

A pedido do Governo e do Conselho de Administração da Sacor, reuniu-se ontem - sob a presidência do Dr. Azeredo Perdigão - a assembleia geral extraordinária daquela empresa.

Na ordem dos trabalhos figuravam diversas propostas de alterações aos estatutos, alterações essas que visavam não só a actualização de artigos considerados já inadequados, como também a reestruturação da empresa, em termos de permitir aos seus orgãos gestores e aos serviços a maior eficiência de actuação.

Sobre o assunto - e com o propósito de prestarem aos accionistas presentes os esclarecimentos julgados necessários - falou o Prof. Doutor João Lumbralles, presidente do Conselho de Administração, bem como os administradores Dr. Jorge Botelho Moniz e Dr. Vasco Vieira de Almeida.

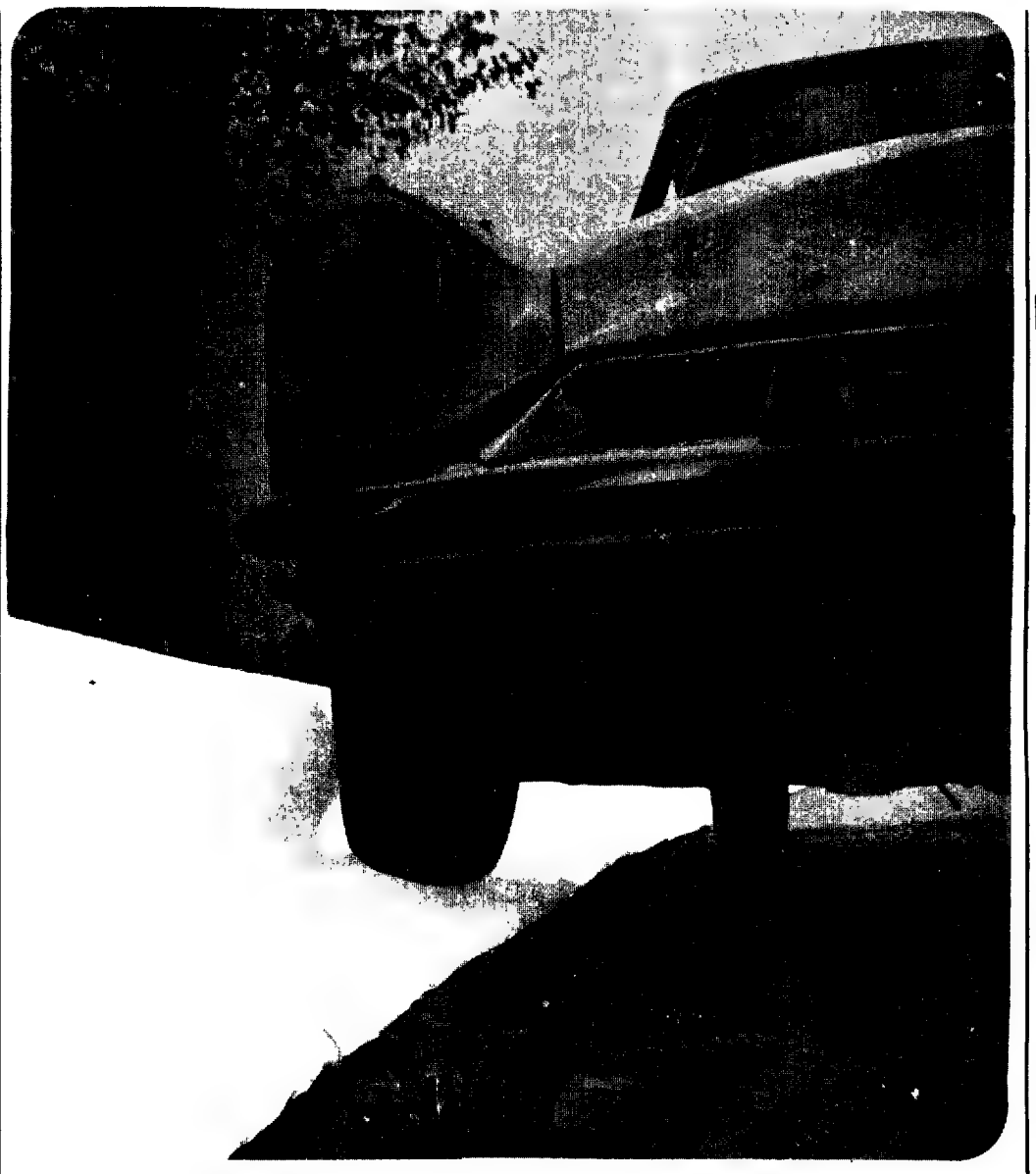
As alterações sugeridas mereceram a áprovação unânime da assembleia.

MEDIDOR-ORÇAMENTISTA

Empresa de construção civil em expansão pretende integrar em grupo dinâmico. Idade até 30 anos. Bom espírito de equipa e iniciativa.

Lugar de grande interesse profissional. Resposta a este jornal ao n.º 537.

ESTANTES METÁLICAS
— POR ENCAIXE — SEM PARAFUSOS — PLASTIFICADAS
— MONTAGEM FACIL E RAPIDA — SEM FERRAMENTAS
— INVULGARES
— SENSACIONAIS
CORTAL
COMÉRCIO METÁLICO DE ÁGUEDA, LDA.
STAND.
Avenida Júlio Dinis, 4-A — Tels. 777344 - 777406 — LISBOA



A protecção Trief é básicamente constituída por um perfil em betão que absorve o impacto da roda do veículo e, nas condições normais, «devolve-o» para a faixa de rodagem.

A "Novobra" apresentou uma nova protecção para estradas

Com a presença de numerosos técnicos ligados á construção e representantes de diversas entidades interessadas nos problemas da segurança rodoviária, a empresa «Materiais Novobra» promoveu ontem á tarde, no Restaurante Espelho de Água, uma reunião para apresentar aos técnicos portugueses o pavimento sinusoidal Trief e a protecção de segurança Trief. Foi convidado para fazer a apresentação deste material e realizar uma breve palestra o sr. Eddy Gauthier, presidente da Societé Internationale de Brévets.

Na primeira parte da sua exposição o conferencista apresentou diversos diapositivos mostrando as variadas aplicações do pavimento Trief, particularmente no que se refere a problemas urbanísticos, arquitectónicos, portuários, militares e industriais, e informou que em todo o mundo atinge já 15.000.000 m» a utilização deste pavimento.

Na segunda parte foi apresentada a Protecção de Segurança Trief, importante contributo para a segurança rodoviária.

O sr. Eddy Gauthier, autoridades nesta matéria, e que se tem dedicado inteiramente ao estudo técnico e prático destes problemas, apresentou depois um filme com demonstrações práticas realizadas a partir de 1960. Automóveis e veículos pesados, lançados a velocidades elevadas contra as protecções Trief, não só permaneciam na estrada como continuavam em condições de rodar normalmente.

COMPRE O SEU
Ford
ESCORT — CORTINA — CAPRI — TRANSIT
EM
J. Mendes Coelho, Lda.
(O CONCESSIONARIO FORD MAIS ANTIGO DE LISBOA)
R. Alexandre Herculano, 6-A
R. Gomes Freire, 5-A / 7-C
TELEF. 53 98 01

DL

Últimas

PIONEIRO-10

PASADENA, 25 (FP) Foi corrigida pela segunda vez a trajectória da sonda americana Pioneiro-10 que se encontrava a caminho de Júpiter a cujas proximidades deve chegar a 3 de Dezembro de 1973. A NASA comunicou que não tenciona voltar a fazer qualquer correcção na trajectória.

Os técnicos do Jet Porpulsion Laboratory accionaram brevemente por telecomando os foguetões direccionais da sonda devendo ela agora passar como estava previsto a 140 000 km do planeta e não 4 000 km mais distante se a manobra de correcção não fosse efectuada.

Por outro lado, Marinar-9 que já enviou 7 000 fotografias do planeta Marte, retomou hoje o estudo do Planeta Vermelho. A 17 de Março os técnicos de Pasadena julgaram que a aparelhagem não estava a funcionar bem. No entanto, não foi detectada qualquer deficiência. Mariner-9 voltou à sua missão anterior.

A trinta do corrente mês Mariner-9 entrara na zona escura do planeta Marte onde se manterá até 4 de Junho. No entanto, com as fotografias até agora tiradas pode já ser reconstituída 85 por cento de superfície marciana.

Lançado em Maio do ano passado, o satélite gira em volta de Marte desde Novembro, encontrando-se a 288 milhões de quilómetros da Terra.

NOVO CASINO ESTORIL
AMANHÃ
«MATINÉE» ÀS 17 HORAS
ELAINE DELMAR
● SEGURA BROTHERS
● VITÓRIA MARIA
● HIGH SOCIETY BALLET
Música para dançar
«Os Mozambeats»
«Nuevos Amigos»
Ferrer Trindade e sua Orquestra
Maiores de 14 anos
PREÇOS
Chá completo 40$00
(taxas e impostos não incluídos)
Ambiente climatizado

SINES
HOTEL HABIMAR
REABRIU PARA SUA EPOCA DE VERÃO
TELEF. 6 21 45

cial
CENTRO DE LINGUAS

O CAMPEONATO EUROPEU DA CANÇÃO

José Niza.

José Calvário.

Richard Hill.

José Calvário, 21 anos, é do Porto; José Niza, 34, é de Lisboa; Richard Hill, 30, é de Glasgow. Os dois primeiros são os autores da «Festa da Vida», que Richard Hill «arranjou» segundo padrões internacionais que deverão fazer sucesso hoje em Edimburgo.

Hoje à noite 18 países disputam em Edimburgo o Campeonato Europeu da Canção. Portugal está presente com a «Festa da Vida», na interpretação de Carlos Mendes. Temos alguma possibilidade de ganhar? O que já se conhece dos demais concorrentes deixa esperanças. Para já, a certeza de que Carlos Mendes está animado e disposto a não dramatizar a sua interpretação. Afinal, trata-se de uma «Festa» e o intérprete deverá ser alegre. (Págs. centrais).

O TEATRO EM ALGÉS COMEÇA NO 1º. ACTO

Os elementos do grupo de Teatro do 1.º Acto, de Algés, preparam-se, à custa de muito trabalho, para levar o «Woyzeck», de Buchner, à cena. O «DL/Show» assistiu a um dos ensaios da peça e foi assim que soube que o que se passa no 1.º Acto tem muito a ver com uma tentativa de fazer um tipo de Teatro para as pessoas perceberem, que atinja mais gente do que o público habitual do clube ou o das estreias de Lisboa. Na página seis se dá conta do nosso encontro-conversa com as pessoas que fazem Teatro em Algés.

A ACTRIZ E O BISPO

Durante anos a piada vingou: «Que disse a actriz ao bispo?» As conclusões variavam, consoante a inspiração quem contava a anedota. Desta vez, porém, não foi piada: a actriz esteve, de facto, com o bispo. Mas o que Zsa Zsa Gabor disse ao dr. Marvyn Stockwood, bispo de Southwork, ninguém soube. O que é bem feito, pois bisbilhotice é muito feia! («SUN»/«DL»)

PÁGINA 16

PAULO JOGA POR FORA

Paulo de Carvalho, por muitos considerado o nosso intérprete «número um», partirá em breve para o estrangeiro. Espanha será, segundo se prevê, a primeira etapa de uma longa estadia lá fora, numa tentativa decisiva para a conquista do mercado internacional. «DL Show» manteve longa conversa com o cantor sobre esse e outros assuntos.

EQUIPA
TEXTOS: Armindo Blanco, Nuno Gomes dos Santos, João Jorge Letria, José Saramago, João Paulo Guerra, Mário Vieira de Carvalho, Luís Salgueiro, Bento Pedro, João Gonçalves, Fernando Correia, Pedro Marques, Jorge Leitão, Ana Maria Lopes, Sveta [illegible]

O "SHOW" DE SÁBADO

ARMINDO BLANCO

A "FEALDADE" DE ZECA AFONSO

De nada sei que indique ser José Afonso um homem desprovido dos indispensáveis dez-réis de lucidez. Mas entre os seus admiradores há os que, igualando-o ao Benfica, acham que o seu santo nome só deve ser evocado em termos rigorosamente inequívocos, que não deixem nesga para qualquer extrapolação duvidosa.

Senta-se à minha frente um Tom Mix daqueles que andam por aí a disparar tiros em todas as direcções. Parece um jovem mas, observado mais em pormenor, logo começam a destacar-se os sombrios traços de uma senilidade precoce. Fala em voz baixa, aparenta certa serenidade, mas está carregado de electricidade, para não dizer de rancor. Assumiu a severa condição de um juiz implacável, vigia e controla tudo, os títulos do jornal, as legendas, as intenções, as fotos, os assuntos. Sente-se responsável pela instauração de uma Ordem Universal de que estivessem excluídas as mulheres bonitas, os dramaturgos de Castelo Branco, os acepipes típicos, a NEUTRALIDADE. Evidentemente, não pode tolerar que...

— ..bem vê, aquela sua legenda em que misturava uma fulaninha com o Zeca Afonso...

Que diabo de legenda era aquela? Ih, já sei. Chegara-me às mãos a foto de uma decorativa criatura escolhida para representar Portugal no Festival de Split, na Jugoslávia. Cabia-me pensar: a estes festivais podiam mandar artistas que nos representassem devidamente, que dessem lá fora a imagem de um País voltado para o que tem de melhor e de mais progressivo. Mas não: escolhe-se uma rapariga que não canta bem nem mal, antes pelo contrário, mais uma entre mil que andam para aí a tentar a sorte no mundo do disco e de cujo reportório ninguém, de repente, poderia citar um só título significativo.

Por que se escolhe esta rapariga e não um Zeca Afonso? A rapariga é bonita, o Zeca Afonso não. Talvez seja esse o motivo. Motivo, evidentemente, que oculta outros: a «fealdade» de Zeca Afonso que mais assusta os seleccionadores festivaleiros não é, está bom de ver, de ordem física. Isto qualquer um deveria entender na legenda em causa, sem que fosse necessário explicar tudo tintim por tintim. Gostaria de não partir do pressuposto de que o leitor é burro e mau entendedor. Sobretudo gostaria de não ter de manipular o leitor, de não lhe oferecer uma visão fechada das coisas.

Mas o pior desta história é que não se trata sequer do leitor em geral, mas de um leitor particular, o que avalia tudo pelas lentes ideológicas. Feita a leitura sumária da legenda, conclui:

— Este sinistro indivíduo podia ter dito que a Fulana era mais bonita do que o Tony de Matos. Estaria a operar em áreas afins. Mas não senhor: acasalou o Zeca Afonso com uma figura do cançonetismo, logo está a atacar o Zeca Afonso.

Posto isto, o cidadão que vos fala está definitivamente fichado, rotulado, classificado. Não há qualquer dúvida: é um reaça da pior espécie, está a fim de promover o nacional-cançonetismo e de denegrir os que tentam livrar-nos da apagada e vil tristeza da musiquinha de consumo.

E há o curriculo, não esqueçamos o curriculo. O reaça em causa DEFENDEU a pornografia, ELOGIOU a Laura, só tem COMPROMISSO com o Vasco Morgado, esse «benfeitor da cultura», como lhe chama o tal Tito Lívio. Que dúvidas restam? Nenhumas. A perspicácia da paróquia matou logo as intenções do cura recém-chegado.

Propõe-se uma subscrição pública, no jornal das ditas, para que o inquietante «cavaleiro blanco» (sic) seja devolvido aos trónicos por onde andou. Nesta comarca não se toleram «combatentes de causas perdidas», capazes até de irem ao antro da Natália Correia, na Graça, comer um bife ao molho Madeira. Por isso se organizaram as expedições punitivas, traduzidas em vasta cópia de artigos, artiguetes e até num «hai-kai» do Fernando Arroio, espécie de Millor Fernandes saloio. Já me esquecia: no «Notícias da Amadora» não faltou quem me comparasse à Vera Lagoa.

Não é fácil brincar de Tolentino nos dias que correm. Nada fácil. Advertia-me um amigo, muito angustiado com as situações-limite:

— Cautela. Não responda. Vão devorar-lhe a carne e os ossos. Eles são poucos, mas estão infiltrados por toda a parte e atacam em matilha.

Já andei por serras onde soava, lúgubre, o uivo do lobo, e nem por isso me trancafiei em casa. Há lobos por aí? Pois vamos lá ver-lhe a dentuça. Só que, a esta altura, os que me saltaram ao caminho parecem-me lobos de papel. Terrìvelmente ridículos, confundindo as presas, arremetendo às cegas. Juízes de réus a quem atribuem culpas que só existem na sua imaginação, como aquele jovem senil que não entende as legendas, não entende o jogo aberto das comparações, não avança para além dos dogmas que o isolaram num círculo sem horizontes.

Aprendam a ler, meninos, aprendam a ler.

JESUS CHEGA A PARIS

Jesus chega da América. O mês passado: «Godspell»; no próximo mês: «Jesus Christ Superstar». O acontecimento ultrapassa as rubricas habituais. Através dos «shows» e para além deles, esboça-se um grande fenómeno sociológico, cujo desenvolvimento observei com interesse no decurso de uma viagem aos Estados Unidos.

De longe — da Europa — confundem-se um pouco as coisas. Superproduções teatrais e excentricidades dos «loucos de Deus», «Jesus trip» e «movimento de Jesus»: tudo isso é posto no mesmo cesto, com um encolher de ombros desdenhoso que deplora, uma vez mais, a ingenuidade e vulgaridade americanas. Convém distinguir: «Jesus Christ Superstar» é precisamente o contrário de «Godspell»: em lugar do duplo conformismo evangélico e «hippie», uma tentativa de interpretação existencialista de Jesus, e este contraste deixa entrever dois aspectos do «Jesus Movement»: evasão e renovação.

Os «freaks» cujas fotografias vimos nas revistas — faces exaltadas, baptismos colectivos — são os sucessores dos homens do Pentecostes e dos fundamentalistas de ontem. Tomam à letra cada uma das frases da Bíblia, esperam um fim do mundo próximo e dirigem-se directamente a Deus. Frequentemente, fizeram primeiro um outro «trip»: o da droga. Outros jovens fazem menos ruído: são filhos de famílias das classes médias, que não participaram nas perturbações estudantis e não revelaram qualquer tendência para a evasão. Sob o padroado de Jesus, reunem-se a uma parte da sua geração de que se sentiam outrora separados. O que existe de comum nuns e noutros é a idade, um certo desinteresse pelos bens materiais e uma desconfiança relativamente às instituições. É possível, segundo a sua tendência, classificar o conjunto do movimento na categoria da contra-cultura ou de um neo-cristianismo. «Jesus Christ Superstar» situa-se na fronteira dos dois mundos.

JUDAS

Vê-se Jesus, no princípio, descer de um cibório gigante e, no fim, subir ao céu numa escada rolante dissimulada sob um manto (este aparato maravilhoso pertence à tradição cristã e não há motivo para nos sentirmos escandalizados com o facto: as multidões da Idade Média teriam sido entusiasmadas por estes artifícios). Mas, entre a incarnação e a ascensão, é uma personagem muito humana que nos é apresentada — a qual assume o seu sexo, experimenta por vezes a fadiga e a dúvida e se sente irritada com certas adorações. Eis-nos longe das convenções que nos mostraram sucessivamente um Jesus perfeito, eterno, castrado e um Jesus político, simples chefe de partido.

De Paris escreve
ALFRED FABRE LUCE
«Le Monde»/«DL»

A própria estrutura da peça é significativa. Maria e Pedro só desempenham nela pequenos papeis. É Judas (ligado a Jesus por uma relação amor-ódio bastante perturbadora) que constitui, com ele, a personagem principal.

Rice, o autor do libreto, não se contentou em estabelecer uma oposição sumária entre o bem e o mal. A relação destes dois polos apareceu-lhe na sua complexidade. Judas, no princípio, pretendeu fazer bem, e no fim protesta: **«Foi utilizado»**. E mesmo: **«Fui assassinado por vós.»**

E faz esta crítica a Jesus: **«Começais a ter mais importância do que as coisas que dizeis»**. Como muitos outros depois dele, a ideia que faz do Evangelho é uma simples compilação de bons preceitos e censura Jesus por se desviar para o culto da personalidade. É confundir dois níveis. Sob o ponto de vista político, vemos no Evangelho Jesus «recusar a realeza» que os seus discípulos lhe propõem e retirar-se para o deserto para melhor ponderar sobre esta recusa. Sob o ponto de vista moral, Jesus é defendido da acusação por uma transparência ao divino (que alguns chamam **«pureza antropológica»**). Não a reconhecendo, Judas convence-se de que deve resistir e começa a deslizar pelo declive fatal. Mas mais não faz do que permitir que Jesus cumpra a sua missão. Esta tragédia de Judas já inspirou diversos autores, os quais, porém, não dispunham dos mesmos recursos.

TEOLOGIA

Talvez cause espanto o facto de uma produção de «music-hall» ser considerada dum ponto de vista quase teológico. Esta produção não pretende ser algo mais do que realmente é, e o seu próprio título antecipa-se às objecções que se pudesse fazer-lhe. Porém, um dos caracteres essenciais da nossa época é a tendência para apagar a distinção dos géneros. Jesus, hoje em dia, continua presente nas igrejas para fiéis prèviamente condicionados. Mas está também presente nos espectáculos (que são como que cerimónias de um género particular) para homens que, doutro modo, nunca teriam acedido a ele. Em Nova Iorque, desde há alguns meses, ouve-se frequentemente esta afirmação: **«Foi a primeira vez que pensei em Jesus como numa pessoa real»**. Os missionários começavam a suscitar desconfiança. Homens do teatro vêm rendê-los. A sua empresa reveste-se de riscos e possibilidades. Para já, começa a manifestar-se um fenómeno interessante: as antigas segregações foram ultrapassadas. É um actor negro que desempenha o papel de Jesus.

Quem é finalmente o Jesus de «Superstar»? Um homem ou um deus? São possíveis duas respostas, dado que em Nova Iorque alguns «Jesus freaks» distribuiram panfletos na sala acusando o «show» de não respeitar a divindade de Cristo, enquanto que uma sondagem levada a efeito nessa mesma noite entre os espectadores revelava que «Superstar» não lhes parecia de modo algum anti-religioso. Uma canção de Maria Madalena, que contribuiu em larga medida para o sucesso do «show», deu origem a alguns mal-entendidos: *«He's a man, he's just a man»* Maria Madalena não faz mais do que manifestar o seu espanto perante esta personagem indefinível que lhe surge como um homem, mas que ela sente ser algo mais, e que não **«sabe como amar»**. Partir de Deus para encontrar o homem, ou do homem para encontrar Deus: é a eterna oscilação da dialéctica cristã. A nossa época tende a acentuar o segundo movimento, e «Jesus Christ Superstar» reflecte esta tendência.

OS «FREAKS»

Diz-se frequentemente que, para os «freaks», Jesus não passa de mais uma droga e os espectáculos cristãos outros tantos «shows». O milagre é que, a despeito destas ideologias (ou melhor: estes contágios), se assinala uma verdadeira diferença. Os homens que recorrem a Jesus têm relutância em destruir-se a si próprios, desconfiando simultâneamente da riqueza e da violência. O seu modelo guarda-os à beira dos abismos. Por muito diferentes que sejam dele pela sua estreiteza de espírito, os homens de Jesus não podem deixar de se lhe assemelhar um pouco. Uma incógnita introduz-se na história americana por esse meio. É possível que os próprios «freaks» passem amanhã do milenarismo à luta pela defesa do meio ambiente e à reforma da sociedade americana, quando compreenderem que também isso faz parte da «salvação» pessoal que Jesus espera deles.

INTERROGAÇÃO

Há dois anos, ao observar na Califórnia os primeiros indícios do movimento de Jesus, eu dizia a mim próprio: **«Em breve chegará até nós!»** Uma moda entre outras importadas da América? Mais do que isso. O Novo Testamento acaba de ressuscitar. A sua representação figurativa parecia esgotada. Já não se ousava mesmo fazê-la intervir nos edifícios do culto. E eis que surge de novo no teatro, sob formas que se gastarão por sua vez, mas serão depois seguidas de outras formas através dos séculos.

Este esforço de indagação fragmentar-se-à numa multiplicidade de seitas ou será integrado (alguns dirão: recuperado) numa Igreja plenamente merecedora, enfim, do nome de católica? É uma das grandes interrogações do nosso tempo.

NAVALTEC

Este é um barco familiar de passeio NAVALTEC — R. 400 — como se vê pela forma e assentos, que tantos felizes possuidores conhecem.

Estavam assim revoltas as águas da Barragem de Belver-Mação, no passado Sábado e Domingo, onde D. Conceição Ramada obteve o

1.º lugar na classe de Turismo E

É com barcos NAVALTEC, maravilhosos mesmo em águas picadas, que são seguros, andam bem e econòmicamente, que V. deve gozar seus fins-de-semana e suas férias.

Reserve já.

Barcos desde 3,60 m até 5,90 m, inclusive cabinados.

NAVALTEC

SOC. TÉCNICA DE BARCOS E MOTORES, LDA.

RUA MANUEL JOSÉ GOMES, 129
COVA DA PIEDADE — ALMADA
TELEG. NAVALTEC — TELEF. 27 34 94 / 2 76 44 04

AUXILIAR DE ENFERMAGEM

Admite

Hospital da Misericórdia — ÓBIDOS

O SEU ESCRITÓRIO É UMA MÁQUINA

Todas as peças do seu escritório têm uma função.
E essa função só se cumpre se elas estiverem no seu devido lugar.
Se não as colocar, cuidadosamente, no lugar que lhes compete,
a máquina avaria-se.
O seu escritório é uma máquina.
As peças que o compõem exigem uma colocação cuidadosa.
Elas não funcionam em qualquer lugar.
A SINIA construiu, na Av. Infante Santo,
um grande bloco para escritórios pensando nisto.
Todas as peças do seu escritório lá estarão no local exacto.
Funcionarão melhor. Renderão mais.
Em matéria de escritórios,
saber escolher o lugar é começar a lucrar.

EDIFICIOS INFANTE SANTO
SECÇÃO DE VENDAS: Lisboa: — Av. António Augusto de Aguiar, 148-8.
Telefone: 55 64 85

ATENDE NO LOCAL: Av. Infante Santo, 17

Dias úteis das 10.00 às 13.00
e das 15.00 às 19.00 horas.
Domingos das 14.00 às 20.00 horas.

SONARTE-SIN-E1

um empreendimento

Sínia

PATXI ANDION trabalha em Lisboa

«Não se pode pedir a um médico que opere de graça. O mesmo se passa com os cantores»

Natural do País Basco a cujos problemas sociais e económicos se encontra intimamente ligado como cantor e como homem, Patxi Andion, está neste momento a obter assinalável sucesso em Espanha e em Portugal com o seu segundo LP, intitulado «Once Canciones Entre Parentesis». Entusiasmados com a grande aceitação do disco no mercado nacional os responsáveis do programa da RTP «Pop 25» convidam-no para actuar em Portugal. Patxi aceita o convite.

REGRESSO

«Não é a primeira vez que venho cantar a Portugal. Há cerca de três anos estive cá no Zip e estive posteriormente para realizar uma série de recitais no teatro Villaret, que, motivos imprevistos tornaram de todo impossível. Agora cá estou outra vez com dois objectivos: gravar um programa para a Televisão e conhecer uma rapariga portuguesa chamada Tonicha pois fui convidado para escrever algumas canções para ela».

Recebemos a segunda parte da notícia com alguma estranheza. Não esperávamos ver Ptaxi a compor para Tonicha. Não que a intérprete não justifique as suas canções, mas, à partida, sempre se põem certas reservas. Patxi porém não retarda o esclarecimento.

«Tenho em Portugal um grande amigo que dirige a etiqueta Movieplay e que me pediu para eu fazer duas canções para a intérprete. Considero fundamental conhecer as pessoas para quem faço canções a maneira como pensam e como sentem as coisas. Só nesses termos aceito um convite para compor, venha ele de quem vier. É também por isso que estou em Portugal: para conhecer Tonicha.»

SUCESSO

Travámos conhecimento com Patxi quando da sua primeira viagem a Portugal, há cerca de três anos. Tinhamos ainda presente o seu rosto duro a sua voz áspera e expressiva: imagens vivas dum cantor cheio de força. Isso bastou para que o seu sucesso, a nível ibérico, neste momento não nos tivesse chegado a surpreender:

«Não esperava nada que o disco pegasse tão ràpidamente. Só em Espanha até agora vendi trinta mil exemplares do meu LP ocupo o sexto lugar no Top nacional no capítulo dos Lps.

Este é o meu segundo trabalho em 33 r. p. m.. O primeiro chamava-se «Retratos» e também foi distribuído em Portugal. Actualmente estou a preparar um novo LP que se chamará «Pueblo». Até agora trabalhei com Rafael Ferro um excelente director musical que além de bom orquestrador é um excepcional pianista de «jazz», um dos melhores que temos em Espanha..

Patxi terminou há cerca de uma semana o serviço militar que, em Espanha, tem a duração de catorze meses. Apesar de estar livre, neste momento não deixa que a sua actividade intelectual se circunscreva à música.

«Brevemente vai ser lançado no mercado espanhol um livro que se chama «Morgonautas». Trata-se duma longa colecção de relatos escritos ao longo de dois anos e que acho muito importante que as pessoas leiam, apesar de ser discutível a sua qualidade literária. Dentro de um ano aproximadamente penso publicar um livro de poemas chamado «Vinte Poemas de Solidão». Para mim a literatura é muito importante. É uma das principais parcelas da minha vida. A música no entanto continua a ser o mais importante, pois é nela que me defino plenamente. Através dela consigo dizer tudo o que doutro modo é difícil de fazer.

Patxi Andion: sinceridade e eficácia

OFÍCIO

Para Patxi a música será doravante, para além dum importante meio de comunicar com as pessoas, um verdadeiro ofício, no qual tudo será pensado e estudado exaustivamente.

«Agora que terminei o serviço militar, vou começar a actuar fora de Espanha. Não tenho, por várias razões, actuado muito no meu país: o tempo era pouco e eram grandes as dificuldades postas pela censura. Mesmo assim consegui cantar há pouco tempo na televisão num programa chamado «Estudio Abierto». Há pouco mais de uma semana fiz um recital em Sevilha. Estavam lá centenas de pessoas que me escutaram com atenção, durante uma hora e quarenta e cinco minutos. Quando deixar Portugal vou realizar uma série de cinco recitais no Teatro da Comédia» em Madrid. Apesar das dificuldades com a censura e do hábito que as pessoas infelizmente continuam a ter de ouvir canções com má qualidade, já é perfeitamente possível ser profissional em Espanha sem morrer de fome por se querer fazer da música um verdadeiro ofício.»

Apesar da visível dificuldade que tem em falar português, o cantor apresenta os seus pontos de vista com grande clareza:

«Entretanto que para se fazer música ou outra coisa qualquer em termos aceitáveis é necessário ser-se profissional, de espirito e de facto. As pessoas precisam de estar ocupadas inteiramente pelo trabalho se querem que ele resulte. Por isso eu trabalho neste momento quase quinze horas por dia: disso depende a evolução que eu sinto que se dá na minha música desde o meu ultimo LP. Admito até, com certo à vontade, a hipótese de ser lançado em países de lingua francesa. Comecei até a fazer versões em francês de algumas canções».

O QUE É JUSTO

Patxi que é uma pessoa simples e clara no modo de se exprimir, não tem trunfos escondidos. As suas palavras são um misto de franqueza e confiança. Mesmo quando afloramos a delicada questão do dinheiro e dos seus efeitos sobre o cantor, não há reservas nem respostas esquivas. Patxi faz jogo limpo.

«Continuo a cantar para grupos universitários, em clubes e salas de estudantes. De qualquer modo, faço sempre um preço para aquilo que canto. Do mesmo modo que não se exige a um médico que opere de graça, também não pode pedir-se a um cantor que cante apenas pelo prazer de cantar. A canção, desde que feita conscienciosamente, representa muito trabalho, muitas horas de esforço. Não é por isso justo exigir esse tipo de sacrificio da parte do cantor.

Quando faço um disco nunca faço exigências especiais. Os produtores gostam de trabalhar comigo porque não sou dificil: não peço demasiado, gosto apenas das coisas como devem ser. A única coisa que exijo é que o meu trabalho seja justamente renumerado. Acho que é o mínimo que posso fazer. Esta é a única forma de ser profissional em Espanha ou em qualquer outro país. Gravar é uma coisa e ser responsável a todos os níveis pela música que se faz e se canta é outra, muito diferente. Eu tento conciliar as duas coisas. Não é pedindo dinheiro por cantar que o artista perde força. Ele só a perde se se deixar manipular por ele. Mas isso é outra questão.»

REORGANIZAÇÃO

Atento ao que se passa à sua volta, música e fora dela, Patxi, que é inimigo das palavras vagas, traça o perfil da canção espanhola neste momento. Abrangidos nas suas considerações estão nomes conhecidos do público português:

«A canção em Espanha atravessa um importante momento de reorganização. As pessoas tentam definir posições, descobrir a forma certa para dizer certas coisas. O que se sente, porém, de maneira bastante activa é a falta de unidade ideológica por parte daqueles que estão empenhados no movimento. O que aliás até se compreende em face das dificuldades que constantemente são postas às pessoas quando querem cantar.

Manolo Diaz é essencialmente um produtor: a sua carreira musical está pràticamente interrompida. Serrat, por outro lado, tem o dinheiro que quer, tem uma casa excelente e dois automóveis, já não precisa portanto de se preocupar com muita coisa. Paco Ibañez continua a ser importante mas está em França e não tem grandes hipóteses de regressar. É pena.

Um nome que me parece interessante é o de Mari Trini.

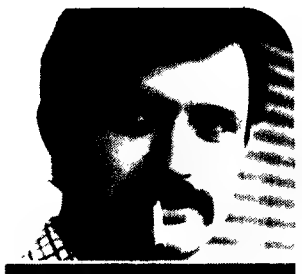
Mas há também os cantores da Catalunha, que, por razões de ordem politica e linguística, têm no âmbito da música espanhola um estatuto próprio:

«Os cantores da Catalunha estão afastados de nós muito mais pelo idioma do que pela politica. Alguns, há, até, que se servem disso para justificar certas fraquezas musicais. É, mesmo assim, importante o nome de Maria del Mar Bonet. A sua música cantada em maiorquino que é muito dificil de perceber resultou, porque, ela canta muito bem. E isso também é importante.»

JOSÉ JORGE LETRIA

Indiscutivelmente o melhor!
Cruzeiro ao Mediterrâneo
5 Países 1 só Hotel
PAQUETE ORIANA
42.000 TONELADAS
VISITANDO:
ESPANHA * GRÉCIA
JUGOSLÁVIA
TURQUIA
ITÁLIA E
GIBRALTAR
Preços desde 12.970$00
De Lisboa a Lisboa
Descontos Especiais
De 23 de Agosto a 6 de Setembro de 1972 (15 DIAS)
Organizado em colaboração com a P&O
A maior e mais poderosa companhia marítima do mundo
Nome
Morada
Reservas e informações:
ABREU
Av. da Liberdade, 160 - Tel. 30055
EUROPEIA
Av. da Liberdade, 233 - Tel. 536121
JAMES RAWES & Co LDA
R. Bernardino Costa, 47 - Tel. 370231
STAR
Av. Sidónio Pais, 4 A - Tel. 539871
É de toda a conveniência a brevidade de inscrições pois estas são limitadas

UM RECADO PARA Leandro Tocatins



Escreve LAURO ANTÓNIO

Adido cultural da Embaixada Brasileira em Portugal

Muito se tem falado em «Comunidade Luso-Brasileira» e muito pouco se tem feito, efectivamente. Entre o que **realmente** aconteceu entre os dois países estão um Festival de Cinema Brasileiro, realizado no passado ano nos cinemas Império e Estúdio e uma Retrospectiva do Cinema Brasileiro recentemente terminada e que decorreu na pequena sala do Palácio Foz. Em ambas as iniciativas esteve a presença do dr. Leandro Tocantins, adido Cultural da Embaixada Brasileira em Portugal. Para além, portanto, de todas as ressalvas que se possam formular em relação a esses empreendimentos a verdade é que Leandro Tocantins é, para já, o homem que revelou, no nosso país, o cinema brasileiro. Por isso lhe estamos gratos. Sinceramente.

Acontece, porém, que o conhecimento do Brasil, do seu cinema, do seu povo não se pode confinar aos olhos de meio dúzia de afortunados que tiveram a subida honra de poder assistir a **Macunaima, Azyllo Muito Louco, A Grande Cidade, A Falecida, Sinhá Moça** ou **Ganga Bruta** na sala da Cinemateca. Portugal não é Lisboa e Lisboa, ela própria, a cidade das sete colinas, não se pode limitar aos quinhentos lugares que o cinema do Palácio Foz oferece. O cinema brasileiro merece ser conhecido de um público muito mais vasto, merece ser visto e revisto por todos aqueles que se interessam profundamente pelo cinema como fenómeno artístico e cultural de repercursões inusitadas. «Ver» Macunaíma ou **Azyllo Muito Louco** não equivale a assistir a uma exibição fortuíta. É necessário estudar as obras em questão, penetrar no seu significado íntimo, analisar a sua construção, aquilatar das contribuições que elas trazem para a história da cinematografia mundial. Tudo isso necessita ponderação, visões frequentes, estudo...

Aqui entra o recado: porque não cria a Embaixada Brasileira em Lisboa uma Cinemateca própria onde possam ser requisitados por Cineclubes, associações culturais ou recreativas, etc., alguns dos filmes esseciais da história da cinematografia brasileira? Para já, por exemplo, por que não ficam em Portugal, durante um ano ou dois, os onze filmes que constituíram a presente Retrospectiva? Cremos que o investimento de capital que tal Cinemateca representaria, seria amplamente coberto pelo conhecimento do Brasil e do seu povo que essas obras ofereceriam ao público português. Um conhecimento autêntico e não meramente «folclórico»... Um contacto genuíno e não a mentira «celofanizada» de comerciantes do celulóide como Jean Manzon. Portugal necessita de conhecer «o seu irmão Brasil». Eis uma frase gasta pelo uso e pouco significativa do que quer que seja. Mas, a verdade é que ela corresponde a uma necessidade autêntica. As necessidades autênticas só se mitigam à base de autênticas soluções. Essa cinemateca poderia ser um princípio. Aqui fica a sugestão.

CINEMA NO MUNDO

Baseado numa obra de Henry Seymour, vai ser rodado em Londres um filme com o título «Infernal Idol», de que será protagonista Jack Palance.

Glenda Jackson, popularizada pela série «Isabel de Inglaterra», que a Radiotelevisão Portuguesa transmitiu há pouco tempo, será a protagonista do filme «Triple Echo», que o realizador Michel Apted vai rodar em breve.

«La Plus Longue des Pentes» é o título de uma produção franco-italo-mexicana, a realizar por Alain Queff Alain com Jean-Paul Belmondo no protagonista.

Paul Fix vai comemorar o seu cinquentenário como actor com um dos principais papéis no filme de ficção científica «Rabbits».

Foi estreada em Madrid uma película do realizador J. A. Nieves Conde, «História de uma Traição», em cuja ficha artística figuram Marisa Mell, Sylva Koscina, Fernando Rey, Stephen Boyd, Massimo Serato e Howard Ross, entre outros. É uma produção de José Frade com argumento de Juan Alonso Millan e Miguel Lamet.

Durante a sua primeira semana, o filme norte-americano «The Godfather», com Marlon Brando, rendeu 465.148 dólares (mais de 12.500 contos) recorde absoluto das receitas conseguidas por qualquer filme numa só semana, informa a Paramount Pictures.

Faça render as suas economias

Os juros dos depósitos estão isentos de quaisquer impostos nos termos da lei. O Estado assegura a restituição de todos os depósitos efectuados na Caixa, mesmo em casos fortuitos ou de força maior.

TAXAS DE JURO

Depósitos à ordem
(pessoas individuais)

Até 50 contos	3 % ao ano
No excedente a 50 contos	1,5 % ao ano

Depósitos a prazo
(entidades privadas)
Importâncias múltiplas de 1.000$00
com o mínimo de 10.000$00

6 meses, renovável	4,75 % ao ano
1 ano, renovável	5,25 % ao ano
15 meses, renovável	5,75 % ao ano

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

informações em qualquer dependência da Caixa

TEATRO AMADOR

O TEATRO EM ALGÉS VAI NO 1.º ACTO

EM FORÇA PARA CONTINUAR

O Grupo de Teatro do Clube 1.º Acto, de Algés ensaia presentemente, a peça «Woyzeck», de Büchner. Os ensaios decorrem com entusiasmo, embora não se possa dizer que esse entusiasmo resulte, apenas, da espontaneidade de fazer Teatro. Trata-se de um entusiasmo procurado, necessário, segundo nos disse um dos elementos do grupo, para a continuação do trabalho.

DA DISCUSSÃO...

«Sempre foram importantes os estímulos», diz-nos a **Madalena**, no fim do ensaio que o grupo foi fazer ao Ginásio Clube de Caselas e ao qual alguns jovens, «chamados» por algo de desusado que se passava no salão dessa colectividade, assistiram.

«E não só para os amadores», continua a nossa interlocutora. **«O que nós estamos a fazer, para já, é estudar o «Woyzech». Este trabalho, este tipo de ensaios, nos quais representamos partes da peça, são o estímulo que nos faltava, que faltava a todos os elementos do grupo. Trabalhamos há muito tempo e temos tido imensas interrupções, exactamente por falta de estímulo. Com ensaios deste tipo as pessoas vêem que se está a fazer alguma coisa.»**

Os jovens presentes, por acaso, no ensaio, mantiveram (alguma) discussão com os elementos do grupo, no fim do trabalho desse dia. Referindo-se à sua presença, disse, ainda, a Madalena:

«Não resultou muito a conversa que mantivémos com eles no fim do ensaio, mas a sua presença foi importante para as pessoas que trabalham na peça.»

Uma peça, aliás, difícil. Pelo menos é esta a opinião do ensaiador do grupo, o **Carlos Nery**.

«Esta peça é de bastante dificuldade, cenas todas muito curtas que não dão apoio à representação.»

PROCURA

«Estamos à procura», continua Carlos Nery, **«de uma linha de encenação. Para isso vamos representando as cenas, curtas, como já disse, e procuramos corrigir e aperfeiçoar a encenação da peça através dessa representação.»**

«Um Teatro que seja perceptível»

E quanto à presença de alguém de fora que possa, eventualmente dar uma achega?

«É muito útil. A presença dos jovens que entraram, hoje, pela porta aberta da sala do Ginásio de Caselas foi útil, bem como a discussão que travaram connosco no fim do ensaio.»

Em busca, portanto, do Teatro perceptível. Será isso a mesma coisa que Teatro Popular?

«Queremos fazer um Teatro que possa ser compreendido pelas pessoas. Não nos interessa chegar, apenas, ao público habitual do 1.º Acto e das estreias dos teatros de Lisboa. É por isso que digo que a tentativa de hoje foi bem sucedida: os jovens que viram o nosso ensaio reagiram bem à representação, embora se tenham «fechado em copas» quando lhes fomos perguntar o que pensavam daquilo que tinham visto.»

Trabalha-se, no 1.º Acto. Durante muito tempo proliferaram as discussões, mais ou menos estéreis, que não conduziram a nada ou, se preferirem, levaram, por mais de uma vez, segundo nos informaram, à interrupção dos trabalhos, com as inevitáveis saídas de alguns elementos e a terrível perda de tempo que estas coisas sempre acarretam.

«Acho que as discussões do tipo das que levam as pessoas a desistir de fazer as poucas coisas que ainda podem tentar são extremamente infecundas. Vale sempre mais a pena não desistir.»

Era, ainda, o Carlos Nery. E um aviso que não serve só para o Teatro (amador ou não). Cruzar os braços é muito mais fácil, na verdade. Descruzá-los é que custa. Construir? Apesar de...? Pois claro! Parar é morrer e, em certos sectores, já faltou mais... Mas adiante.

COMUNICAÇÃO (AINDA)

«Achei giro. Valeu a pena ter entrado», dizia-nos a Paula, que, por acaso, assistiu ao ensaio-representação de algumas cenas do «Woyzeck».

«Gostei» — é o Manuel Lança, outro dos assistentes de ocasião, que fala. **«Tem partes muito giras e parece-me que este tipo de ensaios resulta.»**

Outros houve que não disseram nada. Estavam ali por acaso, sem saberem que a sua presença tinha sido importante para o grupo. Comunicação, a tal palavra estafada que anda na boca de tanta gente (e que só está estafada porque tem sido inúmeras vezes utilizada sem sentido) era coisa que não tinha passado pela cabeça de alguns dos **espectadores de passagem»**.

O **Jorge**, que faz Teatro pela primeira vez e acha a experiência muito importante, fala, também, de comunicação. Assim:

«A minha ideia do que é fazer Teatro está muito ligada a uma necessidade fundamental, que é comunicar, exprimir algo, talvez contribuir para endireitar qualquer coisa. «Pessoalmente interessa-me a experiência»

Era tudo. O grupo do 1.º Acto tinha acabado o ensaio já há muito e os seus elementos preparavam-se para regressar a casa, que o trabalho no dia seguinte, não perdoava. À nossa frente o Jorge, que nos tinha dito que Teatro, para ele, era, talvez, uma contribuição **«para endireitar qualquer coisa»**, o mesmo Jorge que não se esqueceu de acrescentar, depois um **«se possível»**. Fez bem.

N.G.S.

«Precisamos de estímulos»

«Para endireitar alguma coisa, se possível»

BILHETES DE «FIM-DE-SEMANA»

A C. P. informa que, na semana da Páscoa, os bilhetes de **«Fim-de-Semana»** são válidos, para início da viagem **de Ida,** desde as 17-00 horas do dia 29, (quarta-feira), até às 12-00 horas do dia 2 de Abril (domingo), e, para início da viagem de **Regresso,** desde as 12-00 de domingo (dia 2 de Abril) até às 24 horas de terça-feira (dia 4).

EXTERNATOS

São Vicente — Rua do Paraíso, 28 — Tel. 86 59 04

Marquês de Pombal — Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Tel. 82 02 21

Álvares Cabral — Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica) — Tel. 70 69 74

LICEAL — PREPARATÓRIO — COMERCIAL — INSTITUTOS

OLFIBA

ÓLEO DE FÍGADO DE BACALHAU EM CÁPSULAS

FÁCIL DE TOMAR

SUPLEMENTO ALIMENTAR DESTINADO A FORNECER A QUANTIDADE DE VITAMINAS A E D ESSENCIAIS PARA UMA BOA SAUDE

ADQUIRA NAS FARMÁCIAS

J.C.CRESPO,LDA
RUA DA MADALENA,193 LISBOA

PRODUTO NATURAL

REGENT LABORAT.
LONDRES

CARROS USADOS

Modelos DATSUN com garantia

Grandes facilidades de pagamento

ENTREPOSTO

Praça de Moscavide (aos Olivais) - Tels. 314060/1/2/3/4/5/6/7/8/9

Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 88-A - Tel. 765480 - Lisboa

Rua D. Estefânia, 118-A (ao Arco do Cego) Tels. 533271 - 553310

uma gaivota no "living"

O espaço. Um espaço humano. Amplo. Claro.
Confortável. Um espaço para a sua liberdade.
E além do espaço, um rio.
Tão próximo que uma gaivota
poderia entrar no seu «living».
Um grande «living»
a dois passos do mais belo rio do mundo...

EDIFÍCIOS INFANTE SANTO
SECÇÃO DE VENDAS: Lisboa: — Av. António Augusto de Aguiar, 148-8.º
Telefone: 55 64 85
ATENDE NO LOCAL: Av. Infante Santo, 17
Dias úteis das 10.00 às 13.00 e das 15.00 às 19.00 horas.
Domingos das 14.00 às 20.00 horas.

FESTIVAL DA EUROVISÃO

"A Festa da Vida" hoje na

ORDEM DE APRESENTAÇÃO DAS CANÇÕES

NAC	TÍTULO	LETRA	MÚSICA	MAESTRO	INTÉRPRETES
1 Alemanha	Nur die Liebe Laesst uns Leben	**Joachim Relin**	Joachim Heider	**Paul Kühn**	Mary Roos
2 França	Come-Comédie	**Frederic Botton**	Frederic Botton	**Frank Pourcel**	Betty Mars
3 Irlanda	Ceol an Ghra	**Liam Mac Uistin**	Joe Burkett	**Colman Pearce**	Sandie Jones
4 Espanha	Amanece	**Ramon Arcusa**	Augusto Alguero	**Augusto Alguero**	Jaime Morey
5 Inglaterra	Beg, steal or borrow	**Tony Cole Graeme Hall Steve Wolfe**	Tony Cole Graeme Hall Steve Wolfe	**David Mackay**	New Seekers
6 Noruega	Smaating	**Kaare Groettum Ivar Boersum**	Kaare Groettum Ivar Boersum	**Carsten Klouman**	Grethe Kausland Benny Borg
7 Portugal	A Festa da Vida	**José Niza**	José Calvário	**Richard Hill**	Carlos Mendes (e coro)
8 Suíça	C'est la chanson de mon amour	**Catherine Desage**	Véronique Muller	**Jean-Pierre Festi**	Véronique Muller
9 Malta	L-Imhabba	**Albert Cassola**	Charles Camilleri	**Charles Camilleri**	Hellen e Joseph
10 Finlandia	Muistathan	**Juha Flinck**	Juha Flinck Nacke Johansson	**Ossi Runne**	Paevi Paunu Kim Floor
11 Áustria	Falter im Wind	**Heinz Unger**	Richard Schoenherz Manuel Rigoni	**Erich Kleinschuster**	Beatrix Neundlinger Guenter Grosslercher Christian Kolonovits Nobert Niedermayer
12 Itália	I giorni dell'arcobaleno	**Dalmazio Masini**	Piero Pintucci Nicola di Bari	**Giampiero Reverberi**	Nicola di Bari
13 Jugoslávia	Muzika i Ti	**Ivica Krajac**	Nikica Kalogjera	**Nikica Kalogjera**	Tereza
14 Suécia	Haerliga Sommardag	**Haakan Elmquist**	Haakan Elmquist	**Mats Olsson**	Berndt Oest Agneta Munther Marie Bergman Pierre Isacsson
15 Mónaco	Comme on s'aime	**Jean Drejac**	Raymond Bernard	**Ramond Bernard**	Anne-Marie Godart Peter Mac Lane
16 Bélgica	A la fois ou pas du Tout	**Daniel Nelis**	Daniel Nelis Bob Milan	**Henry Segers**	Serge e Christine Ghisoland
17 Luxemburgo	Aprés toi	**Klaus Munro Yves Desca**	Mário Panas Klaus Munro	**Klaus Munro**	Vicky Leandros
18 Holanda	Als het om de liefde gaat	**Hans van Hemert**	Dries Holten	**Harry van Hoof**	Sandra e Andres

A canção Europeia a nível de Festival tem no dia de hoje a sua grande noite. Dezoito países representados no Eurofestival, a competição máxima das cantigas da Europa, é cartaz do «show» em que mais se empenha a Eurovisão. Diga-se o que se disser, o número de telespectadores espalhados pela Europa fora (e não só), fala por si: trinta e quatro países transmitirão directamente o Festiv. Além dos países concorrentes, europeus portanto, estão incluídos na lista o Brasil, Marrocos, a Islandia, a Tunisia, Israel, Japão, Tailandia, Formosa, Hong-Kong, Filipinas, Chile e Zaire.

Do trabalho que estas coisas dão nem vale a pena falar. Meça-se o tempo que a RTP demora a preparar o seu festival caseiro e multiplique-se por muito. Sabe-se, para já, que em Edimburgo tudo está a postos, e que, sosseguem-se os espíritos fracos, o Festival vai mesmo para o ar.

Dos intérpretes pouco há a dizer. A grande maioria é composta por ilustres desconhecidos, pelo menos para nós. Dos restantes, apenas Nicola di Bari, que representa a Itália, os «New Seekers», que concorrem pela Inglaterra, os «Fami Four», da Suécia, que estiv ram em Dublin o ano passad e o português Carlos Mende vencedor incontestado do Festival cá do burgo, são c nhecidos entre nós.

Já muita gente conhece t das as canções. Duas noite bastaram para pôr a nu o Eur festival. A RTP transmitiu, po tanto, os filmes das canções que concorrem este ano (es noite). Sobre elas já muita ge te tem opinião formada, já críticos disseram de sua ju

A esperança da R

A CADA CABEÇA SUA SENT

«... que venham todos de vontade...»

«... que não se privem nas despesas...»

grande festa da Canção Europeia

tiça. Mas só logo se fará uma ideia mais aproximada do seu valor (ou da falta dele).

Entretanto reina o optimismo na caravana portuguesa, como se dá conta ainda nesta página, e volta a esperança, todos os anos abandonada, sempre a bater de novo à porta de cada vez que uma canção portuguesa vai fora de portas defender o prestígio das composições nacionais e, principalmente, defender-se e a quem lhe está na raiz. O lugar obtido pela canção que Tonicha interpretou no ano passado, da autoria de Ary dos Santos e Nuno da Nazareth Fernandes, «levantou o moral» do descrente espectador português. Como será este ano?

É evidente que muita gente «já sabe» (há gente que sabe tudo...) quem vai ganhar. Dizem que vai ser fácil para os «New Seekers». Provàvelmente terão razão. Entretanto lembramos que também «ia ser fácil» para Cliff Richard, certa vez, e... ficou-se pelo segundo lugar.

Seja como for, os olhos de um bom punhado de telespectadores portugueses vão estar presos ao pequeno écran com um único desejo: assistir a uma boa classificação da canção que Carlos Mendes vai interpretar. Para já, uma coisa é certa: conhecemos o valor médio das canções que anualmente são cantadas no Festival da Eurovisão e a que Niza e Calvário assinam não lhes fica atrás. Toda a gente sabe (ou talvez não...) que as competições deste género não primam pela qualidade. Toda a gente sabe (ou, ainda, talvez não) que isso não impede a presença de uma ou outra composição de certo nível. E toda a gente apregoa aos quatro ventos que «a melhor era aquela e não esta». De qualquer modo, ganhe ou não a melhor, a canção portuguesa tem uma qualidade muito aceitável, com palavras que pouco significarão lá fora (e daí...) mas com um todo que não desprestigia ninguém. O que nos leva a prever, pondo de lado os exageros todos, uma posição «tranquila» para «A Festa da Vida». Será assim? Sabê-lo-emos daqui a pouco.

RTP e Carlos Mendes

TENÇA

«Não me admiro nada se ganhar!» Disse-nos Carlos Mendes na hora da partida. **«A promoção é um trunfo que conta e, nesse campo, estou convencido que o trabalho foi escrupuloso. De qualquer maneira espero uma boa classificação, pois acredito nas possibilidades da música da «Festa da Vida». Já ouvi algumas das outras canções concorrentes, e se a nossa não brilha, também não é inferior a nenhuma delas.»**

Carlos Mendes irá cantar com um pouco menos de dramatismo, **«aliás isso se verá agora durante os ensaios, depende da maneira como o público reagir, pois o toque dramático que acho que o José Niza pretendeu dar na sua letra, não significará muito para os que desconhecerem a nossa língua.»**

Com ele foram, além da sua mulher Ana Maria Lucas, os autores José Calvário e José Niza os representantes da RTP dr. António Bívar e Mello Pereira, e toda uma multidão da casa editora para quem Carlos Mendes grava actualmente, assim como vários repórteres.

Quando Carlos Mendes enfrentar o público, logo à noite, irá com um **«bonito Smoking de veludo preto de fantasia, com colete assertoado igual, com oito botões, e calças de alpaca preta. A camisa ainda não tem: vamos agora comprá-la em Londres»** segundo nos disse Ana Maria.

O ar calmo de José Niza, contrastava com a excitação e o nervosismo de José Calvário: **«Estou confiante numa boa classificação.»**

Quizémos saber o que era para Calvário uma boa classificação.

Eis a resposta: **«Um dos quatro primeiros lugares.»**

«Sei das limitações impostas por um festival deste género, em que estão implicados factores de vária ordem, incluindo os de ordem política. Mas a nossa música não deixa de reflectir o sistema, e a educação musical de que é (neste caso, bom) fruto. Assim, tudo pode acontecer, e tudo farei para que aconteça o melhor!» - disse ainda o intérprete da canção portuguesa.

Esperemos por logo à noite: de olhos e ouvidos postos em Carlos Mendes, apenas nos resta dizer: Aconteça o que acontecer, estamos com ele

F.G.

«...e a Festa dura até às tantas!»

OS INTÉRPRETES PARA ESTA NOITE

Suécia

Holanda

Bélgica

Suíça

Mónaco

Finlandia

Noruega

Luxemburgo

ALEMANHA

AÚSTRIA

FRANÇA

JUGOSLÁVIA

ITÁLIA

ESPANHA

IRLANDA

INGLATERRA

«... apenas Nicola di Bari, que representa a Italia, os «New Seekers», que concorrem pela Inglaterra, os «Family Four», da Suécia, que estiveram em Dublin o ano passado, e o português Carlos Mendes, vencedor incontestado do IX Festival «cá do burgo», são conhecidos entre nós.»

Tem a palavra o teatro amador

Está a decorrer no Norte do País, mais precisamente nos arredores do Porto, um Encontro de Teatro Amador. Chamemo-lo pelo seu nome próprio: as I jornadas do Teatro Amador. A iniciativa é da responsabilidade de um grupo que não pára a sua actividade, que sabe do que pode ser o Teatro não-profissional, que tem consciência do importante papel que o Teatro amador pode desempenhar na «conjuntura actual que o país atravessa». Para «Os Modestos», o nosso aplauso. Com eles fica a responsabilidade de uma iniciativa que tem de mostrar a força que o Teatro é (ou pode ser), que tem de vincar bem uma posição que se não fique pelas entrelinhas. O «Grupo dos Modestos», aliás sabe-o bem.

A propósito do que se está a passar no Norte, lembrámo-nos do que se passa, também, aqui por Lisboa. O «DL Show» tem-se debruçado sobre alguns grupos amadores de Teatro que se desenvolvem, quase sempre custosamente, que procuram um caminho de participação numa cultura-base que tão arredia anda de quase toda a gente. (Cabe aqui parentesis. Apercebi-me do perigo da palavra **participação**. Digamos, então: «que procuram um caminho para uma cultura-base» e não se fala mais nisso).

Neste suplemento publicaram-se já duas reportagens sobre outros tantos grupos de Teatro Amador que procuram fazer «alguma coisa». Um deles, o do Atlético de Campolide, com provas já dadas com o seu (e de Cuzzanni) «O Avançado Centro Morreu ao Amanhecer». Outro, o «recém-nascido» grupo do Ateneu da Madre de Deus. Hoje publicamos uma outra reportagem, desta feita sobre o grupo do 1.º Acto de Algés. Procuraremos, aliás, estar atentos a outros grupos que estejam (ou, pelo menos, queiram estar) acordados.

No contacto que mantivémos, de perto, com os grupos amadores citados, uma coisa ressaltou, de entre outras. Refiro-me à necessidade que os jovens (e não só), que vivem neste país, sentem de fazer alguma coisa de valer a pena e, simultâneamente, à possibilidade que um grupo de Teatro amador dá (leia-se: pode dar) de criar uma consciência das «coisas» que se passam por cá e pelo mundo. Em qualquer dos grupos, falando com muitos dos elementos que os integram, sempre a mesma coisa a vir ao cimo, sempre o mesmo desejo de construir (denunciando, se tanto for preciso), sempre a mesma vontade de não estar parado, num lugar onde existem tantas portas fechadas. Sempre o Teatro-postigo-rasgado para coisas novas.

As colectividades de recreio, centro das atenções «de toda a gente do bairro» quer pelos «bailaricos-do-fim-semana», quer pelas equipas de futebol, quer pela «sueca» e o bilhar, são um «campo aberto» para matar a sede de coisas mais importantes que as pessoas têm. Por isso ampliamos hoje o aplauso que já demos ao «Grupo dos Modestos». Tornamo-lo extensivo a todos os grupos amadores que trabalham, contornando inúmeras dificuldades, por um Teatro para o povo e por uma sementeira de cultura que dará, se não se desistir, seus frutos. Diz-se hoje, nas páginas deste suplemento, que o grupo do 1.º Acto está «com força para continuar». Que estejam todos.

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE — C P E

S. A. R. L.

CAPITAL 5 700 000 CONTOS

SEDE
Rua de Sá da Bandeira, 567
PORTO

ESTABELECIMENTO CENTRAL
Avenida Infante Santo, 15-1.º
LISBOA

SERVIÇO DE OBRIGAÇÕES

PAGAMENTO DE JUROS

De harmonia com as condições da respectiva emissão, estarão em pagamento a partir de 1 de Abril próximo, os juros das obrigações abaixo indicadas, emitidas pela Hidro-Eléctrica do Zêzere, S. A. R. L., de que esta Companhia assumiu todos os direitos e obrigações por fusão daquela com as outras empresas concessionárias de aproveitamentos hidroeléctricos, de empreendimentos termoeléctricos e de transporte de energia eléctrica, cujas centrais e instalações constituem a rede eléctrica primária.

Emissões	Cupões	Obrigações	Importância líquida a pagar por obrigação
3.ª 5% 1955/82	34	Portador Port. Reg. Nominativas Inst. Prev.ª	16$04,8 21$51 21$29,8 24$78,8
4.ª 5% 1956/83	32	Inst. Prev.ª	24$75

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Conforme anúncio oportunamente publicado, procedeu-se ao sorteio em 6 de Março corrente, para efeito de amortização a partir de 1 de Abril próximo, de 3013 obrigações, tendo sido sorteados os seguintes títulos:

3.ª EMISSÃO — 5 % — 1955 / 82 — 29.º SORTEIO — 2253 OBRIGAÇÕES

ÚLTIMO CUPÃO PAGAVEL-34

TÍTULOS DE 1

101 062	101 066	101 270	101 329	101 367	101 387	101 437	101 441	101 453	101 533
101 542	101 608	101 692	101 724	101 726	101 752	101 791	101 870	101 890	101 910
101 979	102 007	102 044	102 052	102 109	102 123	102 142	102 182	102 204	102 331
102 411	102 412	102 434	102 494	102 525	102 539	102 564	102 602	102 604	102 608
102 661	102 687	102 801	102 804	102 810	102 971	103 145	103 255	103 261	103 262
103 295	103 350	103 354	103 355	103 390	103 393	103 448	103 449	103 555	103 609
103 816	103 908	104 017	104 053	104 065	104 067	104 175	104 232	104 282	104 341
104 355	104 388	104 436	104 469	104 475	104 533	104 539	104 660	104 732	104 742
104 842	104 854	104 895	104 931	104 963	105 098	105 150	105 167	105 168	105 170
105 490	105 502	105 548	105 556	105 573	105 595	105 604	105 631	105 770	105 849
105 907	105 911	106 039	106 063	106 091	106 120	106 134	106 154	106 165	106 229
106 263	106 266	106 270	106 271	106 303	106 340	106 418	106 420	106 585	106 604
106 616	106 719	106 765	106 772	106 783	106 815	106 828	106 846	106 889	106 933
107 054	107 111	107 158	107 194	107 222	107 378	107 408	107 461	107 599	107 676
107 701	107 714	107 796	107 866	107 877	107 889	108 139	108 180	108 209	108 338
108 371	108 422	108 426	108 494	108 572	108 662	108 760	108 775	108 796	108 991
108 993	109 001	109 121	109 124	109 232	109 248	109 254	109 317	109 343	109 382
109 414	109 471	109 555	109 634	109 645	109 667	109 677	109 693	109 703	109 761
109 891	109 925	109 958							

TÍTULOS DE 5

85 501	85 826	86 151	86 211	86 516	86 566	87 566	87 646	87 911	88 351
88 381	88 536	89 186	89 441	89 491	89 531	89 881	89 901	90 291	90 331
90 451	90 881	91 071	91 106	91 161	91 291	91 521	91 601	91 726	91 816
92 226	92 461	92 596	92 901	93 521	93 596	93 966	94 106	94 266	94 351
94 741	95 026	95 416	95 506	95 521	95 556	95 826	95 846	96 471	96 636
96 951	97 201	97 731	97 836	98 101	98 586	98 941	99 016	99 246	99 371
99 966	100 436	100 706	100 956						

TÍTULOS DE 10

67 011	67 301	67 761	69 231	69 571	70 211	70 391	71 201	71 231	71 271
71 601	71 721	71 991	72 211	72 791	73 021	73 601	74 051	74 101	74 641
75 261	77 871	78 391	78 551	78 561	78 791	78 941	79 301	79 671	80 601
80 841	81 181	81 651	82 481	83 361	83 421	83 751	83 811	84 401	

TÍTULOS DE 20

301	421	1 241	2 321	3 481	4 301	5 121	7 901	8 821	9 681
9 781	10 341	10 641	12 141	12 621	12 721	14 821	15 241	16 061	17 221
17 521	17 681	18 801	21 281	21 441	21 921	22 501	26 341	26 661	27 141
28 541	29 461	29 681	31 381	34 161	34 281	34 521	36 141	36 321	37 681
37 701	40 101	41 021	41 361	45 501	45 561	50 461	50 701	50 741	51 761
52 681	53 201	54 681	54 901	54 941	56 301	57 301	58 361	59 281	59 501
60 061	61 101	61 181	63 621	64 101	65 061	65 761	65 781		

4.ª EMISSÃO — 5 % — 1956 / 83 — 27.º SORTEIO — 760 OBRIGAÇÕES

ÚLTIMO CUPÃO PAGÁVEL-32

TÍTULOS DE 20

101	401	1 061	1 261	1 281	2 981	3 441	4 021	4 841	6 201
8 941	9 901	10 001	12 061	14 121	14 661	17 401	17 981	18 481	18 621
19 941	21 301	23 941	26 281	28 181	29 021	29 161	29 861	31 221	31 381
32 521	33 921	34 081	36 401	36 601	36 941	38 001	38 841		

O pagamento dos cupões acima indicados e o reembolso das obrigações sorteadas serão efectuados na Sede da Companhia ou no seu Estabelecimento Central em Lisboa, e nos seguintes estabelecimentos de crédito:

Caixa Geral de Depósitos
Almeida, Basto & Piombino & C.ª
Banco Agrícola e Industrial Viseense
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fernandes Magalhães
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Intercontinental Português
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores
Bank of London & South America
Crédit Franco-Portugais
Crédito Predial Português
Montepio Geral
Pinto de Magalhães, Lda.

Porto, 24 de Março de 1972.

O CONSELHO DE GERÊNCIA

Monitores vão ensinar cinema às crianças

«Há que ensinar à criança que o cinema é um meio de informação e de expressão e também de enriquecimento pessoal. Há que orientar a criança no sentido de se libertar do sortilégio de forma a que procure descobrir a técnica do homem, obra de esforço, criação e domínio. Mas, antes, antes, é necessário mudar a atitude da criança em face do cinema, ajudá-la a abandonar a sua posição passiva do espectador inoperante e , que, pouco a pouco, vá tomando uma posição activa e participante. Convém, igualmente, dar-lhe umas noções básicas para que possa enfrentar-se com a obra fílmica» - lê-se no livro «Cine Formativo» de José Serra Estruch que, na cidade do Porto, vem orientar o «Curso de Formação de Monitores de Sessões Infantis de Cinema».

Iniciativa do Cine-Clube do Porto, o curso, que decorrerá de segunda-feira até sábado, é bem a demonstração de vitalidade daquele Cine-Clube que, assim, procura sacudir a rotina.

Inédita em Portugal, a ideia do curso visa criar no nosso país condições, que se entendem como básicas, para a existência de actividades cinematográficas ou de animação cultural, com base no cinema, especificamente votadas à criança. Daí a organização de dois cursos (A e B) de formação de monitores. O primeiro (A) já se realizou em Ovar, na sede do Atlético vareiro, de 20 a 26 do corrente mês. O segundo (B) terá lugar, agora, no Porto. Constará de aulas práticas com crianças (a efectuar num estabelecimento de ensino secundário) e de sessões de estudo (na sede do Cine-Clube do Porto). Os horários das aulas serão, todos os dias, das 15 e 30 às 17 horas e das 17 e 30 às 19 horas. Os estudos decorrerão entre as 21 e 30 e as 23 horas.

Hoje, haverá, na sede do Cine-Clube, a sessão de abertura para apresentação do director da «Escuela Municipal de Formacion Profesional em Medio Audio-Visuales de España», sr. José Serra Estruch, que acedeu orientar os cursos, assistido por um seu colaborador.

Uma vez que o Cine-Clube do Porto não extrai quaisquer compensações materiais, solicitou à Fundação Calouste Gulbenkian a atribuição de um subsídio que garanta uma partecipação sem despesas para os eventuais inscritos.

FOTO PARA UMA VOZ

Chama-se Marie Blanche Vergne, é de nacionalidade francesa e, segundo nos informam, canta muito bem. Os seus discos não estão, por enquanto, à venda no nosso país mas, quando estiverem, terão selo Orfeu. Para já, a fotografia. O resto, por enquanto, não ultrapassa os limites da nossa imaginação., embora, pelas informações que recebemos, nos cresça já alguma água na boca.

O REGRESSO DO "POP-25"

«Pop 25» estará nos pequenos écrans com nova cara e um critério de selecção de artistas, ao que parece, cuidadosamente revisto.

Após um longo interregno o programa da RTP «Pop 25» vai regressar com novo figurino. Renovou pelo menos o seu lote de colaboradores e reestruturou algumas das rúbricas que integravam o programa na sua primitiva forma.

Durante alguns meses o contacto com o público esteve assente apenas na transmissão irregular de momentos do Festival de jazz de Cascais. Se nos recordarmos que o referido festival se realizou em Novembro verificamos que o atraso de alguns meses em nada contribuíu para a instauração dum hábito de ouvir jazz em Portugal.

Para o primeiro programa da nova série os produtores de Pop 25 decidiram convidar Patxi Andion que é neste momento um dos nomes mais representativos da música espanhola.

De assinalar ainda o facto de José Nuno Martins não fazer já parte do número dos colaboradores, e de, na crítica de discos, surgir o nosso camarada de redacção José Jorge Letria, que regularmente aparecerá frente às câmaras.

A partir do dia 9 de Abril

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE MOSCAVIDE

CONVOCAÇÃO

Nos termos do art.º 46.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária, que terá lugar no dia 29 do corrente, pelas 21 horas com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Apreciação e votação do Relatório e Contas da Direcção e do Parecer do Conselho Fiscal, da gerência de 1971.

Não havendo número legal de sócios, a Assembleia reune uma hora depois, com qualquer número de sócios presentes.

Moscavide, 25 de Março de 1972.

O Presidente
da Assembleia Geral

a) **Dr. Joaquim Filipe Henriques de Araújo**

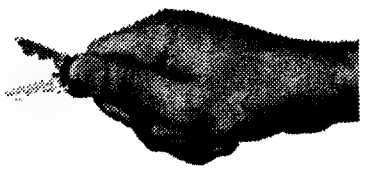
da cidade ao local
do local ao prédio

URBIPROJECTA
pensa a casa para si

MAIS DE 200 APARTAMENTOS, DE 2 A 5 DIVISÕES ASSOALHADAS — E, TAMBÉM, ESCRITÓRIOS E LOJAS —, DESDE 190 A 3750 CONTOS, NOS MELHORES LOCAIS DE LISBOA E ALMADA:

ALMADA — Avenida Eng.º Frederico Ulrich Lotes B, C, E, F e G

LISBOA — Rua Pereira e Sousa, 35
Rua Francisco Metrass, 42
Calçada de Carriche, lotes 7, 9 e 14
Rua Inácio de Sousa, 1
Rua Inácio de Sousa, 3
Alameda de Santo António dos Capuchos, 6



URBIPROJECTA
TEM AS CHAVES NA MÃO

UP URBIPROJECTA
CONSTRUÇÕES E EMPREENDIMENTOS, S.A.R.L. R. Visconde de Seabra, 22 cave Lisboa 5 Telf. 76 92 31/53/75

DO MELHOR PANO ...SAI A NÓDOA

NO-DO-MIL é um amigo poderoso, eficiente e económico!
Uma nódoa, não justifica a despesa de limpar um fato inteiro!
Por uma nódoa imprevista, não precisa mudar de vestido.

TENHA SEMPRE NO-DO-MIL AO SEU ALCANCE!
O tira-nódoas poli-solvente, não inflamável e adaptado à limpeza instantânea de qualquer tipo de nódoa em qualquer tipo de tecido.

no-do-mil

UM PRODUTO NOVO, FABRICADO PELA
DOMIL — PRODUTOS QUÍMICOS, DOMÉSTICOS E INDUSTRIAIS, LDA.
PATENTE DA REEF CHEMICAL CORP (PTY)
PORTO — R. FARIA GUIMARAES, 718, 4.º-DTO. — TEL. 49 50 25
LISBOA — R. PASCOAL DE MELO, 124, 2.º-ESQ. — TEL. 53 92 52

TRICOPOR

DISTRIBUIDORES

Norte e Ultramar
MANUEL A. NEVES
P. Guilherme Gomes Fernandes, 53-1.º D.to
Telef. 22047 - PORTO

Sul e Ilhas
A. PEDRO GOMES
R. dos Anjos, 56-1.º
Telef. 46057
LISBOA

MÚSICA JOVEM

JOHN MAYALL: A PENOSA ESCALADA DA FAMA

Patriarca incontestável dos «blues» de expressão branca, senhor de supergrupos, detentor de grandes recursos musicais, John Mayal, é uma das figuras mais fascinantes do panorama da música «rock» na movimentada década de sessenta.

Num período em que as empresas discográficas hipercomercializadas envolvem com os seus tentáculos (o dramatismo da expressão é intencional) as pequenas e as grandes vedetas, invariàvelmente à demanda de um lugar ao sol, Mayall, dá-se ao luxo de continuar a ser um verdadeiro purista dos *blues*, capaz, embora, de compor, com boa pontaria, títulos de êxito para o mercado. Até isto Mayall possui dos grandes músicos ligeiros: a versatilidade e o poder de adaptação.

Cultor de variedade e responsável pela constante renovação dos elementos que formam os seus grupos, John Mayall, explica-se nestes termos:

«Estou constantemente a renovar os meus grupos, pois, desse modo, não canso o público, evito a estagnação da minha música e sinto-me estimulado pela variedade. Quando sinto que o trabalho em conjunto deu o que tinha a dar começo ràpidamente a pensar em organizar um novo agrupamento». Palavras claras, sem dúvida, para definir toda uma orientação e um processo de organização musical.

John Mayall: «Blues» à moda britânica

A VIDA

John Mayall nasceu a 29 de Novembro de 1933 nos subúrbios de Manchester. Por volta dos treze anos começa a interessar-se sèriamente pela música. Pouco tempo depois, tocava já com razoável destreza viola e piano.

Os estudos, nem brilhantes nem medíocres, concluiu-os no Manchester Junior School of Art em 1949.

Dois anos antes de ser incorporado no Exército, começou a trabalhar na «secção de estores» duns grandes armazéns londrinos: princípio modesto para uma supervedeta.

Os derradeiros dezoito meses do serviço militar passou-os na Coreia. Durante uma breve estadia no Japão fica surpreendido com a quantidade de violas fabricadas naquele país, e, posteriormente vendidas em todo o mundo em doses industriais sem selo de origem. O fenómeno «rock» tinha nesta profusão de instrumentos eléctricos a sua verdadeira origem: Mayall sabia-o bem.

Livre do serviço militar na Primavera de 1955, regressa a Inglaterra e matricula-se num curso de desenho publicitário que o ocupa durante quatro anos. Hipóteses, havia algumas de se lançar como artista gráfico, ou, a nível mais modesto, de se empregar numa empresa qualquer. Porém, se o jeito não era muito, a vontade era ainda menor.

Durante este período relativamente apagado da sua vida, tocou com vários grupos de pequena projecção em bailes escolares, o que, de modo algum, satisfazia as suas exigências de músico.

«Um dos últimos grupos em que toquei, composto por, baixo, piano, bateria e sax, recebia por seis horas diárias de trabalho numa «boite» o equivalente a duas libras e meia.» — Conta Mayall.

Na Primavera de 1963 dirigia nos momentos de ócio um conjunto de «blues» chamado «Blues Sindicate»; paralelamente em Londres Alexis Korner e Cyril Davis, surgiam como mentores duma revolução no panorama dos «Rythm and Blues», propondo uma mistura de «jazz» e «rock» que muito alarmou os ingleses.

Após uma breve audição do grupo de Mayall, Korner encorajou-o a tentar os clubes londrinos, conhecidos pela exigência do seu público. É claro que Mayall aceitou o convite com ambas as mãos, sem contar, porém, com uma dificuldade: os músicos do seu grupo não estavam dispostos a abandonar a cidade, pois, era lá que tinham as suas ocupações. Deste modo Mayall viu-se forçado a procurar novos elementos para tentar a sorte em Londres: assim nasceram os «Blues Brakers» em Março de 1963.

«BLUES BRAKERS»

Depois de uma breve estadia em clubes londrinos de pouco prestígio no meio artístico, Mayall, inicia um estudo sistemático da forma musical que pretendia desenvolver, e trata de criar um som próprio.

O trabalho oficinal, apesar de indispensável, tornava-se extremamente penoso, já que, não existiam condições de base para o suportar: era preciso tocar, quando e onde calhava, para sobreviver, e o esforço de noites consecutivas a actuar não criava pròpriamente o ambiente ideal para grandes reflexões sobre música.

Pelo seu agrupamento começam a passar, então, executantes de grande craveira técnica: primeiro guitarristas, caso de Bernie Watson, já conhecido pelo seu trabalho com Cyril Davis; depois outros músicos. A carreira de Mayall sofre por essa altura um importante impulso: o famoso cantor de «blues» John Lee Hooker, em digressão por Inglaterra, convida-o para participar activamente nas suas actuações. Com uma considerável bagagem e consciente das suas possibilidades como músico, Mayall tem ainda com Sonny Boy Williamson a oportunidade de aperfeiçoar a sua técnica de execução de harmónica, instrumento de grande importância na sua música.

OS MÚSICOS

A primeira grande substituição nos «Blues Brakers» dá-se com a saída, um tanto inesperada, de John McVie, baixo inicial do grupo, que em 1967 se liga aos «Fleetwood Mac». Watson, entretanto, havia já sido substituído em 1964 por Roger Dean, o qual por sua vez deu em 1965 lugar ao ex-«Yard Byrd», Eric Clapton. Esta última aquisição viria a ter grande importância na evolução da música de Mayall.

«Desde que vi Clapton a tocar pela primeira vez tive a certeza de que o seu contributo para os «blues» seria extremamente importante.» — declara o músico de Manchester — *«Foi a primeira pessoa integrada em grupos meus que entendeu correctamente a minha concepção dos blues»*

Na principio de 1966 os «Blues Brakers» vêem-se enriquecidos com a entrada de Jack Bruce. Trata-se porém duma estadia muito breve, pois, passados poucos meses, Bruce abandona o agrupamento de Mayall e funda com Clapton e com o baterista Ginger Baker os importantes «Cream». Para o lugar deixado livre por Clapton, entrou então um guitarrista desconhecido chamado Peter Green. Também este, porém, vítima do sistema rotativo de Mayall não chega a aquecer lugar: a sua saída verifica-se em 1967. Rei morto, rei posto: no lugar de Green surge Mick Taylor que passados dois anos se viria a popularizar como viola-solo dos Rolling Stones, de Mike Jagger.

Insatisfeito com as possibilidades instrumentais do grupo, Mayall adiciona-lhe uma secção de metais que vem reforçar substancialmente o som do quarteto inicial. Dick Heckstell, um popular saxofonista londrino, ligado a importantes experiências no campo do «jazz», foi a primeira aquisição da nova fórmula.

1968: John Mayall é contratado para uma longa «tournés» por vários Estados americanos. Entusiasmado com a reacção do público e com a espontânea identidade que se estabelecia entre a sua música e os auditórios, regressa a Inglaterra e faz novas transformações. Seguem-se digressões pela Alemanha e por outros países europeus: o nome de Mayall e o prestígio do seu grupo tinham-se consolidado definitivamente. Da fama e da estabilidade financeira era agora necessário extrair o sossego para reflectir sobre o usa de novos processos.

Mundialmente conhecido, Mayall convida os músicos que muito bem entende. São formações efémeras que se dissolvem rápidamente. A última data de 1969 e a dissolução deu-se em 1970, depois de uma «tournée» europeia.

Escola de grandes músicos, oficina de técnica e composição, os grupos de Mayall estão na origem de algumas das mais significativas experiências da música «rock».

Álbuns como: «Live at Klooks Kleck», «Hard Road», «Crusade», «Diary of a band» e mais recentemente, «Blues from Laurel Canyon», «Looking back», «Turning Point» e «Empty Room» são o resultado da grande versatilidade de Mayall como músico e do seu talento como compositor.

Para a seu último álbum, «USA Union», fez-se rodear de alguns dos mais importantes músicos que o acompanharam nos primeiros tempos. A seu lado esteve também o excepcional Don «Sugarcane» Harris em violino eléctrico — uma nova proposta no som de Mayall.

A última «tournée» europeia de Mayall teve como aliciante a presença de Larry Taylor que já tocou com os «Canned Beat» e com Jerry Lee Lewis.

J. J. L.

MÚSICA JOVEM

10

Não podia deixar de ser: com a aproximação do Festival da Eurovisão, que hoje se realiza em Edimburgo, «A Festa da Vida», de José Niza José Carlos Calvário na voz de Carlos Mendes, subiu, de novo, ao primeiro lugar do «top de Lisboa». Paulo de Carvalho, cantando «Esta Festa das Cidades» e «Vamos Cantar de Pé» (versão inglesa), desceu para segundo posto. Note-se, entretanto, a subida vertiginosa de George Harrison para o terceiro lugar da tabela, com o seu êxito «Bangla Desh»

1	«A Festa da Vida» (2) Carlos Mendes	6	3«Black Dog» Led Zeppelin
2	«Bangla Desh» (7) George Harrison	7	«My World» Bee Gees
3	«Vamos Cantar de Pé» (versão) (1) Paulo de Carvalho	8	«Califórnia Sunday Morning» (4) The Brotherhood of Man
4	«American Pie» Don McLean	9	«Sacramento (Wonderfull Town)» The Midle of the Road
5	«Imagine» (10) John Lenon	10	«Shaft» (8) Isaac Hayes

Foram contactadas as seguintes discotecas: Concorrentes, Sassetti, Sinfonia, Universal e Valentim de Carvalho (filial)

Os "mais" das etiquetas

A ronda pelas casas editoras de discos, esta semana, não trouxe grandes novidades. Apenas uma maior coincidência entre o que sai dos armazéns e o que se vende nas discotecas

Alvorada	MÚSICAS DO FESTIVAL TV Orquestra de Shegundo Gallarza	HARVEST Neil Young
Arnaldo Trindade	A FESTA DA VIDA Carlos Mendes	LAS MUJERES A MI NEM FU NEM FA Peret
Estúdio	DESGARRADA de Fernando Maurício e Francisco Martinho	
Grande Feira do Disco	SAUDADES DO RIO AZUL Trio Rio Azul	LIVE Barbara
Movieplay	VAMOS CANTAR DE PÉ (versão) Paulo de Carvalho	I LOVE YOU BABY Tony Ronald
Phonogram	AMOR VIVO Fernando Tordo	DOCE CANCIONES ENTRE PARENTISIS (LP) Patxi Andion
Rapsódia	BRINQUEM TODOS Corina	BALADA DE SACCO E VANZETI Udy Guthrie c/ Pete Seeger
RCA	Ó MOÇAS FAÇAM ARQUINHOS Francisco Naia	SACRAMENTO (WONDERFULL TOWN) The Midle of the Road
RR	CANTARINHAS DE ALJUSTREL Manuel Mestre	LOS FABULOSOS 3 Paraguayos (LP)
Sasseti	MUDAM-SE OS TEMPOS MUDAM-SE AS VONTADES José Mário Branco	ABERTURA 1812 de Tchaikovski
Tecla	JOSÉ FREIXO E DONALTIM NOS AÇORES E NA MADEIRA	MORTE EM VENEZA (Banda original do filme)
Valentim de Carvalho	CALIFÓRNIA SUNDAY MORNING The Brotherhood of Man	VAMOS CANTAR DE PÉ Paco Bandeira
Zip	POEMA PENA Tonicha	HE'S GONNA STEP ON YOU AGAIN John Kongos

NO ESTRANGEIRO

Os «New Seekers», que se encontram entre os favoritos do Festival da Canção da Eurovisão, que se realiza hoje em Edimburgo, não conseguiram obter um segundo êxito sucessivo na Inglaterra com Beg, Steal or Borrow, a canção que interpretarão naquela competição, representando a Grã-Bretanha.

O conjunto continua em terceiro lugar nos «dez mais» desta semana, com o americano Harry Nilsson mantendo a posição cimeira com «Without You», a canção que foi escrita para ele pelo conjunto protegido pelos Beatles, Badfinger.

Gilbert O'Sullivan podia estar a candidatar-se ao primeiro lugar com a excelente canção «Alone Again». Isso seria outro grande êxito para o perspicaz Gordon Mills, o agente teatral que é, também, responsável pela boa fortuna de Tom Jones e de Engelbert Humperdinck.

«América» encontra-se esta semana na posição quase única de ser um dos poucos conjuntos americanos a ocupar o primeiro lugar nos Estados Unidos nos últimos tempos. «A Horse With No Name», foi já um sucesso na Grã-Bretanha, está, agora, em primeiro lugar na tabela de Nova-Iorque.

Eis as classificações desta semana, com a indicação, entre parêntesis, das posições da semana passada.

1. (1) «Without You»: Nilsson
2. (2) «American Pie»: Don Mclean
3. (_3) «Beg, Steal or Borrow»: New Seekers
4. (_4) «Alone Again 9naturally)»: Gilbert O'Sullivan
5. (_5) «Mother and Child Reunion»: Paul Simon
6. (_6) «Got to be Tere»: Michael Jackson
7. (_7) «Meet me on the Corner»: Lindisfarne
8. (_4) «Son of my Father»: Chicory Tip
9. (_7) «Blue is the Colour»: Chelsea Football Team
10. (14) «I can't Help Myself»: Donnie Elbert

NOVA YORK

1. (4) «Horse with no Name»: America
2. (1) «Heart of Gold»: Neil Young
3. (7) «Puppy Love»: Donnie Osmond
4. (6) «Mother and Child Reunion»: Paul Simon
5. (2) «The Lion sleeps Tonight»: Robert John
6. (5) «Without You»: Nilsson
7. (-) «Jungle Fever»: The Chakachas
8. (3) «Down by the Lazy River»: Osmonds
9. (10) «Way of Love»: Cher
10. (-) «In the Rain»: Dramatics

TERRENO

para moradia e para prédio (só um ou vários lotes) ou casas para demolir. Compra-se com ou sem projectos. Em Carcavelos ou Parede ou noutra povoação da Linha do Estoril. Sou o próprio. Carta para o apartado 1.147, Lisboa-1.

HONG- KONG

1. (3) «Hurting Each Other»: Carpenters
2. (2) «Sing a Song Of Freedom»: Clif Richard
3. (4) «Hey Big Brother»: Rare Earth
4. (5) «Until It's Time For You To Go: Elvis Presley
5. (6) «Out Of Sight Out Of Mind»: Shocking Blue
6. (7) «My World»: The Bee Gees
7. (9) «Blak Dog: Led Zeppelin
8. (1) ««American Pie2. don Mclean
9. (10) «An Old Fashioned Love Song»: Three Dog Night
10. (11) «Iron Man»: Blak Sabbath.

ESTOCOLMO

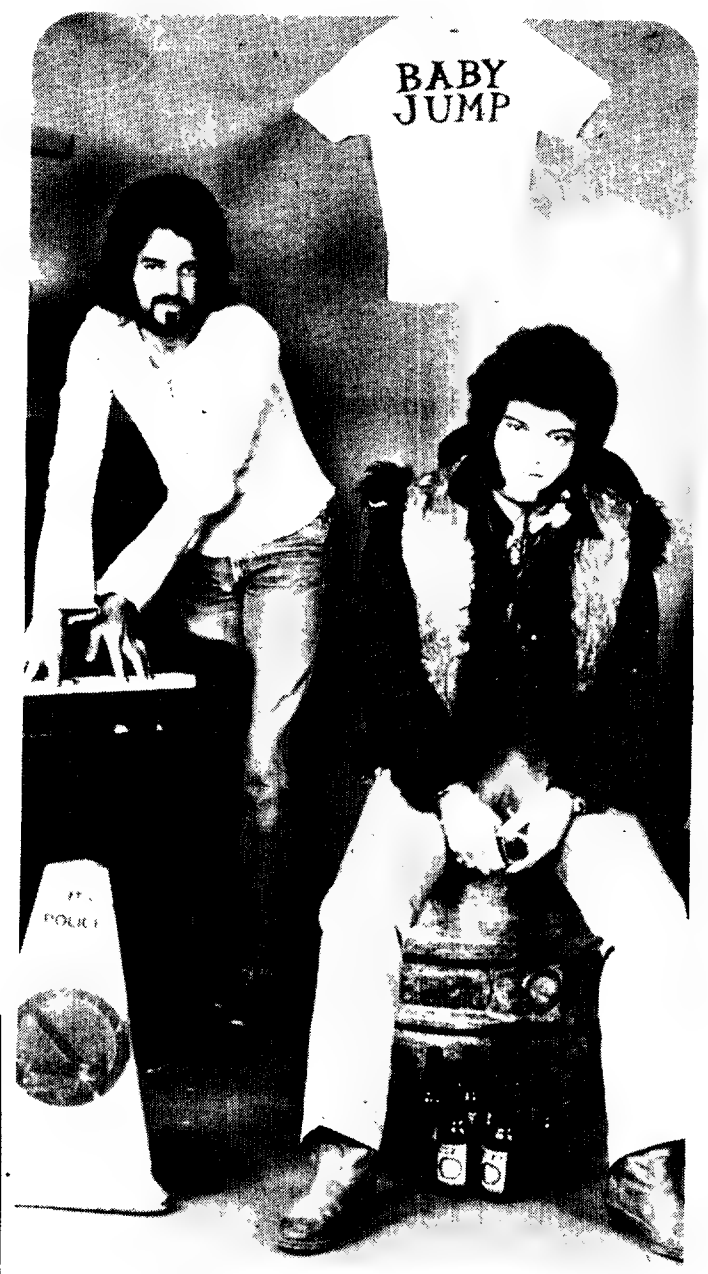
1. (1) «This The Way To Amarillo»?: Tony Christie
2. (2) «Poppa Joe»: Sweet
3. (3) «Sacramento»: Middle Of The Road
4. (4) «Aenglamark (Holy Ground)»: Sven-Bertil Taube
5. (9) «Son Of My Father»: Chicory Tip
6. (6) «I Don't Know How To Love Him»: Helen Reddy
7. (__) «Monica»: Oesten Warnerbring
8. (7) «Snaella Pappa (Please, Daddy)»: Roger Johnson
9. (5) Gammaldags Musik (Old-Fashioned Music)»: Glennmarks
10. (__) «Mother And Child Reunion»: Paul Simon

BONA

1. (1) «Sacramento»: Middle Of The Road
2. (3) «Amarillo»: Tony Christie
3. (2) «Zeit Macht Nur... (Time Only)»: Barry Ryan
4. (4) «Du Lebst In Deiner Welt (You Live In Your World)»: Daisy Door
5. (5) «Jeepster»: T. Rex
6. (7) Telegram Sam»: T. Rex
7. (11) «How Do You Do»: Mouth And Macneal
8. (6) «Fireball»: Deep Purple
9. (8) «Mamy Blue»: Ricky Shayne
10. (20) «Am Tag Als Conny K. Starb (The Day Conny K. Died)»: Juliane Werding.

AMESTERDÃO

1. (1) «Poppa Joe»: The Sweet
2. (2) «Look Wot You Dun»: Slade
3. (3) «Als Het Om de Lief de Gaat»: Sandra En Andres
4. (4) «Son of my Father»: Chickory Tip
5. (15) «Inkpot»: Shocking Blue
6. (5) «Sacramento»: Middle of the Road
7. (8) «'N Man Mag Niet Huilen»: Jacques Herb
8. (9) «My World»: Bee Gees
9. (-) «The Talk of all the USA»: Middle of the Road
10. (18) «Holy Day»: George Baker Selection



Os «Mungo Jerry» brincam. Será por isso que não estão no «top»?

MÚSICA JOVEM

Não pode haver dúvidas em ser a apresentação do Festival da Canção que hoje realizamos em Edimburgo, «A Festa da Vida», de João Nina, pela Carlos Mendes, na voz de Chico Buarque, subiu de novo, ao primeiro lugar da lista de Lisboa. Paulo de Carvalho, também pela Valentim de Carvalho, sobe para o segundo lugar, «Vamos Cantar de Pé», versão portuguesa, mais uma vez, de Paulo de Carvalho, e «American Pie», de Don McLean, mantém o terceiro lugar. Em quarto lugar, «Sacramento», de The Midle of the Road, e «Imagine», de John Lennon, em quinto lugar.

OS 10 MAIS

1	«A Festa da Vida» (2) Carlos Mendes	6	3«Black Dog» Led Zeppelin
2	«Bangla Desh» (7) George Harrison	7	«My World» Bee Gees
3	«Vamos Cantar de Pé» (versão) (1) Paulo de Carvalho	8	«Califórnia Sunday Morning» (4) The Brotherhood of Man
4	«American Pie» Don McLean	9	«Sacramento (Wonderfull Town)» The Midle of the Road
5	«Imagine» (10) John Lenon	10	«Shaft» (8) Isaac Hayes

Foram contactadas as seguintes discotecas: Concorrentes, Sassetti, Sinfonia, Universal e Valentim de Carvalho (filial)

Os "mais" das etiquetas

A ronda pelas casas editoras de discos, esta semana, não trouxe grandes novidades. Apenas uma maior coincidência entre o que sai dos armazéns e o que se vende nas discotecas

Alvorada	MÚSICAS DO FESTIVAL TV Orquestra de Shegundo Gallarza	HARVEST Neil Young
Arnaldo Trindade	A FESTA DA VIDA Carlos Mendes	LAS MUJERES A MI NEM FU NEM FA Peret
Estúdio	DESGARRADA de Fernando Maurício e Francisco Martinho	
Grande Feira do Disco	SAUDADES DO RIO AZUL Trio Rio Azul	LIVE Barbara
Movieplay	VAMOS CANTAR DE PÉ (versão) Paulo de Carvalho	I LOVE YOU BABY Tony Ronald
Phonogram	AMOR VIVO Fernando Tordo	DOCE CANCIONES ENTRE PARENTISIS (LP) Patxi Andion
Rapsódia	BRINQUEM TODOS Corina	BALADA DE SACCO E VANZETI Udy Guthrie c/ Pete Seeger
RCA	Ó MOÇAS FAÇAM ARQUINHOS Francisco Naia	SACRAMENTO (WONDERFULL TOWN) The Midle of the Road
RR	CANTARINHAS DE ALJUSTREL Manuel Mestre	LOS FABULOSOS 3 Paraguayos (LP)
Sasseti	MUDAM-SE OS TEMPOS MUDAM-SE AS VONTADES José Mário Branco	ABERTURA 1812 de Tchaikovski
Tecla	JOSÉ FREIXO E DONALTIM NOS AÇORES E NA MADEIRA	MORTE EM VENEZA (Banda original do filme)
Valentim de Carvalho	CALIFÓRNIA SUNDAY MORNING The Brotherhood of Man	VAMOS CANTAR DE PÉ Paco Bandeira
Zip	POEMA PENA Tonicha	HE'S GONNA STEP ON YOU AGAIN John Kongos

NO ESTRANGEIRO

Os «New Seekers», que se encontram entre os favoritos do Festival da Canção da Eurovisão, que se realiza hoje em Edimburgo, não conseguiram obter um segundo êxito sucessivo na Inglaterra com Beg, Steal or Borrow, a canção que interpretarão naquela competição, representando a Grã-Bretanha.

O conjunto continua em terceiro lugar nos «dez mais» desta semana, com o americano Harry Nilsson mantendo a posição cimeira com «Without You», a canção que foi escrita para ele pelo conjunto protegido pelos Beatles, Badfinger.

Gilbert O'Sullivan podia estar a candidatar-se ao primeiro lugar com a excelente canção «Alone Again». Isso seria outro grande êxito para o perspicaz Gordon Mills, o agente teatral que é, também, responsável pela boa fortuna de Tom Jones e de Engelbert Humperdinck.

«América» encontra-se esta semana na posição quase única de ser um dos poucos conjuntos americanos a ocupar o primeiro lugar nos Estados Unidos nos últimos tempos. «A Horse With No Name», foi já um sucesso na Grã-Bretanha, está, agora, em primeiro lugar na tabela de Nova-Iorque.

Eis as classificações desta semana, com a indicação, entre parêntesis, das posições da semana passada.

1. (1) «Without You»: Nilsson
2. (2) «American Pie»: Don Mclean
3. (3) «Beg, Steal or Borrow»: New Seekers
4. (4) «Alone Again 9naturally)»: Gilbert O'Sullivan
5. (5) «Mother and Child Reunion»: Paul Simon
6. (6) «Got to be Tere»: Michael Jackson
7. (7) «Meet me on the Corner»: Lindisfarne
8. (4) «Son of my Father»: Chicory Tip
9. (7) «Blue is the Colour»: Chelsea Football Team
10. (14) «I can't Help Myself»: Donnie Elbert

NOVA YORK

1. (4) «Horse with no Name»: America
2. (1) «Heart of Gold»: Neil Young
3. (7) «Puppy Love»: Donnie Osmond
4. (6) «Mother and Child Reunion»: Paul Simon
5. (2) «The Lion sleeps Tonight»: Robert John
6. (5) «Without You»: Nilsson
7. (-) «Jungle Fever»: The Chakachas
8. (3) «Down by the Lazy River»: Osmonds
9. (10) «Way of Love»: Cher
10. (-) «In the Rain»: Dramatics

TERRENO

para moradia e para prédio (só um ou vários lotes) ou casas para demolir. Compra-se com ou sem projectos. Em Carcavelos ou Parede ou noutra povoação da Linha do Estoril. Sou o próprio. Carta para o apartado 1.147, Lisboa-1.

HONG-KONG

1. (3) «Hurting Each Other»: Carpenters
2. (2) «Sing a Song Of Freedom»: Clif Richard
3. (4) «Hey Big Brother»: Rare Earth
4. (5) «Until It's Time For You To Go: Elvis Presley
5. (6) «Out Of Sight Out Of Mind»: Shocking Blue
6. (7) «My World»: The Bee Gees
7. (9) «Blak Dog: Led Zeppelin
8. (1) ««American Pie2. don Mclean
9. (10) «An Old Fashioned Love Song»: Three Dog Night
10. (11) «Iron Man»: Blak Sabbath.

ESTOCOLMO

1. (1) «This The Way To Amarillo»?: Tony Christie
2. (2) «Poppa Joe»: Sweet
3. (3) «Sacramento»: Middle Of The Road
4. (4) «Aenglamark (Holy Ground)»: Sven-Bertil Taube
5. (9) «Son Of My Father»: Chicory Tip
6. (6) «I Don't Know How To Love Him»: Helen Reddy
7. ( ) «Monica»: Oesten Warnerbring
8. (7) «Snaella Pappa (Please, Daddy)»: Roger Johnson
9. (5) Gammaldags Musik (Old-Fashioned Music)»: Glennmarks
10. ( ) «Mother And Child Reunion»: Paul Simon

BONA

1. (1) «Sacramento»: Middle Of The Road
2. (3) «Amarillo»: Tony Christie
3. (2) «Zeit Macht Nur... (Time Only)»: Barry Ryan
4. (4) «Du Lebst In Deiner Welt (You Live In Your World)»: Daisy Door
5. (5) «Jeepster»: T. Rex
6. (7) Telegram Sam»: T. Rex
7. (11) «How Do You Do»: Mouth And Macneal
8. (6) «Fireball»: Deep Purple
9. (8) «Mamy Blue»: Ricky Shayne
10. (20) «Am Tag Als Conny K. Starb (The Day Conny K. Died)»: Juliane Werding.

AMESTERDÃO

1. (1) «Poppa Joe»: The Sweet
2. (2) «Look Wot You Dun»: Slade
3. (3) «Als Het Om de Lief de Gaat»: Sandra En Andres
4. (4) «Son of my Father»: Chickory Tip
5. (15) «Inkpot»: Shocking Blue
6. (5) «Sacramento»: Middle of the Road
7. (8) «'N Man Mag Niet Huilen»: Jacques Herb
8. (9) «My World»: Bee Gees
9. (-) «The Talk of all the USA»: Middle of the Road
10. (18) «Holy Day»: George Baker Selection

Os «Mungo Jerry» brincam. Será por isso que não estão no «top»?

Francisco Nicholson e Helela Félix em «Lar»

"LAR" VOLTA NA 3ª FEIRA

Na próxima terça-feira (dia 28), a companhia do Teatro Estúdio de Lisboa apresentará no Teatro Vasco Santana, em reposição, a peça «Lar», de David Storey, que tem vindo a alcançar êxito na sua apresentação pela Província, cumprindo o programa do III Ciclo Gulbenkian.

Recorda-se que «Lar», na sua estreia em Portugal, na temporada passada, justificou da crítica os mais calorosos e unânimes aplausos, mais tarde confirmados pelos três Prémios da Imprensa que à companhia foram atribuídos: para a encenação (Luzia Maria Martins), para a interpretação feminina (Helena Félix) e para a companhia, pelo seu trabalho conjunto (apresentação das peças «Victor ou as Crianças no Poder», «Quem é esta Mulher?» e «Lar»).

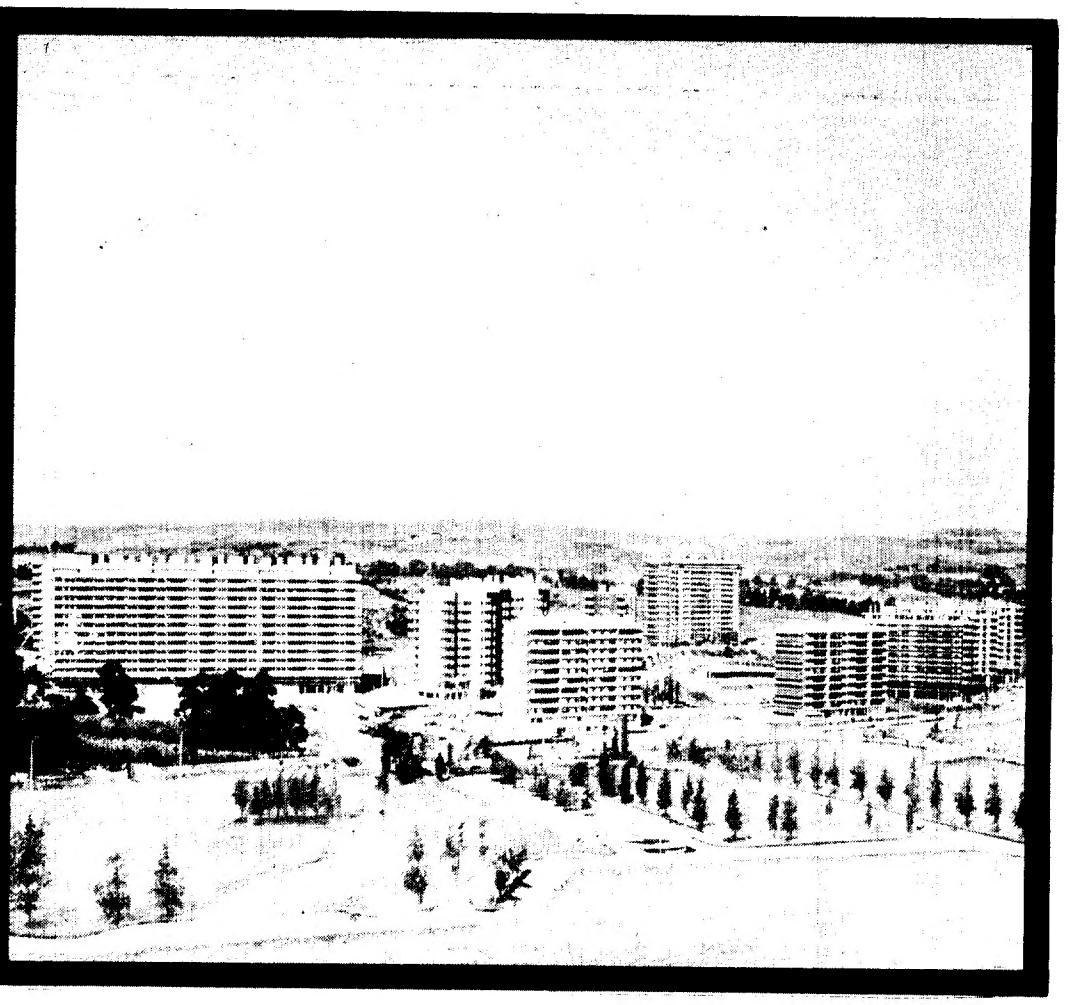
Mantendo a mesma encenação, esta reposição de «Lar» apresenta como particularidade de importante a inclusão no seu elenco de António Montez e Francisco Nicholson, que neste trabalho confirmam as indicações já fornecidas em «Um Sonho», não apenas quanto às suas possibilidades de actores mas, sobretudo, às razões que o levaram a abandonar o género de teatro que vinham fazendo e a optar por aquele que, de um modo geral, tem assinalado o historial da companhia do T. E. L., ao longo dos seus oito anos de actividade.

O talento de Helena Félix e Ana Paula, e a excelente criação de Amilcar Botica, já devidamente enaltecidos pela crítica, quando da estreia de «Lar», são outras tantas garantias do êxito da reposição desta peça que volta a ser oferecida ao publico de Lisboa. E, como sempre, a empresa do T. E. L. volta a proporcionar a estudantes e seus professores o desconto de cinquenta por cento em qualquer bilhete e para qualquer das sessões, durante a curta permanência da peça em cartaz.

Quem vive em Miraflores Lux?

MHP 4/71

ADVOGADOS 8%
AGENTES TÉCNICOS 1%
ALTOS FUNCIONÁRIOS 6%
DIPLOMATAS 4%
COMERCIANTES 6%
DIRes DE EMPRESAS 5%
ECONOMISTAS 4%
ENG. E ARQUITECTOS 10%
INDUSTRIAIS 7%
INVESTIDORES 11%
PROFESSORES 2%
PROPRIETÁRIOS 12%
MÉDICOS 15%
DIVERSOS 9%



Uma classe que sabe escolher como viver bem e que está presente no ambiente mais desejado do País

Porquê?

Porque O Parque Residencial de Miraflores-Lux foi justamente concebido para pessoas de gôsto e que sabem escolher qualidade.

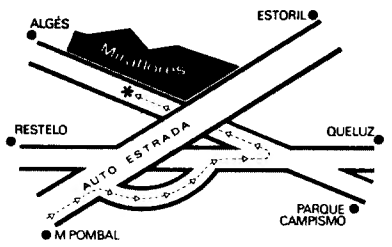
Porque As infraestruturas de Miraflores-Lux garantem passo a passo a total independência, sob todos os aspectos, deste Parque Residencial.

Porque Tendo Supermercado, vai ter imediatamente a Piscina (para verão e inverno), Escolas, Restaurante de luxo, Snack bar, Clube de Bridge, Boite e galeria comercial de alto nível com transportes públicos que servem a zona. Tudo isto para benefício exclusivo dos residentes de Miraflores – Lux.

Porque Está numa localização previligiada, o que jamais se repetirá junto à capital, relativamente a uma urbanização. Em 5 minutos apenas, sai-se da poluição e começa a respirar-se o ar puro de Miraflores – Lux entre a serra e o mar.

Porque Existe uma notável rapidez e segurança nas deslocações diárias. Miraflores – Lux, além de outras, é servida pela Auto-Estrada e a Estrada Marginal.

Porque Dá perfeitamente para ir almoçar a casa. Parafraseando o que escreveu o grande escritor Eça de Queiroz, Miraflores – Lux é «uma quinta com porta para o Chiado».



ISTO SÃO REALIDADES – NÃO PROCURE PROMESSAS NESTE ANÚNCIO

Conheça a localização, qualidade, preços e as novas modalidades de pagamento, para 2, 3, 5, 6, 7 e 8 divisões, verificando que

MIRAFLORES LUX

merece a sua visita

HABITAT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, SARL
Informações e vendas Avenida das Tulipas - Lote 10 - Algés
Telefs. 215756-216749-216768

TEATRO MUNDO

O actor negro Brock Peters será o principal intérprete da comédia musical «Lost in the Stars», de Maxwell Anderson e Kurt Weil, baseada no romance de Alan Paton intitulado «Cry, the Beloved Country» agora reposta na Broadway.

★

Sob a direcção de Christopher Morahan, foi reposta no teatro «Mermaid», de Londres, a peça de Harold Pinter «The Caretaker», com Leonard Rossiter, John Hurt e Jeremy Kemp nos principais papéis.

★

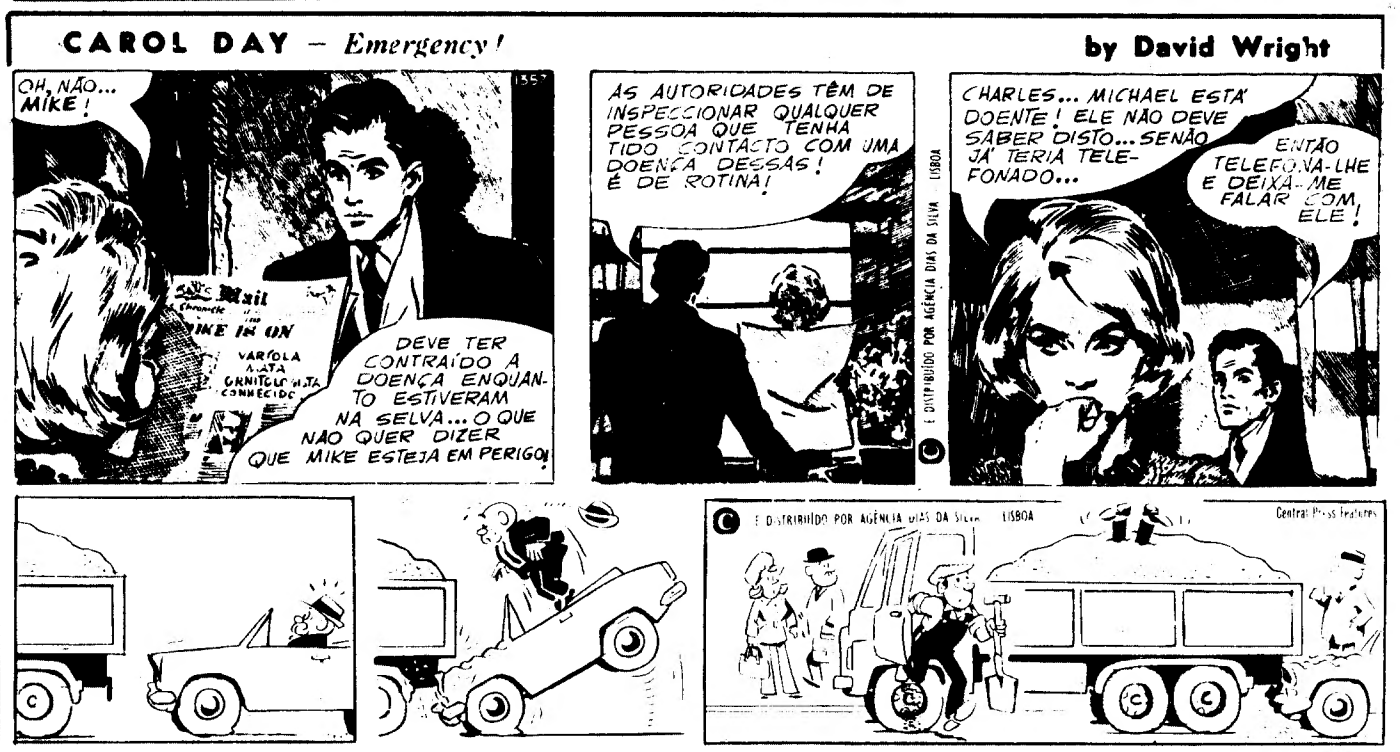
O humorista espanhol Gila está a apresentar com o título «La Pirueta» dois espectáculos diferentes, embora sob o mesmo signo: a alegria» — escreve o crítico François Baguer do «Excelsior». A primeira parte consta de diálogos imaginários ao telefone e na segunda parte é representada a peça de Anthony West «La Pirueta».

«Parece-me que Gila quis sair da rotina dos monólogos com esta peça de West, na qual sobressai o humorismo na acepção mais pura do termo. E fez bem, pois demonstrou possuir dotes histriónicos que até agora ainda não tinha revelado», conclui o crítico.

Nas MERCÊS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Papelaria Ruivinho, Largo da Presa.

O ALEGRE ASSESSOR

O assessor especial do presidente Nixon, Henry Kissinger, o mesmo que preparou a viagem à China, encontra sempre tempo para participar em acontecimentos mundanos. Ei-lo em Nova York quando há dias, ao lado da actriz Ali McGraw, assistia à estreia do filme «The Godfather», que tem Marlon Brando no principal papel. (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)



palavras cruzadas

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 10 044

HORIZONTAIS:

1 Indígenas do Norte do Brasil. Viela.
2 Gasta. Enganos.
3 Enguia. Ópera com música de Massenet. Falda.
4 Nota musical. Mamíferos ruminantes da família dos Cérvidas. Sufixo que designa estado.
5 Ordenam.
6 Cloro (s.q.). Nome de mulher. Campeão.
7 Jogo popular. Peixe do Algarve.
8 Bebida alcoólica que se fabrica na India e na América, fermentando arroz. Avarenta.
9 Idem. Preposição e artigo definido. Bismuto (s.q). Reis.
10 Tombas. Explodes (fig).
11 Macacos americanos. Entrega.

VERTICAIS

1 Adeja. Não religiosa.
2 Irritante. Fileira.
3 Recusa. O mesmo que alva. Item.
4 Rio da Rússia. Grama (abrev). Poente.
5 Tirara. Contracção de preposição a com pronome.
6 Isento.
7 Campânula. Prefixo que designa afastamento.
8 Cidade da antiga Caldeia. Apelido. Anima.
9 Estava. Assassina. Ósmio (s.q).
10 Guará. Sovas.
11 Guarnecera de asas. Povo.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6202

HORIZONTAIS

1 Freguesia do concelho de Boticas. Freguesia do concelho e distrito de Bragança.
2 Dá massagens a. Mentira.
3 Espiolhares.
4 Bilha para maluvo, na Lunda. Fronteira.
5 Cálcio (s.q). Paixão (fig). Bário (s.q).
6 Mau cheiro. Preposição e artigo definido (pl). Termo.
7 Ilha do mar do Japão. Covil.
8 Escudeiro. Oceano. Coragem.
9 Criminoso. Larva das feridas dos animais.
10 Artigo definido. Mano. Deus dos pastores.
11 Grande sábio. Remediar.

VERTICAIS

1 Bufalo de Angola. Peça de vestuário masculino de cerimónia com abas que não chegam à frente (pl).
2 Preposição. Arrancai. Apelido.
3 Apanha. Adória.
4 Conclui. Ena!
5 Prendera. Parede.
6 Favorece.
7 Freguesia do concelho de Vila Verde. Artérias.
8 Limpar com areia. Rate.
9 Costurei. Pessoa muito gorda ou sovina.
10 Aluminio (s.q). Aguço. Utensilio doméstico.
11 Primeira parte do nome do filósofo chinês autor de «Livro da Vida e da Virtude». Sofrer (fig).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 043

HORIZONTAIS

1 VIVA. QUEM.
2 Ama. Ais. Asa.
3 Gó. Estar. Ti.
4 Alaga. Oiros.
5 Ara. Mel.
6 Vim.Toa. Pás.
7 Amarrai.
8 Naves. Assam.
9 Crás. Aaro.
10 Em. Secar. Er.
11 Ramal. Morsa.

VERTICAIS

1 Gava. VENCER.
2 Imolai. Arma.
3 Vã. Armava.
4 Ega. Messa.
5 Asa. Tas. El.
6 Mit. Dor. Ac.
7 São. Ara. Am.
8 Rim. Ásaro.
9 Uã. Repisa.
10 Estola. Ares.
11 Mais. Samora.

Provérbio: Viva quem vencer.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6201

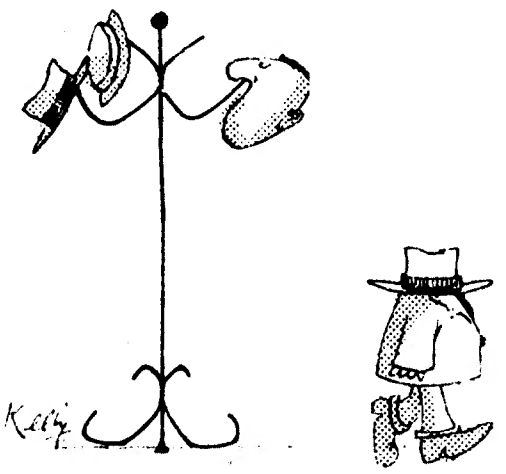
HORIZONTAIS:

1 Pai. Pão. Bar.
2 Au. Cai. Peru.
3 Aru. Co. Ri.
4 Este. Porte.
5 Reimoso.
6 MM. Ali. Crêr.
7 Tré. Maomé.
8 Er. Riev. AT.
9 Acenos. Aula.
10 Cavan. Acra.
11 Orão. Atoara.

VERTICAIS:

1 Palermo. Aço.
2 Au. Sem. Ecar.
3 Ati. Treva.
4 Cremar. Não.
5 Pau. Oleron.
6 Aí. Psi. Si.
7 Coo. Me. At.
8 Pôr. Cavaco.
9 Be. Toro. Ura.
10 Arre! Emalar.
11 Rui. Creta.

— Acho que ele não entendeu bem o que eu disse. Só pedi que preenchesse o impresso em triplicado



Sem legenda

ÍDOLOS DA CANÇÃO

PAULO DE CARVALHO VAI "JOGAR" POR FORA

«Cantar em espanhol, será começar pelo mercado da América do Sul, e depois, geogràficamente, «subir» até à América do Norte».

Assim começou a nossa conversa com Paulo de Carvalho com uma explicação sobre a decisão de ir viver para o estrangeiro, em Espanha.

«Em princípio e a princípio a ida é para Espanha, porque cheguei à conclusão, por muito triste que isto seja, que a música é um negócio, muito embora nós não o queiramos admitir como tal. E, sobretudo, a música é a minha vida. Tenho renda de casa para pagar e outras em que gastar dinheiro. Lògicamente, parece que, sendo a música um negócio, de certo modo não me deveriam acusar de cantar coisas realmente más: não cantarei coisas de grande qualidade, é verdade, principalmente no que diz respeito a letras, mas isso não se deve à minha falta de interesse nesse aspecto. Parece-me haver pouca gente a fazer letras para músicas — e quando digo letras para músicas não digo poemas para serem cantados, porque, a meu ver, uma coisa letras, outra são poemas para ter num livro para ler lá em casa. Mas estávamos a falar da minha ida para fora: trata-se de tentar outros horizontes, porque dá-me a impressão que isto aqui, no que me diz respeito, está a estagnar, pelo que não conseguirei durar muito tempo. Desde sempre que a minha ideia era ir para o estrangeiro, mas só agora é que irei pois terminei o serviço militar há três ou quatro meses e, além disso, surgiu uma boa oportunidade através de um amigo meu, Alfonso Agullo, agente de «A Pandilha», que conheci através da Movieplay quando ele veio cá a Portugal. Ouviu discos meus, gostou, e interessou-se pelo meu caso».

Perguntámos se Paulo de Carvalho não achava que a música inglesa em Espanha não seria menos bem aceite do que cá, visto que sempre soubemos em Paulo a vontade de cantar em inglês, e já que o seu LP «Eu, Paulo de Carvalho» é exclusivamente cantado nesse idioma.

«Eu vou começar por cantar em espanhol, pois o mercado assim mo exige. Mas, como já disse, o meu objectivo são os Estados Unidos e farei o possível para atingir essa meta, através da América Latina. Esse LP será o meu «cartão de visita».

Por FERNANDO GUERRA

COMÉRCIO E NÃO SÓ

Interrompemos para perguntar se começar do princípio seria não cantar o que queria, uma vez que teria de se sujeitar ao mercado.

Acho que se tem que cantar sempre o melhor possível, mas dá-me a sensação que no, princípio de uma carreira, um cantor tem que ser, como as pessoas costumam dizer, um bom bocado «comercial», para só depois poder fazer aquilo que quiser.

O que será para Paulo um «cantor comercial»?

Para mim, cantor comercial começa por ser aquele que vende. Aliás acho que a opinião não é só minha. Há músicas que vendem e que são piores que outras que não se vendem. O que tenho de atingir é uma melhor qualidade, porque comercial tomara eu ser sempre. Será lógico, que, como todas as pessoas que têm meia dúzia de ambições, eu pretenda chegar ao melhor possível, dentro do comercial. Digo isto porque, a partir do momento em que uma pessoa grave discos é mesmo para vender.

Paulo de Carvalho, o profissional à procura de melhores ganhos, o que é natural. Mas, no estrangeiro, Paulo será apenas mais um, enquanto que cá ele já tem nome feito.

Eu sei isso perfeitamente. Mas há uma coisa: antes de ser o Paulo de Carvalho cá, eu não era nada. E aqui faço uma pergunta: Não haverá no estrangeiro intérpretes piores do que eu? A partir disto, porque não pensar que terei um lugar? O que acontece lá fora é justamente haver trabalho para todos, a todos os níveis, uma coisa que cá não existe. Cá há trabalho para os muito bons, durante 2 ou 3 anos, e depois acaba, e o artista «morre», porque o meio é pequentìssimo.

A voz desde que conhecemos Paulo de Carvalho, ouvimos-lhe já três vozes diferentes: a das primeiras gravações na Philips, a interpretação de «Corre Nina» do festival da T.V. de há uns anos e a que «usa» desde a gravação de «Walk on the Grass». Até que ponto a voz de agora é a sua voz?

Tenho agora 24 anos, é natural que tenha mudado de voz. Não totalmente, porque ainda sou capaz de cantar o «Corre Nina» da mesma maneira. Tenho é realmente uma voz mais grave, num tom mais grave, digamos. Além disso possuo uma grande extensão de voz. A única diferença, portanto, talvez esteja no facto de eu ter encontrado pessoas que sabem explorar as características da minha voz, fazendo-me ver determinadas possibilidades que até aqui eu não tinha descortinado.

Mas parece-nos que, estando a cantar, tanto faz a Paulo dizer «meu amor mais terno» como falar da «bomba atómica»: tudo soa da mesma maneira (isto em relação ao tom de voz, não à maneira de cantar).

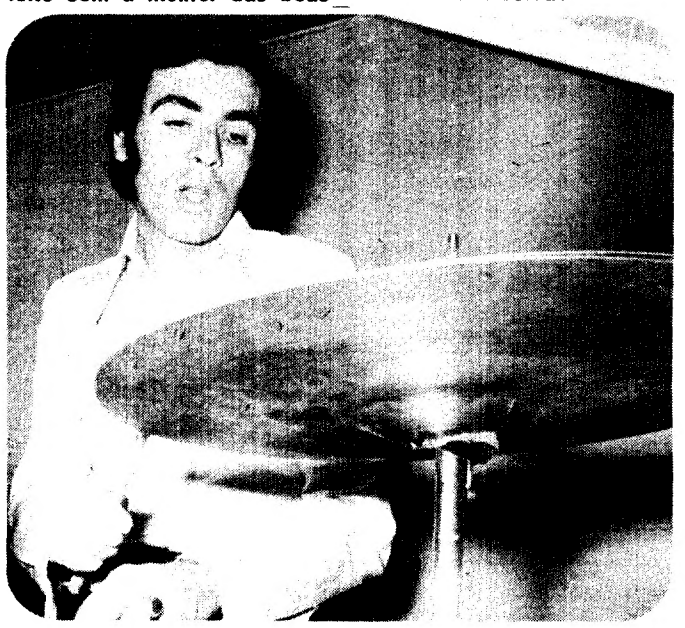
Isso agora vem jogar um bocado com o que eu penso do comércio de discos. Na minha «fase Philips» chamemos-lhe assim, eu trabalhava para fazer o melhor possível, exactamente como pensava que devia ser, sem concepções comerciais absolutamente nenhumas. Não vendi: Nem ninguém me conheceu. Pois era lógico que, a partir do momento em que não consegui fazer uma coisa de determinado modo, modificasse os processos utilizados. E foi assim que comecei a ser mais ou menos conhecido, que os meus discos se começaram a vender, e até é por isso que eu tenho a oportunidade de ir para o estrangeiro. Na Philips fiz um trabalho que me agradou: ia para o estúdio e gravava o que queria, discutia os temas com o autor das letras para as minhas próprias músicas. Enfim, um trabalho feito com a melhor das boas vontades, mas que não resultou junto do público. Portanto seria lógico que modificasse a minha maneira de fazer as coisas. E os frutos estão à vista! A partir disto, só posso pensar que para além da música ser boa ou ou muito bem construída e com boas letras, ela será sempre um negócio.

NEGÓCIO

Portanto a música portuguesa, para Paulo de Carvalho, não é um negócio...

«Para já, convém esclarecer que, para mim, música portuguesa é a música feita por autores portugueses, autores com ideias modernizadas, com os ouvidos cheios de coisas estrangeiras, como eu estou, e portanto com as «fórmulas» de compor já adquiridas. Autores que tentam fazer algo de novo cá. Mas eu continuo na minha: pode demorar muitos anos e estar ali atrás da porta., mas quem é que vai descobrir? Até à data creio que ninguém achou a solução. Além disso nós sabemos há muito, não é de agora, que o público reage muito melhor ao que vem do estrangeiro. Há que lutar muito, e esforços individuais não contam e não duram. Cada um faz o que quer, mas ninguém aprecia o seu esforço, ninguém respeita o trabalho dos outros. Assim nada se conseguirá. E há o problema da música se tornar numa profissão, como é o meu caso, e eu não acredito que todos os que estão empenhados numa «nova música portuguesa vivam só da música».

Cabia aqui uma pergunta: o reportório. Quando Paulo de Carvalho escolhe o que vai gravar, segue alguma linha prèviamente estabelecida?



«Não sou eu sòzinho que faço a escolha do material a gravar. E é aí que tenho de fazer determinadas concessões, pelo que a editora pensa ou os que me ajudam e comigo trabalham pensem que é melhor para mim. Esse trabalho de equipa engloba o Thilo Krassman, o Rui Ressurreição e eu. Pois haverá quem me acuse de cantar coisas menos boas (em matéria de letras principalmente), mas aí volta a necessidade de vender e de chegar ao máximo de pessoas, o que se tem conseguido com este trabalho de equipa. Neste aspecto (a acusação de cantar coisas menos boas) cabe um parêntisis: ùltimamente, dá-me a impressão que há uma série de pessoas que, por diversos motivos (a meu ver será especialmente por inveja) estão contra mim e contra tudo aquilo que eu faço. Evidentemente que não vou empregar a velha expressão «os cães ladram e a caravana passa», mas o facto é que se muda de opinião, nesta terra, e no que diz respeito à música, depressa demais: pessoas que ainda ontem diziam maravilhas de mim, agora só dizem mal. Aqui está uma outra vantagem da minha ida para o estrangeiro, como que um lavar de ouvidos de tudo aquilo que têm dito contra mim e, também, uma pausa salutar para os ouvidos dessas pessoas.»

DISCO

Assim, temos Paulo de Carvalho arredado do nosso «pequeno» meio onde irá, sem dúvida, fazer falta. Para já um novo disco gravado a lançar em Espanha brevemente.

«É um single», com duas músicas de um autor e compositor espanhol, Manuel Alessandro: No lado «A» o título «As veces llegan cartas» e no lado «B» «Algun Dia». Escusado será dizer que deposito neste acetato uma grande esperança, talvez a «porta para o sucesso fora de portas», aquele sonho que sempre alimentei. Mas não é só êxito, o que pretendo no estrangeiro: Vou estudar música, para que possa ler uma pauta com relativa facilidade. Também a maneira de estar no palco precisa de ser muito aperfeiçoada. Talvez um pouco de coreografia, se não é ser muito ambicioso. Tenho que estar seguro do que vou fazer, pois entendo que, uma vez que uma pessoa decide ser profissional de qualquer coisa, tem que o ser da melhor maneira possível. E como desejei ser profissional de música, como intérprete, é por isso mesmo que me vou embora, porque um profissional da canção em Portugal não tem condições para trabalhar.»

Paulo de Carvalho vai-se embora: ficam os festivais de canções, «A flor sem Tempo», o «Walk on the Grass», o nome de alguém que começou aqui. Alguém que espera conseguir no estrangeiro o que aqui não pode ter; o que aqui se lhe nega por todas as limitações e incompreensões, o que cá nunca se dá a ninguém que não saiba dar chutos na bola: a fama.

«Vou, o que não que não quer dizer que não volte. A música é a minha vida. Mas a música também é um negócio, e eu preciso de viver!».

PAULO DE CARVALHO